Estratégia CONCURSOS

Aul

Conhecimentos Específicos p/ ALAP (Bibliotecônomista) Em PDF - Pós-Edital

Professor: Janaina Costa

1 – BIBLIOTECONOMIA , DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. 7

1.1 – A BIBLIOTECONOMIA , AS BIBLIOTECAS E O BIBLIOTECÁRIO 7

1.2 – ASSOCIAÇÕES PROFISSIONAIS E ENTIDADES DE CLASSE. 35

1.3 – TEORIAS E FINALIDADES DA DOCUMENTAÇÃO 40

1.4 – LINHA DO TEMPO DO DESENVOLVIMENTO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. 52

1.5 – QUESTÕES DE CONCURSO 70

2 – GESTÃO DA INFORMAÇÃO E DO CONHECIMENTO. 78

2.1. – INFORMAÇÃO, CONHECIMENTO E INTELIGÊNCIA ORGANIZACIONAL. 78

2.2. – MANTENHA O FOCO! 85

2.3. – O CICLO INFORMACIONAL. 93

3 – DICAS FINAIS. 95

3.1. – CHECK LIST. 95

3.2. – BIBLIOGRAFIA. 96

3.3. – HORA DE PRATICAR. 97

3.4. – GABARITO. 98

Assembleia Legislativa do Amapá.

Eis um certame bastante interessante lançado pela Assembleia Legislativa do Estado do Amapá. A Fundação Carlos Chagas FCC organiza-o para 2020 e traz consigo um edital com um conteúdo programático bastante extenso.

Breve análise do edital

ANALISTA LEGISLATIVO - ATIVIDADE ADMINISTRATIVA - ESPECIALIDADE: BIBLIOTECONOMISTA

"Executar a organização e manutenção de acervo bibliográfico da Assembleia Legislativa e dos seus diversos órgãos; desenvolver mecanismos de controle de entrada e saída de publicações pertencentes ao acervo da Assembleia Legislativa; desenvolver trabalhos de pesquisa, estudo, registro e manutenção de acervo bibliográfico de documentos e informações de interesse legislativo, em particular, e das demais áreas do conhecimento, no geral; auxiliar a área de áudio e vídeo na organização e manutenção do correspondente acervo; desenvolver demais tarefas afins."

O que nos chama atenção é a parte final: auxiliar a área de áudio e vídeo na organização e manutenção do correspondente acervo, o que seria o Bibliotecário também ajudar na organização do acervo de áudio e vídeo. Geralmente não se colocam assim as atribuições da nossa área, mas não há problema em estar explícito dessa forma.

A prova será constituída da seguinte forma:

ANALISTA LEGISLATIVO Atividade Administrativa **Especialidades:** **Administrador;** **Assistente Social;** **Biblioteconomista;** **Enfermeiro;** **Pedagogo;** **Psicólogo.**	**Objetiva**	**Conhecimentos Gerais** -Português (10) -Raciocínio Lógico-Matemático (04) -Geografia e História do Amapá (06) **Conhecimentos Específicos**	20 30	1 3	3h	Habilitatório e Classificatório
	Discursiva:	**Estudo de Caso**	2	2	3h	
	Avaliação de Títulos					Classificatório

Vimos no quadro que há várias matérias de conhecimentos gerais e o aluno precisa dedicar tempo a elas também. Porém, os conhecimentos específicos estão com peso 3 e a diferença entre o primeiro colocado e os demais estará em quem for melhor na BIBLIOTECONOMIA ! Então, vamos iniciar os estudos com muito afinco!

FRASES MOTIVACIONAIS:

- **R$ 11.128,90 de subsídio + vale alimentação**.
- **São 02 vagas!**

OBS:

FIQUE ATENTO À DATA DAS INSCRIÇÕES!

As provas serão realizadas na cidade de Macapá-AP, no dia 02/02/2020.

Ou seja, o tempo de estudo será mais do que suficiente, porém, o programa da prova é bastante extenso:

CONTEÚDO – CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS – BIBLIOTECONOMIA

AULA 00 DIA 25/09/2019

Biblioteconomia , Documentação e Ciência da Informação: teoria e finalidades. Gestão da informação e do conhecimento: conceitos básicos.

Este conteúdo será o foco da nossa aula demonstrativa.

AULA 01 DIA 29/09/2019

Bibliotecas, Redes e Sistemas de Informação Especializados: gestão e tratamento da informação. Recursos Informacionais: tipologia de fontes bibliográficas e de dados. Fontes impressas e eletrônicas, bases de dados. Bibliografias e catálogos brasileiros e internacionais. Depósito legal e controle bibliográfico.

Aqui iremos complementar a aula demonstrativa e apresentar um conteúdo renovado e atualizado.

AULA 02 DIA 06/10/2019

Sistemas de recuperação de informação: novas tecnologias na recuperação da informação, estratégias de busca, avaliação, instrumentos e tendências. Indexação, Resumos e Índices: função, metodologias, tipos e processos de indexação; política; função e metodologias para elaboração de resumos; avaliação de resumos, índices.

Em outubro, entraremos no conteúdo crítico deste concurso, especialmente por serem grandes candidatos a serem cobrados nas questões de ***estudo de caso****.*

AULA 03 DIA 13/10/2019

Linguagens Documentárias: tipologia, conceitos, metodologias e gestão. Linguagens pré e pós-coordenadas: cabeçalhos de assunto, tesauros; controle de vocabulário; conceito e descritor; critérios de compatibilização: precisão, universalidade, univocidade, pertinência e funcionalidade; critérios de avaliação de eficácia.

AULA 04 DIA 20/10/2019

Terminologia, sintaxe e semântica na construção de linguagens documentárias.

AULA 05 DIA 27/10/2019

Representação Descritiva: conceitos básicos; catálogos. Descrição bibliográfica: conceitos, metodologias e instrumentos. Códigos de catalogação: AACR2: princípios e aplicações.

AULA 06 DIA 03/11/2019

Catalogação de diferentes documentos; outros códigos de catalogação. Catalogação cooperativa; catalogação retrospectiva; formatos de intercâmbio. Avanços recentes na área de representação bibliográfica.

AULA 07 DIA 03/11/2019

CONTEÚDO EXTRA: Questões da FCC de 2014 a 2018.

AULA 08 DIA 10/11/2019

Requisitos Funcionais para Registros Bibliográficos (FRBR): noções básicas.

AULA 09 DIA 17/11/2019

Representação Temática: conceitos e gêneros de representação documentária. Sistemas de classificação bibliográfica.

AULA 10 DIA 24/11/2019

Classificações facetadas: teoria, desenvolvimento e aplicações. Sistemas de classificação: novos desenvolvimentos e aplicações em serviços automatizados e na internet.

AULA 11 DIA 01/12/2019

Formação e Desenvolvimento de Coleções: conceitos; processos e políticas; seleção de documentos e temas correlatos; censura; direito autoral; cooperação interbibliotecária; organização do serviço de aquisição: compra, doação e permuta; desbastamento; avaliação de coleções.

AULA 12 DIA 08/12/2019

Administração de Bibliotecas: princípios e funções administrativas em bibliotecas; organização e implementação de serviços de biblioteca e Documentação ; estrutura organizacional, as grandes áreas funcionais da biblioteca.

AULA 13 DIA 15/12/2019

Planejamento Bibliotecário : conceituação, objetivos; tipos de planos; projetos; administração por projetos; diagnóstico; estudo de viabilidade; meios e instrumentos de execução; acompanhamento, controle e avaliação.

AULA 14 DIA 22/12/2019

Informática: noções de informática, automação de bibliotecas e serviços de informação; requisitos e escolha de sistemas automatizados; preparação do documento; sistemas integrados e não-integrados; propriedades, funções e avaliação de sistemas para automação.

VIRADA DE ANO – 2020.

AULA 15 DIA 05/01/2020

Principais sistemas de informação automatizados nacionais e internacionais.

AULA 16 DIA 12/01/2020

Bibliotecas digitais: conceitos e definições. Requisitos para implantação de bibliotecas digitais. Software para construção de bibliotecas digitais.

Temas que possuem uma mudança da banca em relação a eles, no sentido de buscar novos autores e referências para elaboração de suas questões

AULA 17 DIA 19/01/2020

Serviços ao Usuário: pressupostos básicos e diretrizes; serviço de referência e informação: conceitos, estrutura e processo; modelos de fluxo e fases; entrevista de referência: questão, negociação; interação Bibliotecário -usuário; alerta e disseminação da informação.

AULA 18 DIA 26/01/2020

Conservação, preservação e restauro de documentos.

Além dos conteúdos de Biblioteconomia , fazem parte dos conhecimentos específicos – Noções de Direito Administrativo e Administração Pública, Lei 2.382 de 21.11.2018 e Resolução 91 de 26.04.2006 Regimento Interno da ALAP, Constituição do Estado do Amapá, Lei nº 8.666 de 21.6.1993, Lei nº 10.520/2002, a Lei dos servidores públicos nº 66 de 03 de maio de 1993, a Lei de improbidade administrativa nº 8.429 de 2.6.1992 e a Lei de acesso à informação 12.527, de 18.11.2011 (que também pode virar estudo de caso).

Seguimos então para o início dos conteúdos, tendo 11.128 mil motivos para estudar.

1 – BIBLIOTECONOMIA , DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO.

1.1 – A BIBLIOTECONOMIA , AS BIBLIOTECAS E O BIBLIOTEÁRIO.

BIBLIOTECONOMIA .

Para entender a delimitação de Biblioteconomia , vamos tratar o seu principal equipamento cultural:

...a biblioteca...

A história da **biblioteca** é a **história do registro de informação**, sendo impossível destaca-la de um conjunto amplo: **a própria história do homem.** Na medida da produção do registro informativo, o homem engendrou sistemas – tão rudimentares quanto a informação registrada – para não a dispersar. Era preciso reter a informação sobre algum suporte concreto; consequentemente, tornou-se imprescindível a preservação desses suportes – os documentos – bem como a organização deles. Quanto mais documentos produzidos, maior a exigência de controle. A resposta à explosão informativa do século XX foi a utilização do computador para ordenar a informação registrada (MILANESI, 1983).

Os profissionais responsáveis por esta ordenação eram, e ainda são, os Bibliotecário s:

...os Bibliotecário s...

O que é ser um Bibliotecário hoje? Frente às novas tecnologias que surgem a cada dia e, com isso, o aumento das exigências pelos usuários dessas inovações, depara-se um profissional que precisa atender exigências que requerem qualidade e muita velocidade [...] A profissão de Bibliotecário é uma das carreiras que mais tem sofrido transformações, devido às influências da informática através da aplicação de novas tecnologias para a automatização do acervo e de recursos advindos do uso de internet no seu trabalho.

As **múltiplas funções** exercidas pelo **Bibliotecário** implicam em sua atuação nas mais diversas áreas de pesquisas científicas à extensão cultural, no apoio ao ensino e aprendizagem, da educação infantil à pós-graduação. O Bibliotecário que se destaca hoje tem de ser capaz de fazer as mudanças acontecerem e tornar-se indispensável através da **disseminação da informação** em todos os níveis e em todos os locais de sua atuação, transformando qualquer unidade de informação em ambiente dinâmico, em constante evolução (SILVA, 2005).

O terceiro elemento desta equação é a profissionalização da prática de organizar informação:

...a Biblioteconomia ...

A história da profissionalização da Biblioteconomia – segundo Castro (2000), uma profissão requer um conjunto de elementos mínimos para consolidar-se: - um **espaço** na sociedade para desenvolver as suas atividades e exercer a sua função social; – um programa de **pesquisa** para ampliar os horizontes teóricos e técnicos que garantam o aperfeiçoamento profissional contínuo;

Continuando...

- uma **literatura** própria, orientadora de sua base teórica e prática; um sistema de ensino capaz de transmitir os conhecimentos necessários ao exercício profissional, em diferentes níveis de capacitação; - uma **legislação** que garanta os direitos dos usuários e preserve as conquistas dos profissionais da área.

Prado (1992) afirma "ao pretendermos organizar uma **BIBLIOTECA** precisamos considerar dois aspectos básicos: **o intelectual e o material.** O **intelectual** é a preocupação de servir um público que pede conhecimentos, podendo esse público ser ou não especializado. O **material** é a preparação técnica do acervo para que fique em condições de atender rápida e acertadamente às consultas dos leitores". Existe, portanto, uma organização-padrão de uma biblioteca:

- Há sempre um diretor que orienta todo o trabalho e um número variável de responsáveis pelas diversas seções, departamentos, etc., dependendo do tamanho da biblioteca.
- Adquirido o material, ele será tombado, isto é, registrado, e em seguida classificado, catalogado, preparado para ser usado e, finalmente, guardado na estante.
- Na seção de aquisição deve haver bibliografias, listas de livrarias e editoras e outros recursos. É necessário, também, o livro ou o fichário de tombo para ser registrado o material adquirido, cada item recebendo o seu número.
- Na seção de classificação deve, naturalmente, haver o sistema de classificação usado pela biblioteca e o sistema de identificação do livro dentro de sua classificação (como, por exemplo, a tabela PHA), e o fichário topográfico, para se confrontarem os livros que serão classificados com as fichas dos que já o foram.
- Na seção de catalogação, além das fontes necessárias para consultas bibliográficas e de sugestões de assuntos, deve haver fichários de identidade, de cabeçalhos de assuntos e de casas publicadoras.
- Na seção em que o livro é preparado para ser entregue ao leitor deve haver ex-libris, papeletas de datas de entrega, tinta para o lettering ou etiquetas, cola, etc.
- A seção de referência é constituída do material que só pode ser consultado dentro da biblioteca e deve ficar bem à vista da pessoa que atende ao público.
- Na sala de leitura estará o catálogo do público (dicionário, sistemático ou qualquer outro adotado pela biblioteca).
- Na carteira de circulação haverá, quando a biblioteca for circulante, o fichário dos leitores inscritos na biblioteca e o fichário dos livros retirados.

A abordagem dada a este tópico se fixa em autores que buscaram os paradigmas da área por meio do exame da literatura produzida. Um desses autores é Francis Miksa (1992 *apud* OLIVEIRA, 2006). Conforme

seus achados, a Biblioteconomia e a Ciência da Informação representam campos científicos orientados por paradigmas diferentes.

O paradigma da Biblioteconomia , segundo o autor, **consiste em um grupo de ideias relacionadas com a biblioteca, então considerada como uma instituição social**. Suas origens encontram-se nos trabalhos de estudiosos da Escola de Biblioteconomia de Chicago, durante os anos 1920 e 1930.

Tal paradigma desenvolveu-se usando ideias e metodologias buscadas nos campos da Sociologia e da Educação. **O ponto focal desse paradigma é a biblioteca em si mesma.** Através dele, ela é vista como uma instituição social e, mais especificamente, como uma organização social bem definida e única. Como toda organização social, a biblioteca tem material organizacional e características intelectuais que servem como significado para expressar suas funções em uma estrutura social.

Nesta visão é possível identificar, nas funções da biblioteca, três propriedades, que pressupõem as bases: material, profissional e organizacional, as quais efetivam o exercício de tais funções.

1. **Propriedades materiais:** incluem coleções de objetos representando o conhecimento (documentos) e equipamentos especializados.
2. **Propriedades organizacionais:** referem-se ao conjunto de estruturas administrativas e de pessoal.
3. **Propriedades intelectuais:** englobam a ideia de sistema, como, por exemplo, sistema de classificação, estrutura de catalogação, política de seleção.

Então, temos, organização da biblioteca, que pode ser **material** e **intelectual**. E, temos também, as propriedades paradigmáticas de Miksa (1992) que são **materiais**, **organizacionais** e **intelectuais.** Le Coadic (2004) vai definir a **Biblioteconomia** como sendo uma disciplina de orientação técnico-social que provisiona o **acesso à informação** por meio da organização das **bibliotecas**.

Armazenamento, transmissão e recuperação de informação na sociedade. Ao longo do tempo diversas tecnologias foram utilizadas para o armazenamento, a transmissão e a recuperação das informações necessárias à sociedade. Além disso, a informação é sempre construída para responder às demandas contextuais no processo de comunicação.

Para McGarry (1999), o ser humano comunica-se com o mundo por meio de regras adquiridas da cultura em que está inserido. Nesse contexto, cultura é definida como [...] (Idem, 2005) uma forma prática de designar o modo de vida dos grupos humanos e todas as atividades que este modo de vida implica. Assim, 'cultura' incluirá crenças, habilidades, artes, moral, costumes e qualquer outra aptidão física ou intelectual adquirida por seres humanos como membros da sociedade (McGarry, 1999).

O processo de transmissão da informação na sociedade está ligado à **cultura**. Essa cultura está investida de regras, linguagens, signos e símbolos para representar a informação, possui sentido não-material, incluindo artefatos como armas, ferramentas e construções. Devemos aos outros membros da sociedade, vivos ou mortos, as formas como organizamos nossas informações e um sistema de armazenamento é imprescindível para permitir que os seres humanos se beneficiem do conhecimento e aptidões dos outros. É o que McGarry denomina de memória social ou cultural.

Para compreender os processos de armazenamento, transmissão e recuperação da informação, é necessário estudar a evolução das tecnologias de informação e comunicação na sociedade.

Numa abordagem histórica, McGarry (1999) destaca algumas etapas que considera importantes para o entendimento da sucessão e substituição das "ferramentas de informação": **a comunicação oral, o alfabeto, o manuscrito, a tipografia e a comunicação eletrônica** (MIRANDA; SIMEÃO, 2005).

Nos primórdios da humanidade, a cultura era transmitida para as pessoas através da **tradição oral.** Esta fase é denominada de **"oralidade primária".** Segundo Lèvy (1993) é quando a palavra tinha como função básica a gestão da memória social e quase todo o edifício cultural estava fundado sobre as lembranças dos indivíduos.

Além disso, a comunicação oral era importante nas sociedades **ágrafas** para transmissão dos conhecimentos que se utilizavam do recurso do mito, da poesia e dos provérbios, canções e lendas para sua memorização.

A necessidade de um meio mais permanente de transmissão das informações surge das relações sociais. A evolução dos **sistemas de sinais** pode ser dividida em **fase pictográfica** (representações de objetos, ações ou ideias), seguida da **fase ideográfica** (uma atividade, um objeto ou ideia representada por um único signo), e finalmente **a silábica** (signos que representam grupos de letras).

O marco desta etapa se dá com a criação do primeiro alfabeto em 1700 aC na Palestina e na Síria. Mas somente em 800 aC, surgem indícios do **alfabeto** ocidental (MIRANDA; SIMEÃO, 2005).

Segundo Milanesi (1982) Os reis assírios tinham seus arquivos, bem como os sumérios e babilônicos. Nessa fase da história, esses povos usavam **placas de argila** para registrar o conhecimento, gravanado nelas inscrições cuneiformes – uma das primeiras formas de escrita. O conjunto dessas placas de argila pode ser entendido como uma biblioteca. Em Nínive, os arqueólogos encontraram por volta de 22 mil placas, que estavam ali desde o século VII a.C.

Um avanço significativo foi a utilização do **papiro** como suporte da escrita. Era um material mais leve, mais flexível, ainda que frágil. O papiro é uma planta que nasce das margens do rio Nilo e foi utilizada pelos egípcios já antes do terceiro milênio a.C. através de uma técnica de entrelaçar suas fibras formando uma superfície apta a receber inscrições a tinta. Passou a constituir-se no produto mais divulgado do Egito e, por séculos, foi a forma mais prática para produzir documentos escritos (MILANESI, 1982).

Posteriormente, o papiro importado, na Roma e Grécia antiga, foi substituído pelo **pergaminho**, pele de carneiro ou de outros mamíferos tratada de forma a servir como um suporte de inscrições a tinta. As

peles, que podiam ser enroladas como o papiro, passaram a ser recortadas e unidas numa margem, formando um objeto mais próximo da forma do livro atual (MILANESI, 1982).

É sempre lembrado o **Museion de Alexandria**, uma espécie de centro de cultura, uma casa de sábios, que chegou a reunir, supõe-se, mais de 500 mil volumes. Essa biblioteca primitiva foi destruída em 47 a.C. Mas a ideia de formação desses acervos que aglutinavam os sábios persistiu, inclusive em Roma, onde no ano de 370 existiam 28 bibliotecas públicas, um índice considerável se comparado com fases mais recentes (MILANESI, 1982).

Desde o princípio das civilizações, o ser humano utiliza **diversos recursos para simbolizar a realidade que o circunda**. Ao produzir pinturas rupestres, o homem pré-histórico desenhava figuras que retratavam práticas do seu cotidiano. (...) A pintura, nesse caso, foi um elemento usado para a **representação da realidade**. Representar significa colocar **"algo em lugar de",** conforme define Alvarenga (2003).

A representação das coisas é atrelada ao conceito de substituição. **Representando, criamos uma relação entre o que se apresenta e o signo, num ato de substituição,** mas que não pode deixar de ser um gesto de conhecimento (PINTO, 2010). (...) **Representar**[1] é o ato de utilizar elementos simbólicos – **palavras, figuras, imagens, desenhos, mímicas, esquemas, entre outros – para substituir um objeto, uma ideia ou um fato.**

O termo "**representação**", relacionado com o mundo cognitivo, pode ser analisado e interpretado de diferentes maneiras. Trata-se de uma habilidade inata; consiste em perceber, descrever, gravar e interpretar uma informação. A representação é um processo em que se imbricam dois mecanismos — um, **visual**, e outro, **mental**[2].

A visão é capaz de captar detalhadamente as características, nomes e propriedades dos objetos e fazer uso de uma **linguagem** (verbal) **que os denota e qualifica.** Logo, representa, ou seja, conectada à central elétrica que é o cérebro, descreve e registra a informação percebida pelo olho, descreve-a, identifica-a e, por último, interpreta-a.

Guiraud (1974, p. 34) define **signo** como **"um estímulo — uma substância sensível cuja imagem mental está associada a nosso espírito, à imagem de outro estímulo que esse signo tem por função evocar com o objetivo de estabelecer uma comunicação".** Assim, o signo tem sempre a intenção de comunicar um sentido, o que pressupõe relação convencional (motivada ou imotivada) entre o significante e o significado. Segundo este autor, o signo é de natureza iconográfica.

Eis o que é o **signo** para Peirce (1987, p. 274): "Qualquer coisa que determina alguma outra (seu interpretante) para referir-se a um objeto ao qual o mesmo se refere (seu objeto); desta maneira o interpretante se converte por sua vez em um signo e assim ad infinitum". Este autor identifica três classes de signo: **o ícone, o índice e o símbolo.**

[1] ALVARES, L. **Organização da informação e do conhecimento.** São Paulo: B4 editores, 2012.

[2] TOUTAIN, L. M. B. B. **Para entender a Ciência da Informação.** Salvador: EDUFBA, 2007.

É importante distinguir:

CONCEITO – o conceito é um tema que está sobrejacente à informação registrada.

ASSUNTO – o assunto são partes de conceitos que estão sobrejacentes à informação registrada.

INFORMAÇÃO – a informação pode ser objetiva ou subjetiva.

A representação carrega consigo a idealização de V. Bush com o "Memex". Essa representação artificial gera a possibilidade de **dissociar os conceitos**, que são partes do conhecimento, **dos documentos como um mero suporte**. Está centrado na mensagem.

Na Ciência da Informação, **a representação está relacionada com as formas de simbolizar a informação e o conhecimento.** Alguns autores, como Tristão, Fachin e Alarcon (2004), parecem considerar a representação e organização da informação e do conhecimento como a mesma coisa, não fazendo clara distinção entre uma e outra.

Para Bräscher e Carlan (2010, p. 150):

"a organização do conhecimento é um processo de modelagem que visa construir representações do conhecimento." Para os autores deste capítulo (ALVARES, 2012), organizar envolve o processo e como fazer análise, classificação, ordenação e recuperação, e representar está relacionado com o objeto, com a materialização e com o registro da simbologia que substitui o objeto ou ideia.

A **organização do conhecimento** é uma área central de ensino e pesquisa em Ciência da Informação e Biblioteconomia . Os processos de produção, tratamento e disseminação de informação passaram por mudanças significativas na trajetória da comunicação do conhecimento. Podemos identificar pelo menos **quatro fases marcantes** que impulsionaram **a criação de instrumentos de classificação e o desenvolvimento de métodos e técnicas de indexação visando a recuperação de documentos e informação no contexto de bibliotecas e outros sistemas e redes de informação.**

Segundo Alvares (2012) os **Sistemas de Organização do Conhecimento SOC** evoluíram:

1) sistemas de classificação e indexação (representação);
2) sistemas de Documentação ;
3) armazenamento e recuperação da informação na sociedade;
4) das metodologias bibliométricos, infométricos e cientométricos e da dinâmica do texto, hipertexto e da organização da informação na web (comunicação extensiva e a websemântica).

Essas fases, pelas enormes transformações que trouxeram a modelos então vigentes, são conhecidas por expressões de forte conotação, tais como:

'Caos' Documentário
'Explosão' da Informação
'Avalanche' de Conhecimento
'Revolução' Tecnológica

Milanesi (1982) afirma que dessas grandes coleções do passado quase tudo foi perdido. Os manuscritos que se conservam hoje são cópias feitas séculos depois da morte de seus autores. Exemplo disso é a obra de Esquilo que escreveu setenta tragédias e Sofócles, 123; de cada um restaram sete obras. Não sobreviveram, também, 75 tragédias de Eurípedes e 29 comédias de Aristófanes, além de obras de Tácito e Tito Lívio [...] As cópias manuscritas eram raras e caras (faziam-se poucos exemplares de cada obra) e a precariedade física do suporte fez com que a maior parte do registro do pensamento humano que precedeu a imprensa se perdesse (MILANESI, 1982, p. 18-19).

Foram os **cristãos** os que mais contribuíram para a preservação das obras literárias (a partir da queda do Império romano, apesar de eventuais ataques a livros e bibliotecas). Em seus redutos eles formavam acervos com o objetivo de conservar os livros litúrgicos, textos das Escrituras e escritos dos padres. Nos conventos juntavam essas obras e os religiosos, habilitados, em trabalho paciente, ocupavam parte de seu tempo na tarefa de passar para os pergaminhos os textos que lhes pareciam mais úteis, quase sempre os religiosos. Também textos profanos foram copiados dentro dos mosteiros – o que propiciou a conservação de obras que, provavelmente, estariam perdidas se não fosse o favor minucioso dos religiosos. Eles, notadamente os beneditinos, cuja Regra monástica prescrevia a leitura, no *scriptorium* desenhavam com penas e tinta as letras e as iluminuras. Na Regra beneditina, os empréstimos de livros aos monges eram feitos no começo da Quaresma e o prazo de leitura estendia-se até o final do ano (MILANESI, 1982, p. 19-20).

Na **Idade Média**, as abadias foram o repositório literário que servia a uma parte do segmento letrado. Mas não só os religiosos retinham e preservavam os manuscritos; os reis e outras personalidades de destaque começavam progressivamente a formar as suas coleções particulares. A obra literária era cara e só os mosteiros (que a produziam) e os homens que detinham o poder davam-se ao luxo de possuir um livro. Nesse período, uma coleção média de manuscritos tinha em torno de duzentos, trezentos volumes. O surgimento da universidade acelerou a produção de manuscritos. Nos espaços onde as obras podiam ser consultadas, os volumes mais usados permaneciam acorrentados nos locais de leitura. A difusão do papel no Ocidente (século XIV) barateou as cópias manuscritas, mas o passo mais significativo nesse sentido foi a invenção do tipo móvel, feito conseguido por Gutemberg, na cidade renana de Mogúncia, em meados do século XV (MILANESI, 1982, p. 20).

A **impressão**, a partir dessa época, permitiu que o pensamento humano registrado pela escrita chegasse a um número progressivamente maior de pessoas. O livro deixou de ser produzido pelo trabalho caligráfico dos religiosos, volume por volume, e passou a sair das oficinas, barateando e acelerando o processo. Do artesanato, passou à fabricação em série. [...] As **bibliotecas** deixaram de ser tesouros para se tornarem serviços e os livros perderam o seu valor material para se tornarem material de consumo, tornando-se domésticos. Os cidadãos passaram a formar bibliotecas em suas casas, como formavam os reis pré-Gutemberg. As grandes coleções, pertencentes ao Estado e à Igreja, eram um repositório quase sempre precioso do conhecimento humano, onde conservavam-se obras raras, tesouros que mais davam a essas grandes bibliotecas a função de museu, entendido aqui como um mostruário histórico (MILANESI, 1982).

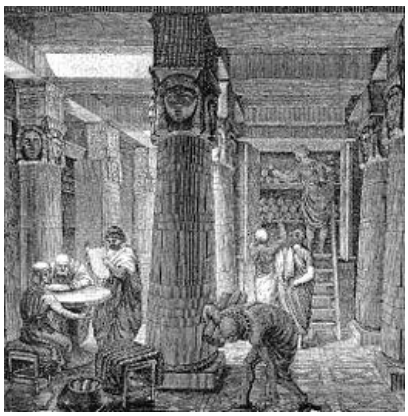
O acesso a esses **conservatórios literários** era restrito. Isso perdurou até o século XX. Houve transformações históricas que alteraram essa situação, mas sem transformá-la substancialmente. A Revolução Francesa tirou os livros das mãos dos nobres e colocou-os à disposição da maioria. A própria Biblioteca do Rei, a Mazarine, teve esse destino [...] A tendência que se clarificou a partir do século XIX veio no bojo da Revolução Industrial. A biblioteca/museu deixou de ser a única possibilidade enquanto coleção pública, passando a existir a biblioteca/serviço, oferecida ao público. Essa tendência foi se espalhando no rastro da expansão do operariado: a nova biblioteca tinha uma determinada função educativa, caracterizando-se como um presente filantrópico que se dava aos segmentos populares, os mais necessitados de ilustração (MILANESI, 1982, p. 21).

Posteriormente, já no limiar do século XX, sobrepondo-se à ideia de bibliotecas como uma forma de organização do saber, delineou-se para ela uma nova função: sistematizar o acesso às informações. Ter dados à disposição, funcionalmente, passou a ser uma nova necessidade. A informação tornou-se um bem acumulável e valorável. “Um homem informado vale por dois”. Saber e poder passaram a ter uma trajetória claramente paralela. Do profissional especializado ao cidadão comum, a necessidade de informar-se caracterizou-se como algo prioritário. A biblioteca passou a ser o território mais adequado a esse exercício determinado pelas transformações sociais: o desenvolvimento industrial, a competição acirrada em todos os setores, notadamente no científico e tecnológico (em particular durante as guerras). A partir disso, a informação foi vista como um elemento estratégico para a segurança e o desenvolvimento (MILANESI, 1982).

ORGANIZAÇÃO DAS BIBLIOTECAS.

Os conhecimentos acumulados pelo homem através dos tempos foram pela primeira vez sistematizados na China antiga; os gregos, porém, deram maior ênfase a essa sistematização, principalmente com a obra de Aristóteles, primeiro filósofo a tratar de matérias variadas, como lógica, a física, a psicologia e a antropologia, a zoologia, a metafísica, a ética, a política, a retórica e a poética (FONSECA, 2007).

Antiguidade – Segundo Mey (2009), as bibliotecas de Ebla (3.000 a.C.), a de Nínive (VII a.C.) e de Alexandria (III ao V a.C.), eram impressionantes tanto na quantidade de registros, como na variedade de suportes (papiro, pergaminho e tábulas de argila), e quanto aos seus métodos de organização. Na Biblioteca de Alexandria, **Calímaco**, o Bibliotecário que organizou o conhecimento numa espécie de catálogo, o ***Pinakoi.***



Em grego, ***Pinakoi*** significa estantes, mesas ou tábuas. Calímaco organizou os volumes dentro de grandes assuntos, de acordo com a classificação aristotélica do conhecimento, listando-os nas respectivas ***Pinakoi*** (mesas, provavelmente, em que se deixavam textos de determinada área para estudo). Mas, não se restringiu a identificar os assuntos, para a identificação dos assuntos, os volumes continham etiquetas "coladas no dorso do rolo" [de papiro] e sobressaindo da prateleira para permitir a identificação do autor, do título e organizado em ordem alfabética (MEY, 2009, p. 61).

Figura 1 A biblioteca de Alexandria

O mais notável dessa memória histórica reside no nome pelo qual nos chegaram os sistemas de classificação, usualmente denominados 'tabelas'. 'Tabela' é palavra de origem latina, *tabella*, isto é, 'pequena tábua', 'quadro de madeira', derivada de tabula, 'mesa', 'tábua', 'estante'. Assim, do grego ***pinakoi*** passa-se ao latim ***tabula*** e a nossas ***tabelas*** de classificação bibliográfica, em descendência direta de **Calímaco** e sua forma de organização do conhecimento. Sua influência quanto às tabulas se estende ao século XII, com Richard de Fournival, que também organizava o conhecimento em mesas. Calímaco, assim como outros Bibliotecário s alexandrinos, criou inúmeras obras de referência, como bibliografias temáticas, oriundas de suas leituras (MEY, 2009, p. 61). Segundo Mey (2009) os gregos foram responsáveis pela introdução do conceito de autor de uma obra como ponto de acesso a ela, princípio que permanece até nossos dias. Também do grego bíblion herdamos o prefixo 'biblio'. [...] Outra importante biblioteca na Antiguidade foi a de Pérgamo (II a.C.), local onde se desenvolveu o Pergaminho, suporte informacional para substituir o Papiro em determinadas regiões.

Idade Média – No século VI, são Bento ensinou seus monges em Monte Cassino, na Itália, a copiar manuscritos. Por alguns séculos, os mosteiros foram os únicos preservadores, copistas e catalogadores de livros. [...] Catálogos mais dignos de nota surgem no século IX. Na Alemanha, a biblioteca de Richenau compilou vários catálogos, entre os anos de 822 e 842, que indicavam as obras contidas em cada volume e o número dos volumes ou rolos em cada obra que estava contida. Apenas o primeiro desses catálogos apresenta uma ordem, reunindo as obras de cada autor. [...] Outro catálogo importante é o do mosteiro beneditino de Saint Requier, na França, compilado em 831. Organizado por autor, embora não em ordem, também registra o conteúdo dos volumes e o número dos volumes relativos a uma obra. Seu grande interesse reside no fato de o compilador declarar que o estava fazendo a mando de Louis le Debonneire, como um inventário, que resultou no registro de 246 volumes (MEY, 2009, p. 64).

O século IX viu o aumento do interesse pelos manuscritos, com melhoria da qualidade de seu formato e de seu conteúdo, por influência de Carlos Magno e seus sucessores.

A iluminura é um tipo de pintura decorativa aplicada às letras capitulares dos códices[3] e de pergaminhos medievais. O termo se refere à representação imagética.

Segundo Mey (2009) embora as universidades tenham surgido no século XII, na Inglaterra, e no século XIII, tanto na França como na Itália, suas bibliotecas praticamente inexistiam, sem grandes contribuições à catalogação. Curioso, para nós, o catálogo de Trinity Hall, em Cambridge de 1394, que incluía registros como: 'uma Bíblia pequena', 'uma concordância da Bíblia grande e bonita', 'outra concordância da Bíblia menos bonita e portátil'.

Figura 2 Tipografia

Século XV e XVIII – [...] o desenvolvimento da tipografia europeia por Gutenberg, no século XV, em Mogúncia (Alemanha), levou à criação das feiras de livros alemãs. [...] E surge o primeiro catálogo de livreiros em 1564 (MEY, 2009, p. 65).

O Renascimento, no século XV, leva à criação de grandes bibliotecas privadas na Itália, como as de Federigo, duque de Urbino, atualmente na biblioteca do Vaticano; a própria Biblioteca Apostólica Vaticana;

[3] Os códices, ou códex, livro ou bloco de madeira, eram os manuscritos gravados em madeira, em geral do período da era tardia até a Idade Média. O Códice é um avanço do Pergaminho (rolo), e que foi substituído pelo livro.

e a dos Medici (onde se recebiam apenas manuscritos, pois desprezavam-se os impressos), posteriormente transformada em Biblioteca Medicea Laurenziana. O livreiro renascentista Vespasiano nos deixou uma lista dos manuscritos integrados aos acervos no século XV, junto às biografias dos respectivos donos. A queda de Constantinopla transforma algumas cidades italianas, especialmente Veneza, em centros de cultura (MEY, 2009, p. 66).

Na França, Gabriel Naudé, escreveu um trabalho sobre bibliotecas (1627) que incluía a organização de catálogos e a catalogação: *Advis pour dresser une bibliothèque* [Conselhos para formar uma biblioteca], onde assinalava a importância dos catálogos como meios de encontrar livros e de identifica-los bibliograficamente, perspectivas muito próximas da visão atual. Naudé recomendava um catálogo dividido em duas seções: uma por autor e outra por assunto. Sugeriu também a organização das estantes que permitisse a expansão do acervo (MEY, 2009, p. 67).

Figura 3 Gabriel Naudé.

Gabriel Naudé, em sua obra "Advis pour adresser une bibliothèque", cuja primeira edição é de 1627, escreveu os primeiros princípios da Biblioteconomia moderna. Além de fornecer uma das primeiras conceituações sobre biblioteca como a conhecemos hoje, Naudé trabalhou com a ideia da "ordem bibliográfica", a qual permitiria o acesso e o compartilhamento do saber, conduzindo a uma organização da razão política. Propôs um método de produção de bibliografias que contava com o levantamento de referências e a identificação de falsificações, o que se caracterizava como uma operação de verificação; esse método proporcionou uma nova forma de realizar uma pesquisa, a qual se iniciava com a elaboração de um inventário, que era um balanço preliminar do conhecimento acumulado. Naudé apresentou a biblioteca como necessariamente pública e universal e defendeu um projeto político para substituir a autoridade espiritual da Igreja pela "máquina cultural" da biblioteca (Coelho, 1997, p. 76-79 apud Ortega, 2004).

Contudo, o termo "**Biblioteconomia** " foi usado pela primeira vez somente em 1839 na obra intitulada "Bibliothéconomie: instructions sur l'arrangement, la conservation e l'administration des bibliothèques", publicada pelo livreiro e bibliógrafo Léopold-Auguste-Constantin Hesse. Mas foi efetivamente no século XIX que as técnicas e práticas dos Bibliotecário s começam a ser sistematizadas (Lahary, 1997 apud Ortega, 2004).

No mesmo ano, em Paris, Frédéric Rostgaard publicou suas normas sobre organização do catálogo. [...] No início do século XVIII, os catálogos eram vistos mais como listas simplificadas do que como inventários. [...] Este século é marcado pelo desenvolvimento da pesquisa científica e das atividades de estudo, o que levou a um crescimento substancial das bibliotecas na Europa (MEY, 2009, p. 69). Porém, importantes mudanças surgiram com a Revolução Francesa:

- Os dirigentes revolucionários confiscaram as bibliotecas privadas dos nobres e do clero e as transformaram em bibliotecas de uso público, o que obrigou a estabelecer, em 1791, normas para sua organização: **o primeiro código nacional de catalogação.**

- Deve-se também ao governo revolucionário o uso de **catálogos em fichas,** pela primeira vez na história da catalogação. Não propriamente por facilidade, mas devido à falta de papel, deveriam ser utilizadas cartas de baralho para registro das obras.
- O código francês determinava que se transcrevesse a página de rosto, sublinhando o sobrenome do autor para alfabetação. Quando não houvesse autor, seria sublinhada a palavra mais significativa do título. Incluíam-se dados físicos: número de volumes, tamanho, ilustrações, material de que o livro era feito, encadernação e indicação de falta de páginas. Muitas dessas informações são registradas até hoje.

Iremos nos ater às unidades de informação que destacam o papel do Bibliotecário como educador, as outras unidades de informação serão revisadas na aula 01.

A Biblioteconomia , a Bibliografia e a Documentação (século XV até início do século XX) O percurso da Biblioteconomia , da Bibliografia e da Documentação no período citado é tratado aqui essencialmente a partir de Shera e Egan (1961 apud Ortega, 2004). Estes autores citam que a atividade de organização de conteúdos de documentos, a Bibliografia, já era realizada de forma limitada desde a Idade Antiga, na Inglaterra. Efetivamente, as primeiras bibliografias relevantes são a compilação realizada pelo alemão Konrad Gesner, no final do século XV, e a primeira tentativa de uma bibliografia universal pelo suíço Johann Tritheim, na metade do século XVI. Após estas obras, foram crescentemente produzidos catálogos de bibliotecas particulares e bibliografias especializadas, a ponto de, em fins do século XVI, na Europa, os estudiosos sentirem necessidade de sistematizarem este grande volume de índices catalográficos e bibliográficos. Surgiram então muitas bibliografias comerciais, precursoras das bibliografias nacionais, mas pouco adequadas aos estudiosos. Esta atividade de elaboração de bibliografias é considerada a origem da Documentação (ORTEGA, 2004). Mas, vamos à definição vernácula de biblioteca?! Vamos lá:

A **biblioteca** é a coleção pública ou privada de livros e documentos congêneres, **organizada** para estudo, leitura e consulta (FERREIRA, 1999).

Biblioteca escolar.

Segundo Prado (1992) a **biblioteca escolar** é uma necessidade, pois não constitui uma entidade independente, mas um complemento da escola. Se a escola inicia o aluno na instrução, a biblioteca completa. Sua função é a de agente educacional, proporcionando enriquecimento da cultura do aluno nos diferentes campos, oportunidade para o seu desenvolvimento social e intelectual, e horas de distração através dos livros de leitura recreativa, de muito bom resultado quando bem dirigida.

Nos últimos anos os programas escolares tem-se alargado de tal modo que fazê-lo depender de um simples texto é absolutamente impossível. A biblioteca escolar vem justamente oferecer a solução a esta

dificuldade, já que deverá estar equipada para auxiliar os estudantes em tudo o que os seus trabalhos escolares exigirem, e porque seus objetivos devem estar intimamente relacionados com a escola (PRADO, 1992). Objetivos da Biblioteca Escolar:

1) Tornar-se um campo para exploração e enriquecimento cultural;
2) Difundir a boa leitura;
3) Orientar no uso do livro, visando à pesquisa e à educação individual;
4) Criar um ambiente favorável à formação do hábito de leitura e estimular a apreciação literária.

Com estes objetivos ela será indiscutivelmente um importante e excelente instrumento de educação, e dará, mesmo, maior dimensão à educação. Entretanto, para que este ideal se torne realidade é indispensável haver colaboração entre os professores e a biblioteca (PRADO, 1992, p. 10).

Os professores de 1º e 2º graus precisam cooperar com a biblioteca e ensinar com apoio dela, pois assim estarão realizando o ensino real, com base nos princípios da educação moderna, aceitos por todas as autoridades em matéria de educação (PRADO, 1992).

Segundo Fialho (2009 apud SOUZA, 2017), alguns eventos ao redor do mundo nos trazem à luz a dimensão que a biblioteca escolar tomou nas sociedades internacionais com países avançados em educação, a exemplo de Inglaterra, Canadá, Dinamarca, França e Suécia, preocupando-se, desde a década de 80, em incrementar processos de autoavaliação nos seus estabelecimentos escolares.

Ações estas, com vistas a garantir padrões de qualidade de ensino suficientes para formar cidadãos letrados no uso da informação a partir da educação básica, cuja preocupação pública levou à formulação de legislação própria no sentido de garantir recursos orçamentários constantes (SOUZA, 2017).

No Brasil, a lei 12.244/2010, da mesma maneira, está presente para fundamentar este reconhecimento; há por parte do Ministério da Educação uma preocupação recorrente quanto ao cumprimento no prazo estipulado para que todas as unidades escolares implantem suas respectivas bibliotecas até 2020.

Ações de valorização da biblioteca escolar, consolidadas e em andamento, são observadas em algumas frentes: no foro internacional. O Manifesto/Diretrizes da IFLA para as Bibliotecas Escolares de 1999 destaca, enquanto no âmbito da União, apenas o PNBE (Programa Nacional Biblioteca da Escola) em 1997 e, mais recentemente, o Legislativo Federal, com a Lei 12.244/10 (SOUZA, 2017).

Biblioteca universitária.

A **biblioteca universitária** nada mais é que uma universidade em si mesma. As universidades são centros transmissores do saber, através do ensino e dos livros. Temos a palavra falada e a palavra escrita a serviço da cultura. Desde os mais remotos tempos a universidade e a biblioteca, trabalhando na mais íntima reciprocidade, têm desempenhado a importantíssima função de preservar e disseminar o conhecimento. Desde os tijolos da Babilônia e os rolos de papiro da Biblioteca de Alexandria aos rolos de microfilme de nossos dias, vemos uma longa estrada de trabalho, esforço e pesquisa (PRADO, 1992).

Porém, o que hoje exigimos da biblioteca é totalmente diferente do que dela antigamente esperávamos. Pois, eram elas depósito dos melhores monumentos das mentes do passado, apenas na função de guardiões desses monumentos, acumulados pelo homem em seu trabalho de conquista do mundo físico e desenvolvimento de suas capacidades intelectuais e espirituais. Hoje isto já não satisfaz.

A seleção, a integração e a disseminação do material impresso têm tornado a biblioteca uma verdadeira oficina, comum ponto de vista inteiramente novo. Através do corpo docente, a universidade usa os conhecimentos e ideias conservados, revitalizando-os e pondo-os a serviço da educação da mocidade. Transmitir, para as novas gerações, as ideias contidas nos livros deve ser o objetivo básico da universidade, ponto culminante de nosso sistema educacional (PRADO, 1992).

Infelizmente, algumas vezes os meios têm preocupado mais que os fins. Vemos casos em que maior atenção é dada à aquisição e à preservação do material, do que ao seu uso [...] O acesso ao conhecimento precisa ser franco, pois os homens só poderão estar em condições de exercer sabiamente seus direitos e poderes depois de haver gozado de tal acesso (PRADO, 1992).

Louis Round Wilson e Maurice F. Tauber, no trabalho The University Library, indicam, como base essencial de uma boa organização de biblioteca universitária, o seguinte: 1. Recursos para ensino, pesquisa e extensão. 2. Um competente corpo administrativo e executivo. 3. Organização eficiente para uso do material bibliográfico. 4. Espaço e equipamentos adequados. 5. Integração da biblioteca com os dirigentes administrativos e educacionais. 6. Integração da biblioteca com as associações de Bibliotecário s, sejam elas regionais, estaduais, nacionais ou internacionais. 7. Razoável apoio financeiro. 8. Plano de direção para a realização do trabalho (PRADO, 1992).

Estes dois tipos de bibliotecas (universitárias e especializadas), reconhecidamente, são as que se acham em melhor situação no continente latino. Esta pelo menos foi a conclusão alcançada no Seminário Ibero-Americano sobre Planejamento de Serviços Bibliotecário s e de Documentação , realizado sob a égide da Unesco, em Madrid, em 1968. Conforme o informe, a situação das bibliotecas universitárias e especializadas foi descrita como: "Apesar da constituírem o grupo de bibliotecas melhor dotadas (em comparação com as nacionais, públicas e escolares) nota-se uma séria falta de coordenação entre elas que venha a permitir um melhor aproveitamento dos seus recursos." (14:4) (FIGUEIREDO, 1979).

A biblioteca universitária deve funcionar como um verdadeiro **serviço de Documentação** , não só conservando, mas também difundindo os documentos. Estará assim em melhores condições de servir aos

estudiosos e pesquisadores. R. S. Taylor imagina a biblioteca universitária como uma instituição social que proporciona uso eficaz de dados, informações, conhecimentos, etc., como base para a educação, lazer, pesquisa e tomada de decisões (PRADO, 1992).

Bradford, em seu livro *Documentation*, diz que documentar é reunir, classificar e distribuir documentos de toda espécie, em todos os domínios da atividade humana. Talvez possamos dizer que documentar é algo mais do que expressa esta definição. Poderá ser resumir, comentar, etc., os documentos. Como exemplo de serviço de Documentação temos os periódicos de *abstracting*, que visam justamente organizar as informações para serem usadas pelos pesquisadores. Há *abstracts* que publicam resumos assinalados de livros e artigos de revistas sobre determinados assuntos, incluindo mesmo teses que não foram publicadas (PRADO, 1992).

A crescente importância dos periódicos como veículo de publicação atingiu seu auge em 1850 e levou à necessidade do tratamento de suas unidades de informação para possibilitar sua recuperação. Na primeira conferência da **American Library Association (ALA),** em 1876, Bibliotecário s e bibliógrafos, confrontados com as dificuldades decorrentes do trabalho bibliográfico, mostraram-se motivados em realizar esforços cooperativos. Teve início, neste período, um movimento geral para a análise de assuntos de artigos de periódicos e a criação de índices coletivos, cuja tarefa foi considerada como atividade de responsabilidade de bibliotecas (ORTEGA, 2004).

Contudo, a continuidade deste serviço pelas bibliotecas decorreu em fracasso, pois o catálogo e o esquema de classificação das bibliotecas foram **baseados nas monografias,** ou seja, idealizados para reunir em uma proximidade física os documentos de conteúdos semelhantes, o que tornava as bibliotecas inoperantes para trabalhar os periódicos, já que não havia tanta preocupação com a diversidade intelectual do seu conteúdo. Além disso, a viabilidade da organização política e tecnológica entre bibliotecas independentes e distantes mostrou-se muito difícil (ORTEGA, 2004).

A partir daí, esse segmento foi recolhido e desenvolvido pelo crescente grupo de documentalistas, deixando o Bibliotecário de ter como atribuição o tratamento de parte da literatura e a biblioteca reduzindo-se a sua antiga função de custódia de documentos. Acredita-se que este fato tenha colaborado para o não fortalecimento do caráter intelectualizado da profissão bibliotecária, em contraposição à ênfase em atividades burocráticas. Em fins do século XIX, a Biblioteconomia e a Documentação apresentavam um desenvolvimento em grande parte inseparável: surgiram em consequência das mesmas necessidades, empregavam processos e instrumentos comuns (como as fichas de 7,5 por 12,5 cm e a Classificação Decimal de Dewey-CDD), tinham objetivos quase idênticos e em muitos casos deviam seu progresso aos mesmos homens. (ORTEGA, 2004).

Havia, no entanto, uma tentativa dos documentalistas em evitar os instrumentos e até mesmo os termos adotados pela Biblioteconomia , o que levou, muitas vezes, a que aqueles seguissem os caminhos já trilhados e até descartados por esta. A diferença da Documentação era que pretendia fazer uma análise de conteúdo mais profunda. Da mesma forma, os arquivos apresentavam problemas semelhantes de organização. A Biblioteconomia , a Documentação e a custódia dos arquivos, como já citado, eram tratadas de forma

única: no entanto, interesses particulares começaram a dividir estas atividades em grupos separados, os quais passaram a adotar atitudes de intolerância entre si. (ORTEGA, 2004).

Uma circunstância que levou os Bibliotecário s a desviar suas atenções dos processos de análise e representação das unidades do conhecimento registrado foi o **movimento de criação e disseminação das bibliotecas públicas.** A Idade do **Iluminismo,** o crescimento do **Mercantilismo** e, mais tarde, a **Revolução Industrial** levaram à necessidade de um corpo de trabalhadores alfabetizados e treinados em tarefas manuais específicas. Neste contexto, em especial na Inglaterra e nos Estados Unidos, por volta de 1850 (portanto, no período do auge do crescimento dos periódicos), **a biblioteca pública** era considerada uma agência educacional das massas e da democratização da cultura. Com a absorção do Bibliotecário tradicional pela função "educativa" ou pelo culto da educação universal e a negação do significado do serviço de informação, os documentalistas adotaram as técnicas da Biblioteconomia e as aperfeiçoaram. (ORTEGA, 2004).

Supõe-se que esta divisão poderia ter encontrado outros caminhos caso houvesse o reconhecimento da natureza diversa do acervo e do atendimento para ambos os casos: em uma biblioteca com fins educacionais são necessários títulos devidamente escolhidos para permitir uma orientação eficiente ao leitor. A necessidade de estender os privilégios da educação a todos ocorreu sem que se tivesse formulado os mecanismos para garantir esse objetivo educacional e cultural, além de levar ao cancelamento dos trabalhos de bibliografia. (ORTEGA, 2004).

A divergência entre Bibliotecário s e documentalistas refletiu-se na segmentação das associações. Em 1908, um grupo de Bibliotecário s especializados nos Estados Unidos separou-se da **American Library Association** para formar sua própria associação, a **Special Libraries Association.** E assim como estes, vários casos se sucederam de dissidências de associações inicialmente de Bibliotecário s, que passaram a representar a Documentação (**American Documentation Institute,** criada em 1937, e atualmente denominada **American Society for Information Science and Technology-ASIS&T**), a Microfilmagem (National Microfilm Association), e áreas temáticas como Biologia e Química. (ORTEGA, 2004).

Então, pessoal, segura esta ideia, que já voltamos a ela...

A cisão entre Biblioteconomia e Documentação tornou-se cada vez mais profunda, sem levar necessariamente ao desenvolvimento e sedimentação de uma ou outra área. Shera (1980 apud Ortega, 2004) cita que este fenômeno tem particular interesse para a sociologia da profissionalização, que ocorre quando um grupo muda a terminologia de outro para parecer que se ocupa de uma nova disciplina, porém com mais dignidade e caráter científico. (ORTEGA, 2004).

Por mais de quatro séculos, a Biblioteconomia foi quase sinônimo de Bibliografia. Considerando a Bibliografia como o princípio da Documentação , pode-se dizer que esta esteve unida à Biblioteconomia desde o século XV até fins do século XIX, quando Otlet e La Fontaine sistematizaram e desenvolveram a Documentação enquanto disciplina distinta da Biblioteconomia . (ORTEGA, 2004).

Os europeus deram continuidade a estes estudos e aplicações até que, os movimentos causados pela Segunda Guerra Mundial acentuaram estes avanços devido às necessidades específicas dos países envolvidos na recuperação de conteúdos a partir de tipos diversos de documentos, inclusive com tentativas rudimentares de recuperação mecânica da informação. (ORTEGA, 2004).

Biblioteca Pública.

A partir de 1971 as bibliotecas públicas foram, praticamente, transformadas em Bibliotecas escolares. É nessa data que as pesquisas passaram a se constituir numa obrigação escolar. E como os estabelecimentos de ensino não dispunham de bibliotecas em condições mínimas de uso, as bibliotecas públicas, sempre um pouco melhores, passaram a receber os estudantes. Daí nasceu a necessidade de adaptar a velha biblioteca pública a essa nova demanda. A primeira medida foi a compra de obras adequadas: as enciclopédias. Antes dessa drástica mudança, a biblioteca pública era uma iniciativa que tinha claras intenções de aprimorar a vida cultural do município ou até mesmo estimular a boa leitura (MILANESI, 1982).

Segundo PRADO (1992) as bibliotecas públicas são instituições básicas para o processo de educação, cultura e informação de um povo. Seus objetivos principais são: estimular, nas comunidades, o hábito de leitura e preservar o acervo cultural (PRADO, 1992).

Sendo ponto pacífico a sua importância na vida de uma comunidade será de indiscutível valor que se organizem sistemas de bibliotecas públicas em cada estado, onde um Serviço Central possa liderar a organização das mesmas em seus diversos municípios (PRADO, 1992).

Haverá grande economia quanto à instalação e manutenção das mesmas, pois esse Serviço Central programará, coordenará e orientará as atividades básicas, fornecerá os equipamentos necessários e providenciará o acervo, que deverá ser enviado já tecnicamente preparado. É evidente que uma aquisição para abastecer muitas bibliotecas gozará de consideráveis descontos, proporcionando às cidades instituições muito mais ricas e úteis, ao contrário do que ocorreria se cada cidade se incumbisse de organizar sua própria biblioteca. É certo que a padronização de serviços reduz, e consideravelmente, o custo operacional.

Naturalmente, decidida a criação desse Sistema, serão estabelecidos os objetivos específicos, planejada a estrutura, fixado o apoio financeiro, garantindo o indispensável apoio legal, escolhido o corpo de coordenadores, o qual deverá ser composto de técnicos eficientes e interessados no sucesso do empreendimento e, finalmente, implantado o Sistema (PRADO, 1992).

O Sistema oferecerá condições de conciliar a educação e a cultura, atendendo às necessidades da comunidade e encarregando-se de manter um verdadeiro Centro Cultural. No decorrer do trabalho a preocupação é suprimir as barreiras e proporcionar ao máximo a utilização da biblioteca (PRADO, 1992).

Milanesi (1982) afirma que “faltam dados claros sobre a situação da biblioteca pública no Brasil”. Uma situação que persiste até hoje. Os Estados brasileiros têm suas bibliotecas e, teoricamente, funcionam

como articuladores de uma rede que abrangeria todos os municípios. Essas bibliotecas estaduais coordenariam um conjunto, promovendo aquilo que é essencial: a integração de serviços (MILANESI, 1982).

Cabe aos municípios aplicar recursos para a manutenção e desenvolvimento das bibliotecas locais. Não se sabe qual é o nível desse investimento das prefeituras. No entanto, a julgar pela situação, não se aplica muito neste setor. Sempre encarando como supérfluo face a outros problemas, como saneamento básico, água, estradas, etc. Há casos de orçamentos municipais que fazem previsão de verba para as bibliotecas, no entanto elas acabam sendo remanejadas para outros setores (MILANESI, 1982).

Como recorda Jesse H. Shera, em sua já citada Introduction to library Science, a ideia da verdadeira biblioteca pública surgiu no começo do século XIX, com o movimento liderado por Horace Mann e Henry Barnard, em favor da educação para todos os segmentos da sociedade. Já havia as bibliotecas escolares, mas aqueles notáveis educadores queriam muito mais. Para eles o programa nacional de educação somente se completaria com o estabelecimento de bibliotecas para todo o povo, enfaticamente consideradas “a glória suprema de nossas escolas públicas” (FONSECA, 2007).

No Brasil, o esforço pelo desenvolvimento científico e tecnológico levou os Bibliotecário s mais capazes para as bibliotecas especializadas, quase todas mantidas por empresas públicas [...] A biblioteca infantil, a biblioteca escolar, a biblioteca universitária, a biblioteca especializada e a biblioteca nacional são peças indispensáveis numa rede bibliotecária que sirva de infraestrutura ao sistema nacional de informação. A biblioteca pública, entretanto, é a mais importante de todas as categorias, pois, além de seus objetivos específicos, pode complementar as atribuições das demais categorias e até, com serviços adequados substituir algumas delas, como a infantil e a escolar (FONSECA, 2007).

As bibliotecas e a leitura no Brasil.

As primeiras bibliotecas brasileiras foram organizadas pelos jesuítas em seus colégios, “a começar pelo da Bahia, que – informa Serafim Leite S. J. - , se no princípio tinha caráter privado, com o tempo se tornou público”. Estávamos nos meados do século XVI (FONSECA, 2007).

Também na Bahia surgiu a primeira biblioteca monástica, com a fundação, em 1582, de um mosteiro beneditino, elevado à categoria de abadia em 1584: a primeira do Brasil. Outras ordens religiosas foram se estabelecendo no Brasil – franciscanos, carmelitas, oratorianos, mercedários, etc. – e, com elas, novas bibliotecas, de acordo com a tradição de que claustrum sine armario, quase castrum sine armamentario (claustro sem livros é como quartel sem armamento) (FONSECA, 2007).

Em 1811 inaugura-se a Biblioteca Pública da Bahia três anos antes da abertura ao público da Biblioteca Real, criada em 1810. A Biblioteca da Bahia tem ainda outra vantagem sobre a Biblioteca Real, porque esta resultou de uma circunstância histórica – a transferência da família real portuguesa para o Brasil - , enquanto aquela surgiu de acordo com um plano muito bem concebido, inspirado, ao que parece, pelas bibliotecas públicas de subscrição que apareceram durante o século XVIII nos Estados Unidos e na Europa (FONSECA, 2007).

[...] A chegada de D. João VI ao Rio de Janeiro provocou profundas mudanças no país. Com os tesouros da Corte, o rei incluiu em sua frota um precioso carregamento: a Biblioteca Real. Era formada por milhares de livros. Foi instalada, inicialmente, no Hospital da Ordem Terceira do Carmo e inaugurada em 1811. Três anos depois, com 60 mil volumes, foi aberta ao público. Após a independência, foi anexada ao patrimônio público, constituindo-se no acervo básico da Biblioteca Nacional. Também chegou ao Brasil, nos porões dos navios, a tipografia para a constituição da Imprensa Régia. Até aquela data as oficinas tipográficas estavam totalmente vetadas por Lisboa. Depois sob a tutela da Corte, só em 1808 foram editados 37 títulos e até 1822, 1154. Todo esse trabalho editorial foi realizado sob a censura, conforme a legislação portuguesa. Quando a imprensa chegou ao Brasil, o corpo censório estava firmemente estabelecido. Ou seja, a imprensa nasceu no Brasil depois da censura (MILANESI, 1982).

Após a Independência, um ânimo novo leva a projetos de construção do país. Fundam-se jornais e com eles implantam-se as tipografias. Novas ideias devem ser divulgadas, defendidas, e a imprensa torna-se o veículo fundamental nesse processo. E com os jornais surgem os folhetos, os livros. É um novo tempo para o pensamento no Brasil. Abrem-se escolas, criam-se jornais, circulam ideias. O livro tem o campo de penetração ampliado. O cerceamento é menor à literatura, a população passou a ter o acesso a ela facilitado. Além da Biblioteca Pública da Bahia (1811) e da Biblioteca Imperial e Pública no Rio de Janeiro (Biblioteca Nacional), incorporada no patrimônio do Estado em 1825, novas foram criadas: Biblioteca da Faculdade de Direito de São Paulo, uma junção das habilidades da Cúria e do Mosteiro de São Francisco, compradas com o objetivo de servir a uma futura universidade paulista. Esse objetivo não foi totalmente logrado pois, quando da fundação do Curso Jurídico, a biblioteca passou a servir a ele, oferecendo aos leitores mais de 4 mil livros (1828) [...]

Em 1829, foi criada a Biblioteca Pública do Estado do Maranhão e, no ano seguinte, a Biblioteca da Faculdade de Direito de Pernambuco. Em 1837, fundou-se uma biblioteca pública no Rio de Janeiro: a Real Gabinete Português de Leitura. Progressivamente, outras foram criadas, ampliando as possibilidades de acesso ao livro (MILANESI, 1982).

Somente em meados do século XIX é que foram surgindo outras bibliotecas estaduais no Brasil, como as de Sergipe (1851), Pernambuco (1852), Espírito Santo (1855), Paraná (1857), Paraíba (1858), Alagoas (1865), Ceará (1867), Amazonas e Rio Grande do Sul (1871). Ao contrário do que ocorreu na maior parte dos estados, a biblioteca pública é mantida pela prefeitura da capital (FONSECA, 2007).

Fonseca (2007) nos informa que depois de alcançar períodos de esplendor, a maior parte dessas bibliotecas entrou em decadência, vítimas, talvez, da burocracia governamental. Poucas chegaram a nossos dias renovadas e atualizadas. É o caso da Biblioteca Municipal de São Paulo e da Biblioteca Estadual do Paraná (FONSECA, 2007).

Elas sobreviveram graças à clarividência do prefeito Fábio Prado – auxiliado, no Departamento de Cultura, pelo escritor Mário de Andrade e, no setor de bibliotecas, pelo Bibliotecário e bibliógrafo Rubens Borba de Moraes (FONSECA, 2007).

Muitos intertícios ocorreram ate que:

A década de 60 marcou a expansão da TV, o meio de comunicação ao qual se atribui com alguma frequencia o poder de desviar o público do livro [hoje, a Internet]; O rádio quando surgiu passou a ser uma diversão alternativa que, por certo, ocupou um espaço anteriormente reservado a outras formas de lazer, à leitura, por exemplo [...] A radiofonia substituiu uma parte da leitura/lazer. A radionovela e a telenovela tornaram pouco atrativa a leitura digestiva. Posteriormente, firmou-se a fotonovela, mas como um tipo de leitura mais propício aos curtos momentos de locomoção (ônibus), a espaços entre duas atividades ou em locais de espera (MILANESI, 1982).

Segundo Hipólito E. Sobrino (apud FONSECA, 2007) existem algumas categorizações de Não-Leitores: 1) Não leitores em absoluto – analfabetos e deficientes visuais; 2) Não leitores com restrições de acessibilidade ao livro – hospitalizados, aquartelados, etc.; 3) Consumidores de mídia – são aqueles que sabem ler, mas não leem; e 4) Autodidatas e bibliófilos – são consumidores e colecionadores de altos padrões editoriais, e que possuem poder de aquisição de sua coleção particular (FONSECA, 2007).

Nas primeiras décadas do século XX houve proliferação de pequenas bibliotecas, um reflexo atenuado da tendência européia desde o século anterior de se organizar bibliotecas populares. Apare-ceram as bibliotecas como um benefício social, organizada por associações e tendo sempre um patrono como a coluna mestra do empreendimento (MILANESI, 1982).

Atualmente, as bibliotecas especializadas, no Brasil, são as que contam com maior estrutura, orça-mento e destaque em âmbito nacional, dentre elas está a **biblioteca jurídica**.

Bibliotecas nacionais.

Embora circunstâncias históricas e nacionais possam diferenciar esta categoria de uma nação para outra, pode-se estabelecer como objetivos básicos de uma biblioteca nacional: a) reunir, preservar e difundir a Documentação bibliográfica e audiovisual produzida no território nacional (ela se vale, para reunir, do cha-mado depósito legal e para difundir da bibliografia nacional corrente; b) reunir o que em qualquer parte se publica a respeito da nação; c) coordenar a permuta nacional e internacional de publicações; d) coordenar programas nacionais de aquisição de publicações estrangeiras; e) coordenar a rede nacional de bibliotecas; f) manter catálogo coletivo nacional de livros e periódicos (FONSECA, 2007).

Segundo Edson Nery da Fonseca, com tais atribuições, já se vê que a biblioteca nacional não deve estar à disposição de qualquer tipo de usuário, mas de uma clientela qualificada. Para o público, em geral, existe, a biblioteca pública, designação tradicional em língua inglesa, mas um tanto ambígua em português. Lembre-se, a proposito de nomenclatura, que na Grã-Bretanha a biblioteca nacional se chama Britsh Library e nos Estados Unidos, Library of Congress. Esta, que talvez seja a maior biblioteca do mundo, foi inaugurada em 1800, com a mudança da capital norte-americana de Filadélfia para Washington. Em 1965 inaugurou-se a segunda biblioteca nacional dos Estados Unidos: National Library of Medicine, em Bethesda, estado de Maryland; e em 1962 a National Agricultural Library, que até aquele ano fazia parte do Departament of Agri-culture. Se até as bibliotecas nacionais se especializam, os últimos redutos de coleções enciclopédicas são as

bibliotecas universitárias, quando, evidentemente, centralizam não apenas os processos técnicos e administrativos, mas as coleções (FONSECA, 2007).

QUESTÕES PARA MEMORIZAÇÃO

1 – Associe as colunas e assinale a alternativa correta:

1. Primeira biblioteca do Brasil.
2. Primeira biblioteca pública do Brasil.
3. Plano para o estabelecimento de uma biblioteca pública por cidade.
4. 'Boom' do surgimento de bibliotecas estaduais.
5. Biblioteca Nacional.

( ) Em 1582, a Biblioteca do mosteiro beneditino.
( ) Em 1811, a Biblioteca Pública da Bahia.
( ) Em 1817, por Pedro Gomes Ferrão Castelo Branco.
( ) De 1851 a 1871, tais como Sergipe, Pernambuco, Espírito Santo, entre outras.
( ) Fundada em 1810, hospedada, inicialmente, no hospital da Ordem Terceira do Carmo.

A) 1, 2, 3, 4 e 5.
B) 5, 4, 3, 2 e 1.
C) 2, 1, 4, 3 e 5.
D) 1, 5, 3, 4 e 2.

Resposta: alternativa A.

O BIBLIOTECÁRIO – agente mediador da informação e da cultura.

Em 1938, teve início a primeira associação de Bibliotecário s no Brasil, a Associação Paulista de Bibliotecário s (APB), que logo buscou defender o reconhecimento da profissão, de modo que a fama de ser apenas um "guardião de livros" fosse deixada de lado, mas a associação não obteve o sucesso que esperava (SILVA, 2005).

Na década de 50, aconteceu o primeiro Congresso Brasileiro de Biblioteconomia , realizado no ano de 1954 em Recife. Nesta ocasião, teve início uma ação coletiva de um número significativo de profissionais que buscavam receber e compartilhar informações sobre o desenvolvimento da profissão no Brasil, dando origem a diversos encontros que são realizados até hoje, como seminários, oficinas, simpósios, congressos, entre outros (SILVA, 2005).

Na década de 60, o exercício da profissão é reconhecido oficialmente, através da Lei n. 4.084, de 30.06.62, em nível superior. De imediato, são criados os primeiros órgãos de classe juntamente com uma legislação específica. Observe:

"Art 1º A designação profissional de Bibliotecário , a que se refere o quadro das profissões liberais, grupo 19, anexo ao Decreto-lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943 (Consolidação das Leis do Trabalho), é privativa dos bacharéis em Biblioteconomia , de conformidade com as leis em vigor.

Art 2º O exercício da profissão de Bibliotecário , em qualquer de seus ramos, só será permitido: a) aos Bacharéis em Biblioteconomia , portadores de diplomas expedidos por Escolas de Biblioteconomia de nível superior, oficiais, equiparadas, ou oficialmente reconhecidas; b) aos Bibliotecário s portadores de diplomas de instituições estrangeiras que apresentem os seus diplomas revalidados no Brasil, de acordo com a legislação vigente.

Parágrafo único. Não será permitido o exercício da profissão aos diplomados por escolas ou cursos cujos estudos hajam sido feitos através de correspondência, cursos intensivos, cursos de férias etc.

Art 3º Para o provimento e exercício de cargos técnicos de Bibliotecário s e documentalistas, na administração pública autárquica, paraestatal, nas empresas sob intervenção governamental ou nas concessionárias de serviço público, é obrigatória a apresentação do diploma de bacharel em Biblioteconomia respeitados os direitos dos atuais ocupantes efetivos.

Parágrafo único. A apresentação de tais documentos não dispensa a prestação do respectivo concurso, quando este for exigido para o provimento dos mencionados cargos."

Na década de 70, surgem os primeiros cursos de pós-graduação, dando origem às primeiras pesquisas na área e, consequentemente, ao surgimento dos primeiros periódicos nacionais da área de Biblioteconomia e Ciência da Informação, como a Revista de Biblioteconomia e Documentação (publicada pela Federação Brasileira de Associações de Bibliotecário s); Revista de Biblioteconomia de Brasília (publicada pela UNB e Associação dos Bibliotecário s do Distrito Federal); Ciência da Informação (publicada pelo IBICT) e Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG, contribuindo para acelerar a modernização da profissão em todo o país (SILVA, 2005).

Na década de 80 é organizada uma reformulação curricular nos cursos de graduação, modificando o perfil do Bibliotecário para um profissional atuante como agente cultural e facilitador no acesso à informação, trabalhando mais em entidades educacionais e também como educador.

No início da década de 90, com o crescimento acelerado dos meios de comunicação e o surgimento das novas tecnologias de informação, o Bibliotecário passa a ser um profissional da informação que atua na busca e desenvolvimento de tecnologias que contribuam para a disseminação da informação (SILVA, 2005).

As mudanças processadas no campo da ciência e da tecnologia e a incorporação dos princípios da Documentação na Biblioteconomia brasileira passaram a exigir um Bibliotecário mais dinâmico e participativo e, principalmente, especializado, isto é, que conhecesse as principais fontes do campo em que atuava, suas terminologias e o modo como o mesmo estruturava-se, enquanto espaço de construção de saber. Para tanto, do Bibliotecário eram exigidos títulos equivalentes aos professores e pesquisadores, cujos requisitos necessários seriam o "...domínio do maior número possível de idiomas estrangeiros, além do perfeito conhecimento do português, formação universitária nas técnicas de organização do conhecimento registrado, inclusive métodos de automação" (Lemos, 1970, p. 20 apud Castro, 2000, p. 116).

Segundo a Lei n. 4.084, de 30.06.62, são atribuições dos bacharéis de Biblioteconomia :

Art 6º São atribuições dos Bacharéis em Biblioteconomia , a organização, direção e execução dos serviços técnicos de repartições públicas federais, estaduais, municipais e autárquicas e empresas particulares concernentes às matérias e atividades seguintes:

a) o ensino de Biblioteconomia ;

b) a fiscalização de estabelecimentos de ensino de Biblioteconomia reconhecidos, equiparados ou em via de equiparação.

c) administração e direção de bibliotecas;

d) a organização e direção dos serviços de Documentação .

e) a execução dos serviços de classificação e catalogação de manuscritos e de livros raros e preciosos, de mapotecas, de publicações oficiais e seriadas, de bibliografia e referência.

Art 7º Os Bacharéis em Biblioteconomia terão preferência, quanto à parte relacionada à sua especialidade nos serviços concernentes a:

a) demonstrações práticas e teóricas da técnica biblioteconômica em estabelecimentos federais, estaduais, ou municipais;

b) padronização dos serviços técnicos de Biblioteconomia ;

c) inspeção, sob o ponto de vista de incentivar e orientar os trabalhos de recenseamento, estatística e cadastro das bibliotecas;

d) publicidade sobre material bibliográfico e atividades da biblioteca;

e) planejamento de difusão cultural, na parte que se refere a serviços de bibliotecas;

f) organização de congresso, seminários, concursos e exposições nacionais ou estrangeiras, relativas a Biblioteconomia e Documentação ou representação oficial em tais certames.

Desta forma "...tornou-se óbvio que o Bibliotecário não poderia continuar a ser apenas um mero arrumador e catalogador de livros, revistas, etc., pelo menos nas bibliotecas técnico-científicas, mas que deveria ser um técnico que entendesse não só de Biblioteconomia , mas que tivesse também, pelo menos, sólidas noções gerais sobre o assunto ou assuntos de que tratassem as publicações sob sua guarda, nas respectivas bibliotecas (Couto, 1956, p. 92).

Este seria o perfil do Bibliotecário moderno na acepção de Figueiredo, A. (1945), Moraes (1942) e Lydia de Queiroz Sambaquy (1956) ou do perfeito Bibliotecário , no entender de Placer (1953). Todavia, estas transformações nos perfis profissionais dos Bibliotecário s não significariam uma valorização da categoria, uma vez que continuaram a serem vistos como, "... um policial a ditar normas para cercear o uso da biblioteca, nada mais" (Figueiredo, N., 1954, p. 3). Esse "novo perfil" exigido ao Bibliotecário está explícito no discurso dos profissionais que ocupavam cargos e funções em espaços que favoreciam não somente a divulgação de suas ideias, mas, e principalmente, possibilitavam que desenvolvessem atividades de gerenciamento, planejamento de políticas de informação científica e associativas ... (CASTRO, 2000).

Figura: Charges sobre livros, bibliotecas e Bibliotecário s.

A **necessidade de informação** orienta o indivíduo, assim também orienta sociedades. É a base do comportamento coletivo, tanto quanto do comportamento individual [...] o que é conhecido por cada um dos membros do grupo deve ser comunicável e comunicado (SHERA, 1977, p. 10). Continuando com o autor, ele diz que: "Apesar da imagem popular do Bibliotecário , ele não é, ou pelo menos não deveria ser, um criado cujo único propósito é apanhar e carregar aparas bibliográficas" (SHERA, 1977, p. 11 apud LIMA, 2016, p. 24).

Capurro (2003) situa a evolução da Ciência da Informação dentro de três paradigmas, ressaltando, entretanto, a ausência de uma linearidade nesse processo – o **paradigma físico** é apresentado como aquele relacionado aos processos de armazenagem e busca da informação que parecem ignorar os aspectos semânticos e pragmáticos inerentes ao uso da informação, excluindo, portanto, o papel do usuário no processo informativo. Daí o **paradigma cognitivo** se basear no entendimento de que a finalidade da Ciência da Informação seria a recuperação dos conteúdos de informação, a partir da necessidade de um (ou vários) sujeitos cognitivos, cujas necessidades não são supridas apenas pela existência e disponibilização dos suportes informacionais. Já o **paradigma social** se apresenta como aquele que considera a condição social e material da existência humana, prevalecendo, então, o entendimento de que a necessidade informacional dos sujeitos é construída nas relações e interações sociais (LIMA, 2016).

Os profissionais ela informação precisam, cada vez mais, ter uma formação que permita atender uma determinada demanda social. No entanto, só a formação também não resolve a questão, ou seja, para que os profissionais da informação ocupem os espaços a eles destinados, no mercado de trabalho, é necessário que a formação defina um perfil de profissional que se deseja e tão importante quanto a formação é que haja ações que divulguem o profissional para o mercado empregador (VALENTIM, 2002).

O **profissional da informação** precisa buscar informação e conhecimento de forma contínua, pois estes são os mais valiosos recursos estratégicos. Investir nisso é muito importante para o crescimento profissional [...] O tripé informação, tecnologias da informação e telecomunicações muda a sociedade, e consequentemente, muda suas demandas (VALENTIM, 2002).

Os setores de atividade profissional no país podem ser divididos em:

1. Setor Público - bibliotecas públicas, escolares, órgãos públicos (Legislativo, Executivo e Judiciário), arquivos públicos, museus etc.;
2. Setor Privado - empresas/indústrias cm geral, vários segmentos econômicos desde editoras, bases de dados, até assessorias jurídicas;
3. Setor Associativo - sindicatos, associações, ONGs etc.;
4. Autônomos - consultorias, assessorias, terceirizados, freelancers etc.

São competências para o profissional da informação:

1. Competências de Comunicação e Expressão;
2. Competências Técnico-Científicas;
3. Competências Gerenciais;
4. Competências Sociais e Políticas.

O profissional da informação do futuro é aquele que sabe reconhecer os anseios sociais; para isso, simplesmente precisa observar e compreender o mundo em que vive (VALENTIM, 2002).

MEDIAÇÃO – a noção de mediação, principalmente nas Ciências da Informação e da Comunicação, é a noção fundada nas metáforas da “passagem” e da “relação social” e que ela circula no âmbito da cultura e dos profissionais que lidam com o público, existindo, ainda, um exaltado desenvolvimento de reflexões e críticas a respeito (LIMA, 2016).

O Bibliotecário jurídico.

No Brasil, diariamente ocorre uma grande produção de informação nos poderes Legislativo, Executivo e Judiciário, os quais elaboram e editam um emaranhado de leis, decretos, instruções, medidas provisórias, emendas constitucionais, súmulas e jurisprudências, gerando um acúmulo de informações muito grande. Para completar este turbilhão de informações geradas pelos órgãos competentes, ainda existe a legislação estrangeira, que indica as soluções encontradas por outros países para problemas semelhantes aos nossos, e que servem como suporte aos legisladores brasileiros (SILVA, 2005).

Nesse contexto, faz-se necessário o conhecimento de técnicas para organizar e gerenciar de maneira prática e eficaz todos esses documentos, facilitando sua pesquisa e utilização pelos profissionais da área jurídica: eis o papel do Bibliotecário Jurídico.

Com o surgimento da Internet, órgãos produtores de informação jurídica passaram a disponibilizar informações mais rapidamente através de sites próprios, como os Tribunais, Ministérios Públicos, Senado Federal, Câmara dos Deputados, Câmara Legislativa, entre outros. Muitos Bibliotecário s tem aproveitado esta explosão de informações originada pela Internet, para organizar conteúdos através destes sites governamentais e, até mesmo, sites particulares de advogados e empresas de advocacia. Hoje podemos encontrar na Web, textos de normas e jurisprudência, bases de dados com doutrina, cases empresariais e acompanhar as novidades do meio jurídico que surgem no Brasil e no exterior através de noticiários on-line. Em decorrência dessa proliferação cada vez maior de atividades ligadas ao exercício das funções do Bibliotecário jurídico, busca-se uma integração melhor com os profissionais da área jurídica para facilitar e qualificar o trabalho desenvolvido pelos Bibliotecário s (SILVA, 2005).

Para trabalhar na área jurídica, o Bibliotecário necessita estar atento à sua área de atuação, buscando sempre novos conhecimentos que agreguem valor ao exercício de suas competências através de uma educação continuada no exercício de sua profissão, devendo saber onde encontrar informações jurídicas que atendam às necessidades dos usuários da unidade de informação onde trabalha e definindo os mecanismos de busca mais adequados e atualizados, seja na área médica, da agricultura ou qualquer que seja o seu campo de trabalho. A Associação Americana de Bibliotecas Jurídicas AALL, buscou identificar as principais atribuições do Bibliotecário jurídico:

- **Eficientes na busca da informação em qualquer suporte;**
- **Astutos juízes das vantagens e desvantagens das várias fontes de informação;**
- **Capazes de organizar a informação para que possa ser localizada e utilizada independentemente do seu suporte;**
- **Especialistas nas fontes jurídicas ou não.**

O Bibliotecário jurídico pode trabalhar em diversos tipos de unidades de informação, gerenciando o acervo e estabelecendo conexões para outras fontes. Entre os locais mais comuns, estão as bibliotecas de escritórios de advocacia, bibliotecas jurídicas universitárias e bibliotecas de órgãos governamentais (SILVA, 2005).

BIBLIOTECONOMIA – Parte da bibliologia que trata das atividades relativas à **organização, administração, legislação e regulamentação das bibliotecas.** Conhecimento e prática da organização de documentos em bibliotecas, tendo por finalidade a sua utilização. É o conjunto dos conhecimentos profissionais referentes aos documentos, aos livros e à biblioteca (CUNHA, CAVALCANTI, 2008). **Relaciona-se à Ciência da Informação, e à Documentação .**

Distingue-se da arquivologia e da museologia pela natureza do objeto: nos arquivos, documentos textuais e visuais [documentos em multimeios] os quais existem exemplares únicos; nos museus, documentos visuais [bidimensionais, tridimensionais] dos quais também existem documentos únicos; nas bibliotecas, documentos textuais e audiovisuais dos quais existem exemplares múltiplos (CUNHA, 2008[4]). As bibliotecas podem ser de acordo com sua **missão institucional** e **público-alvo**: **escolares, infantis, públicas, nacionais, especializadas, jurídicas e universitárias**, etc. Ou, podem ser de acordo com a tecnologia empregada: virtuais, digitais, etc.

A profissão bibliotecária passou por grandes mudanças **no Brasil** desde o surgimento do **primeiro curso de Biblioteconomia** realizado na **Biblioteca Nacional em 1915,** quando tinha duração de apenas um ano e era formado por cinco disciplinas e quatro cadeiras. Entre elas, estavam: bibliografia, paleografia e diplomática; iconografia e numismática (SILVA, 2005).

O primeiro curso no Brasil recebeu forte influencia francesa, uma vez que a primeira escola teve origem na ***École Nationale des Charles***, localizada em Paris. Em decorrência disso, os Bibliotecário s da época desenvolveram uma visão humanista, ligada às artes e à cultura, tendo as suas atividades limitadas a vigiar manuscritos e livros (SILVA, 2005).

Com a influência dos Estados Unidos e a criação dos primeiros cursos paulistas de Biblioteconomia direcionada ao ensino técnico, na década de 30, os estudantes começaram a receber uma formação muito técnica, sendo que os conhecimentos eram obtidos na ***School of Library Economy***, uma escola criada por Melvil Dewey em Nova York, na cidade de Columbia (SILVA, 2005).

A PALAVRA Biblioteconomia é composta por três elementos gregos – bíblion (livro) + théke (caixa) + nomos (regra) – aos quais juntou-se o sufixo ia. Etimologicamente, portanto, Biblioteconomia é o conjunto de regras de acordo com as quais os livros são organizados em espaços apropriados: estantes, salas, edifícios. Organizar livros implica tanto ordená-los segundo um sistema lógico de classificação dos conhecimentos e conservá-los para que resistam a condições desfavoráveis de espaço e de tempo, como torna-los conhecidos – por meio de catálogos, bibliografias, resumos, notícias, exposições, etc. – para que sejam utilizados pelo maior número possível de pessoas interessadas nos elementos formativos, informativos, estéticos ou simplesmente lúdicos neles contidos. A organização começa antes mesmo do ingresso dos livros nas bibliotecas – que se faz por compra, doação ou permuta – através de uma seleção cuidadosamente atenta aos perfis dos respectivos usuários (FONSECA, 2007, p. 1).

[4] CUNHA, M. B. Dicionário de arquivologia e Biblioteconomia . Brasília: Briquet de Lemos, 2008.

A **Biblioteconomia existe desde a Antiguidade**, ou seja, **desde que existem bibliotecas** (SOUZA, 1986; FONSECA, 1987, 2007). São definições: a) prática profissional; e/ou b) ciência biblioteconômica.

Segundo Edson Nery da Fonseca5, é o conhecimento e prática da organização de documentos em bibliotecas. Por organização entendem-se as atividades desenvolvidas na condução dos serviços prestados, os quais podem ser divididos em duas categorias: **serviços-meio** (processos técnicos) e **serviços-fim** (processos informativos). Seus objetos são documentos textuais dos quais existem exemplares múltiplos (difere, neste ponto, da arquivologia e da museologia, cujos objetos são únicos).

Nitecki citado por SOUZA6 (1986), define Biblioteconomia como o estudo **empírico** (conhecimento das experiências atuais e passadas), **racional** (conceitos e postulados visando a formalizar um conheci-mento conforme a razão) e **pragmático** (consequências verificadas no uso da informação) das relações entre o livro, o usuário e o conhecimento (FCI, Universidade de Brasília, 2001).

EMPÍRICO – RACIONAL – PRAGMÁTICO

Como já foi dito, a **Ciência da Informação** é um conjunto de teorias e práticas e, como campo científico, produz intercâmbio com outras disciplinas. Uma delas é a **Biblioteconomia** , **área com a qual ela tem falado mais de perto,** pelo menos na realidade brasileira (OLIVEIRA, 2005).

A Ciência da Informação não é uma evolução da Biblioteconomia , conforme a crença de alguns autores, uma vez que cada uma delas se baseia em orientações paradigmáticas diferenciadas. As teorias da Ciência da Informação aliadas às novas tecnologias de informação vêm contribuindo com novas práticas e serviços Bibliotecário s. **Como já mencionado, a Biblioteconomia e a Ciência da Informação trabalham juntas na busca de solução para o mesmo problema que orienta a área; contudo, representam campos científicos norteados por paradigmas diferentes.**

---

[5] FONSECA, Edson Nery. **Introdução à Biblioteconomia** . Briquet de Lemos Livros, 2007.
_____. Ciência da Informação e prática bibliotecária. **Ciência da Informação**, v. 16, n. 2, 1987.
[6] SOUZA, S. Fundamentos filosóficos da Biblioteconomia . **Revista de Biblioteconomia de Brasília,** v. 14, n. 2, p. 189-196, 1986.

1.2 – ASSOCIAÇÕES PROFISSIONAIS E ENTIDADES DE CLASSE.

American Library Association ALA.

A fundação, em 1876, da American Library Association e, no ano seguinte, de sua congênere inglesa – a Library Association, atualmente denominada Chartered Institution of Library and Information Professionals (CILIP), instituída por carta real em 2004 – incentivou os Bibliotecário s de outros países a se organizarem, donde a criação, em 1900, da Ontario Library Association, em 1906 da Association des Bibliothécaires Français (desde 2005 Association des Bibliothécaires de France), em 1907 da Vereniging van Archirissen em Bibliothecarissen van Belgie / Association des Archivistes et Bibliothécaires de Belgique (FONSECA, 2007).

International Federation of Library Association and Institutions FIAB/IFLA.

Em 1926, por ocasião da conferência comemorativa do cinquentenário da ALA (Atlantic City e Filadélfia), começou-se a pensar numa organização internacional de Bibliotecário s, por analogia com o Instituto Internacional de Bibliografia, que já promovera seis congressos internacionais. O cinquentenário da ALA foi comemorado em setembro de 1927, em Edimburgo, onde representantes de quinze associações nacionais e Bibliotecário s aprovaram a ideia de Gabriel Henriot, fundando a Federação Internacional das Associações de Bibliotecário s / International Federation of Library Associations and Institutions / Federação Internacional de Associações de Bibliotecário s e Instituições (FIAB/IFLA) (FONSECA, 2007).

Note-se que os bibliógrafos ainda realizaram separadamente o sétimo, oitavo e nono congressos internacionais (Colônia 1928, Londres, 1929, e Zurique, 1930). Mas, sob o influxo da IFLA, Bibliotecário s e bibliógrafos se uniram, realizando-se em Roma o Primeiro Congresso Mundial de Bibliotecas e Bibliografia (1929). E, repita-se, do Segundo Congresso Mundial de Bibliotecas e Bibliografia, realizado em Madri e Barcelona, em maio de 1935, que foi inaugurado com a conferência de Ortega y Gasset (FONSECA, 2007).

Universal Availability of Publications UAP.

A Biblioteconomia mundial deve muito à IFLA, que tem sede em Haia. Um dos seus mais importantes projetos, de grande interesse para os Bibliotecário s do chamado Terceiro Mundo, o controle bibliográfico universal, conhecido pela sigla UBC (Universal Bibliographic Control), foi, em 2003, substituído pela Alliance for Bibliographic Standards que conta com a colaboração da Conference of Directors of National Libraries. Também merecem destaque o relativo à disponibilidade universal de publicações (Universal Availability of Publications), conhecido pela sigla UAP, que foi desativado em 2003, tendo suas atribuições re distribuídas entre outros programas da IFLA (FONSECA, 2007).

São importantes suas atividades no campo da normalização internacional da descrição bibliográfica, através das séries ISBD (International Standard Bibliographic Descriptions), e, mais recentemente dos Functional Requirements for Bibliographics Records (FRBR) [Requisitos Funcionais para Registros Bibliográficos].

Federação Internacional de Documentação FID.

Antes da IFLA, como já vimos, surgiu a FID, título adotado em 1938 pelo primitivo Instituto Internacional de Bibliografia, que em 1931 já passara a chamar-se Instituto Internacional de Documentação . Nascida em Bruxelas, ela sediou-se em Haia em 1938. Na metade da década de 1990, a FID deixou de existir. Os direitos que ela detinha sobre o sistema CDU (Classificação Decimal Universal), bem como sua atualização e publicação, passaram, a partir de 1992, para a responsabilidade de um ente criado especialmente com esse objetivo: o UDC Constortium [consórcio CDU], do qual fazem parte os editores das edições holandesa, inglesa, francesa e espanhola da CDU (FONSECA, 2007).

ATENÇÃO! DICA DE PROVA. ORGANIZAÇÃO BIBLIOTECÁRIA NO BRASIL.

A Biblioteconomia brasileira dispõe hoje (2006) de 38 cursos de graduação e 11 de pós-graduação, sete deles em nível de doutorado. Na página da Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação (ABECIN) www.abecin.org.br encontra-se a lista completa dos cursos (FONSECA, 2007).

Na década de 1970 surgiram quatro publicações periódicas primárias: Ciência da Informação (semestral, IBICT, 1972), Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG (semestral, 1972), Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação (trimestral, Federação Brasileira de Associações Bibliotecárias FEBAB, 1973) e Revista de Biblioteconomia de Brasília (semestral, Departamento de Biblioteconomia da Universidade de Brasília e Associação dos Bibliotecário s do Distrito Federal, 1973) (FONSECA, 2007).

Temos uma única publicação periódica secundária: a Bibliografia Brasileira de Ciência da Informação. Iniciada em 1960, como Bibliografia Brasileira de Documentação . O advento da Internet propiciou a publicação de títulos em formato eletrônico, como, por exemplo, DataGramaZero, Encontros Bibli, Intexto, Informação & Informação, Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Informação & Sociedade: Estudos, Perspectivas em Ciência da Informação (que substituiu a Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG) e Transinformação (FONSECA, 2007).

O primeiro Congresso Brasileiro de Biblioteconomia realizou-se no Recife, em julho de 1954, sob os auspícios do Departamento de Documentação e Cultura da Prefeitura da cidade. Desde o segundo (Salvador, 1957) eles se dizem de Biblioteconomia e Documentação . Em 2002, o nome mudou para Congresso Brasileiro de Biblioteconomia , Documentação e Ciência da Informação (FONSECA, 2007).

A **Associação Paulista de Bibliotecário s** foi fundada em 1938, quando o curso de Biblioteconomia de São Paulo diplomou seus primeiros concluintes. É a mais antiga do Brasil. Quase todas as capitais brasileiras possuem suas associações.

Por ocasião do segundo Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (1957) fundou-se em Salvador a **Federação Brasileira de Associações de Bibliotecário s** (FEBAB), hoje **Federação Brasileira de Associações de Bibliotecário s, Cientistas da Informação e Instituições**, com sede em São Paulo. E em 1967 foi fundada em Belo Horizonte a Associação Brasileira de Escolas de Biblioteconomia e Documentação ABEBD, hoje **Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação ABECIN.**

A lei n.º 4 084, de 30 de junho de 1962, dispõe sobre a profissão de Bibliotecário e regula seu exercício. Ela foi regulamentada pelo **Decreto n.º 56 725,** de 16 de agosto de 1965. **A lei de 1964 foi modificada pela Lei n.º 9 674, de 26 de junho de 1998.** De acordo com os referidos dispositivos legais é privativo dos bacharéis em Biblioteconomia o exercício da função de Bibliotecário em instituições públicas e privadas. Foram por eles criados o Conselho Federal e conselhos regionais de Biblioteconomia . Para estes, que são os órgãos fiscalizadores da profissão de Bibliotecário , devem obrigatoriamente contribuir os que a exercem. Os conselhos são supervisionados pelo Ministério do Trabalho (FONSECA, 2007).

Três órgãos da administração pública federal – além da Biblioteca Nacional – devem ser mencionados nesta exposição panorâmica a respeito do Bibliotecário no Brasil: o Departamento Administrativo do Serviço Público DASP, o Instituto Nacional do Livro INL e o Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação IBBD, depois transformado em Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia IBICT.

Na Revista do Serviço Público foram publicados vários artigos de interesse para a Biblioteconomia e a Documentação , de autores nacionais e estrangeiros. Organizada e dirigida por Lydia de Queiroz Sambaquy, a biblioteca do DASP destacou-se como inovadora de processos técnicos e de serviços aos usuários. Era, por isso, o laboratório ideal para estágios de concluintes dos cursos de Biblioteconomia . Lá nasceram o Catálogo Coletivo e o Serviço de Intercâmbio de Catalogação, depois incorporado pelo IBBD e lamentavelmente extintos pelo IBICT (FONSECA, 2007).

O INL, também criado em 1937, foi um benemérito incentivador da criação e modernização de bibliotecas municipais e da formação de Bibliotecário s, tendo oferecidos cursos regulares – como o de Belo Horizonte, fundado por Etelvina Lima, depois alongado em Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais e intensivos. Publicou ainda o INL, além de obras de grande erudição, manuais técnicos de Biblioteconomia e o importante guia das bibliotecas brasileiras (FONSECA, 2007).

Criado em 1954, o IBBD exerceu importante papel na difícil transição da Biblioteconomia para a Documentação no Brasil. Tornou-se membro nacional da Federação Internacional de Documentação FID, reatando a ligação da Biblioteconomia brasileira com a Europa: ligação iniciada por Manuel Cícero Peregrino da Silva no começo do século e interrompida, na década de 1940, por influência da Biblioteconomia norte-americana (FONSECA, 2007).

A transformação do IBBD em IBICT corresponde à transição da Documentação para a Ciência da Informação. Jamais perdoaremos ao IBICT a extinção do Catálogo Coletivo e do Serviço de Intercâmbio de Catalogação. Mas seria injusto negar os pontos positivos deste órgão: o único, presentemente, com o qual podem contar os Bibliotecário s brasileiros, em fazer da estúpida extinção do DASP e do INL (FONSECA, 2007).

ANÁLISE DE QUESTÕES

1. TJPE/FCC/2007 Entre os periódicos especializados da área que permitem acesso on-line é possível citar Ciência da Informação e Encontros Bibli.

Apesar de ser um dos primeiros periódicos de Ciência da Informação, o Ciência da Informação também é online. Atenção a estes 'peguinhas'.

2. (TJPE/FCC/2007) A Comissão Brasileira de Informação e Documentação Jurídica é vinculada À FEBAB.

Suas reuniões eram dadas no Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação .

3. (Câmara dos Deputados / FCC / 2007) O Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação é um evento vinculado à FEBAB.

Temos que memorizar este.

4. (TCE-AL/FCC/2008) A mais antiga e a maior associação de bibliotecas e Bibliotecário s do mundo, com aproximadamente 65 mil membros associados, é a American Library Association (ALA).

Atenção para não confundir a ALA com a IFLA!!!

5. (TJRJ/FCC/2012) A Lei no 9.674, de 25 de junho de 1998, Dispôs sobre o exercício da profissão de Bibliotecário .

São duas Leis e um Decreto. A primeira lei foi atualizada pela segunda.

Na aula 01 iremos complementar os conceitos aqui versados, é importante ter muita atenção aos marcos e desenvolvimentos dessas instituições e estruturas que regulamentam a atividade profissional do Bibliotecário . Agora, iremos ver questões sobre o tema desde 2014, da banca FCC:

6. (Tribunal de Contas – PI / FCC / 2014) O Manifesto da IFLA sobre a Internet:

(A) Destina-se às bibliotecas e aos Bibliotecário s que fornecem acesso público à Internet, o que restringe suas diretrizes às bibliotecas públicas.

(B) Estabelece que é uma das responsabilidades primordiais das bibliotecas e dos Bibliotecário s a liberdade de acesso à informação, independentemente de meios e fronteiras.

(C) Tem no Artigo 18 da Declaração dos Direitos Humanos a base fundamental das suas diretrizes, sendo colocada acima dos valores de diferentes culturas.

(D) Recomenda seguir os princípios de livre acesso para a provisão de documentos, em detrimento dos direitos de propriedade intelectual existentes.

(E) Afirma que as bibliotecas devem divulgar e fortalecer o e-governo na comunidade, porém, sem fornecer materiais de grupos lobistas ou partidos políticos.

Resposta: alternativa B.

COMENTÁRIOS À QUESTÃO:

Temos alguns pronunciamentos oficiais dessas entidades de classe internacionais sobre os mais diversos aspectos da Biblioteconomia . O mais recente são os objetivos sustentáveis de 2030 da UNESCO. Temos o manifesto da IFLA sobre a Internet, e muito semelhante o UK2020, mencionado por Jennifer Rowley (2002). Não vamos nos esquecer da IFLA também se pronunciando sobre as bibliotecas públicas, objeto de uma questão de prova da FCC de 2012.

Tecnicamente, existem outros enunciados das entidades de classe: Os princípios da Catalogação, os requisitos funcionais FRBR, padrões de formato MARC21, a Metodologia de Conspectus, as orientações para o Serviço de Referência e letramento informacional são algumas das principais que me recordo.

Esses documentos, originais em inglês, possuem traduções para o espanhol.

Como já elucidado, a FCC gosta muito de trazer esses referenciais das entidades de classe. Se até 2010 a banca cobrava nomenclaturas e datas, atualmente, a banca tem investido em cobrar os produtos, protocolos e serviços dessas entidades de classe.

Assim, raramente a banca cobra introdução à Biblioteconomia , Documentação e Ciência da Informação nos seus editais, neste sentido é bem diferente do CESPE. Porém, quando cai, a chance de a Banca abordar esse tema sobre entidades de classe é grande e, por isso, o candidato deve estar atento.

FIQUE ATENTO!

1.3 – TEORIAS E FINALIDADES DA DOCUMENTAÇÃO .

A Documentação surge a partir de 1870, em decorrência do **desenvolvimento da indústria gráfica** (CUNHA, 20018). Crescimento este que insere também o contexto dos periódicos. **Paul Otlet** e Henri La Fontaine foram os grandes **idealizadores.** O documento, para Documentação , é **lição e prova** (BRIET, 2016). O conceito de documento é infinitamente **ampliado.**

O surgimento da Documentação é marcado pelo Tratado de Documentação de Paul Otlet. Neste importante documento, traduzido e disponível gratuitamente pelo editor Briquet de Lemos, consta as minúcias da teoria e do neologismo 'Documentação '.

Documentação é usada para indicar o conjunto de técnicas de organização da informação visando recuperação, acesso e uso, e a forma 'Documentação ' para referir-se à área que estuda os fundamentos e métodos relacionados a estas técnicas.

O pioneirismo de Paul Otlet e Henri La Fontaine.

Os pioneiros da Documentação são os advogados belgas chamados **Paul Otlet e Henri La Fontaine.** Especificamente Paul Otlet (que necessitava consultar diversas fontes de informação na sua área do direito) iniciou os trabalhos de síntese e classificação com seus próprios materiais e acabou estabelecendo as bases de conversão em sistemas de classificação biblioteco-bibliográfica.

Ambos **Otlet e La Fontaine** foram os mentores do Instituto Internacional de Bibliografia (IIB), criado em 1895 na Bélgica, e do **Repertório Bibliográfico Universal (RBU)**, cujo projeto foi proposto no mesmo ano e chegou a ter 16 milhões de fichas em 1934. O sonho de Otlet era o de oferecer um índice de assuntos por meio do RBU que permitiria ir (por assunto) ao coração do conhecimento. Este sonho relacionava-se à ideia de que o **acesso** ao conhecimento **por todos** os povos levaria a uma maior compreensão da concepção de alteridade, no sentido do conhecimento das diferenças, o que possibilitaria a paz mundial.

A obra fundamental de Otlet é o **Tratado de Documentação** , de 1934 que pode ser entendida como inauguradora da abordagem **tríade** ancorada nas atividades de **organização e recuperação** da informação **bibliográfica, arquivística** e **museológica.** Otlet considerou como documentos **não somente livros** e manuscritos, mas também arquivos, mapas, esquemas, ideogramas, diagramas, desenhos e reproduções dos mesmos, fotografias de objetos reais, entre outros. Também no início do seu Tratado, consta a bandeira (ainda atual) da **Documentação** como a da necessidade de **tornar acessível** a quantidade de **informação publicada,** produzindo "[...] um todo homogêneo destas massas incoerentes [...]", para o que seriam necessários novos procedimentos, distintos da Biblioteconomia , conforme eram aplicados até aquele momento (OTLET, 1996, p.6)

Otlet descreve a **Documentação** como sendo constituída por uma série de **operações distribuídas**, hoje, entre **pessoas e organismos diferentes**. O autor, o copista, o impressor, o editor, o livreiro, o Bibliotecário , o documentador, o bibliógrafo, o crítico, o analista, o compilador, o leitor, o pesquisador, o trabalhador intelectual. A Documentação acompanha o documento desde o instante em que ele **surge** da **pena do autor** até o momento em que impressiona o **cérebro** do leitor (OTLET, 1937).

Ortega (2009) fala que (...). a Documentação , por sua vez, **consolidou-se como o conjunto de técnicas (e seus fundamentos) de representação de conteúdos de documentos, em suas diversas tipologias e em qualquer suporte, visando recuperação, acesso e uso destes conteúdos.**

A 'Documentação média'.

Bradford (1951)

•Químico e Bibliotecário , chegou a ser vice-presidente da FID, diretor da Comissão Internacional da CDU. Sua obra principal é Documentation (1948), grande continuador da obra de Otlet e contribuiu para o aperfeiçoamento e ampliação das tabelas da CDU. Na parte teórica de sua obra define a Documentação não como uma ciência mas como a técnica que se encarrega de reunir e classificar os diferentes registros. Enquanto a Bibliografia tradicional oferece meras listas de livros, a Documentação dedica-se ao material mais efêmero (tese, publicações periódicas...), ele fala do documentalista como analista desses documentos efêmeros. Mantém que a Documentação é a técnica e a Biblioteconomia é a ciência superior.

J. Shera (1966)

•Sua obra mais importante é Documentation (1951). Para este autor, Biblioteconomia e Documentação começam por ser essencialmente a mesma coisa, verificando-se, no entanto, com o tempo, um aperfeiçoamento da técnica por parte dos documentalistas, com vistas à organização, utilização e reprodução do seu "material" para proporcionar um acesso rápido à informação, o que se traduziu numa separação entre dois grupos de profissionais, considerando, contudo, que: "Documentação não sugere uma nova ciência que se sobrepõe aos Bibliotecário s (...)."

S. Briet (1951, 1960)

•A Documentação de1951, um dos tratados de Documentação sobre o processo. Propõe-se a definição de conceito de Documentação como: *"toda informação conservada e registrada em qualquer tipo de suporte".* Entende por documento "qualquer elemento concreto ou simbólico, conservado, ou registrado para fins de representar, reconstituir ou provar um fenômeno físico ou intelectual"

Outros autores importantes:

José López Yepes - Ele analisou o Tratado de Documentação de Otlet. Destaca que, na primeira parte do Tratado, Otlet expõe os fundamentos de seu conceito de Documentação , de Documento e das relações conexas. O livro é o termo convencional expresso para designar todo tipo de documento que, de outra parte, apresenta uma dupla face: a) como resultado de uma criação intelectual do homem, e b) uma vez reproduzido, como objeto de cultura e civilização.

André Cannone - Na Bélgica, produziu uma edição fac-similar do Tratado de Documentação em 1989 e buscou retomar os trabalhos de Otlet.

Robert Hayes - Em sua obra, na que utiliza pela primeira vez o termo em inglês "Ciências da Informação" (1969), fala da necessidade de informação por parte da sociedade que podem assumir as bibliotecas, mas sempre vai unida ao desenvolvimento das tecnologias, nos Centros de Informação se geram os novos Centros de Informação: bancos de dados, embora parecesse que dá importância aos Centros de Documentação . Fala que estes e a Ciência da Informação são parte integrante de uma ciência maior que é a Biblioteconomia , para todos eles, a Documentação e a Ciência da Informação fazem parte dela.

Rayward (1967, 1975) - Tem publicado em idioma inglês sobre a obra de Otlet, buscando identificar os possíveis significados deste tema nos contextos atuais. É um dos responsáveis pela divulgação da Documentação neste idioma no contexto de seus estudos históricos sobre Ciência da Informação.

M. Buckland (1991) - Fala que os fundamentos e técnicas propostos por Otlet e sedimentados especialmente do final do Século XIX aos anos 1930 receberam várias contribuições no seio da Europa até os dias atuais, mas muitas delas foram perdidas na devastação deste continente durante a Segunda Guerra Mundial. Sua visão é da informação-como-coisa: livros, textos, fotografias, edifícios, pessoas, eventos apontam para alguma informação, logo constituem evidência física, documento, ou seja, "coisa a partir da qual se pode aprender".

A literatura traz alguns autores (além dos pioneiros Paul Otlet e Henri La Fontaine) aos quais foram desenvolvendo o conceito de Documentação e tornando sua abordagem mais ampla. É importante sabermos um pouco sobre o que cada um colaborou para a história e evolução dos conceitos de Documentação .

Então, tome nota: a Documentação inicia-se entre 1870 e 1890 com o megaprojeto Repertório Bibliográfico Universal RBU que tinha a audaciosa intenção de reunir as fichas bibliográficas de todas as publicações globais. Por volta de 1930 o RBU possuía 16 milhões de fichas. Em 1934, Paul Otlet publica a memorável obra Tratado de Documentação .

Para a elaboração do **Repertório Bibliográfico Universal- RBU** foram definidas normas para registros bibliográficos, registros catalográficos internacionais, formato dos documentos (em particular, a ficha) e tipos de mobiliários. As normas foram redigidas por Charles Sustrac e o formato da ficha de 7,5 por 12 cm foram inspiradas nas normas anglo-saxãs. A Classificação Decimal de Dewey CDD, publicada em 1876 nos Estados Unidos, foi utilizada inicialmente em sua 5ª edição, de 1894. Em 1905, a CDD foi editada pela primeira vez em francês, mais tarde sendo revista e conduzindo a um novo instrumento documentário, a Classificação Decimal Universal CDU, utilizada na Europa até hoje.

Otlet adotou a palavra Documentação inicialmente em 1903, em artigo intitulado Les sciences bibliographiques et la documentation. ***A Documentação reúne técnicas de produção, fabricação de material, distribuição, registro, estatística, conservação e utilização, por esta razão incluindo compilação, impressão, publicação, venda, bibliografia e Biblioteconomia .*** Otlet considerou como documentos não somente livros e manuscritos, mas também **arquivos, mapas, esquemas, ideogramas, diagramas, desenhos e reproduções dos mesmos, fotografias de objetos reais,** entre outros.

A biblioteca deixa de ser apenas uma instituição conservadora de livros e estes não são mais os únicos em torno dos quais poderiam ser identificados conhecimentos: a ideia de documento é criada, importando sua função menos que sua morfologia. Mais à frente, designando a atividade específica de coletar, processar, buscar e disseminar documentos, Otlet usou o termo Documentação , em 1905, no artigo L'organisation rationelle de l'information et de la documentation en matières economique – ***observando-se o uso da palavra informação e Documentação .***

Entre 1905 e 1917, **Otlet foi abandonando a palavra bibliografia** em suas publicações em proveito das palavras **Documentação e informação**, ainda que muitas vezes empregue uma pela outra. No **tratado de Documentação** , ele fez uso da palavra **Documentologia** para designar o ***campo do conhecimento que propõe ultrapassando as palavras bibliografia, bibliologia e Documentação .*** A concepção teórico-prática desta corrente foi sistematizada por Otlet no Tratado de Documentação , publicado em 1934. Em seu início consta a bandeira (ainda atual) da Documentação como a da necessidade de ***tornar acessível a quantidade de informação publicada***, produzindo "um todo homogêneo destas massas incoerentes", para o que seriam necessários **novos procedimentos, distintos da Biblioteconomia** , conforme eram aplicados até aquele momento (OTLET, 1996, p. 6).

A Documentação reintegra um novo ciclo que envolve diversas competências:

> **O autor, o copista, o impressor, o editor, o livreiro, o Bibliotecário , o documentador, o bibliógrafo, o crítico, o analista, o compilador, o leitor, o pesquisador, o trabalhador intelectual.**

A palavra **Documentação** pode ser encarada no seu **sentido estrito** – conjunto de documentos de uma unidade de informação; ou no seu **sentido amplo** – disciplina e técnicas para organização de documentos que nasce no final do século XIX. Lembre-se do bojo em que surge a Documentação ; as expectativas frustradas em relação à Biblioteconomia em lidar com a crescente quantidade de documentos científicos, entre demais suportes diversificados de informação, com suas linguagens de tratamento técnico da época; especialmente os sistemas de classificação bibliográfica, muito criticados por S. R. Ranganathan.

Figura 4 Paul Otlet e sua equipe.

Paul Otlet e Henri La Fontaine são conhecidos no Brasil principalmente por serem os mentores da **CLASSIFICAÇÃO DECIMAL UNIVERSAL**, que é baseada em Dewey, mas tem suas tabelas auxiliares expandidas. A CDU é amplamente utilizada nas bibliotecas brasileiras e mundiais. Os advogados pioneiros da Documentação , Paul Otlet e Henri La Fontaine também criaram a **Federação Internacional de Documentação (FID),** em Bruxelas. Eles a criaram em 1895 com sede em **Haia** e acabou herdando o Instituto Internacional de Bibliografia, tendo sido responsável pela mudança do termo **Bibliografia** por **Documentação** .

Os advogados visavam criar **5 repertórios** com a criação da **FID**. São eles:

- Repertório Universal de Direito
- Repertório Universal para as Ciências Sociais
- Repertório de Direito Comparado
- Repertório de Estatística Comparada
- Repertório Geral por nome de autores (seu grande projeto)

A **Federação Internacional de Documentação** (uma vez formalizada) publicou estatutos onde se estabeleciam os seguintes **fins:**

- Aperfeiçoar e unificar os métodos bibliográficos e em especial a classificação.
- Organizar a cooperação para elaborar obras e coleções como o Repertório Bibliográfico Universal.
- Estabelecer um centro internacional de coordenação.
- Permitir aos **intelectuais** utilizarem as coleções por meio de cópias e resumos.
- Multiplicar os serviços bibliográficos e documentários em todos os países.

FID e UIA: A Federação Internacional de Documentação (FID), em Haia, que foi à falência em 2001, e a União de Associações Internacionais (UIA), ainda muito atuante em Bruxelas, sempre incluíram em seu trabalho uma sombra da memória de seus fundadores. Ambas as organizações foram cedo responsáveis por bibliografias relativas à sua história que se tornaram comprovadamente indispensáveis. Um volume de ensaios comemorativos do 60º aniversário da UIA trata de uma ampla gama de assuntos (RAYWARD, 2018).

Podemos dizer que muito antes do *Traité de Documentation*, **Otlet** já havia apresentado seu **conceito de documento**. Isto porque em 1908, o Instituto Internacional de Bibliografia- IIB6 que, juntamente com Henri La Fontaine, havia ajudado a criar, **definiu documento** como:

> [...] tudo aquilo que representa ou expressa, por meio de sinais gráficos (escrita, pintura, diagramas, mapas, imagens, símbolos) um **objeto**, um feito, uma ideia, ou uma impressão. Textos impressos (livros, revistas, jornais) hoje constituem a mais numerosa categoria deles. (CLEVELAND apud RONDINELLI, 2011)

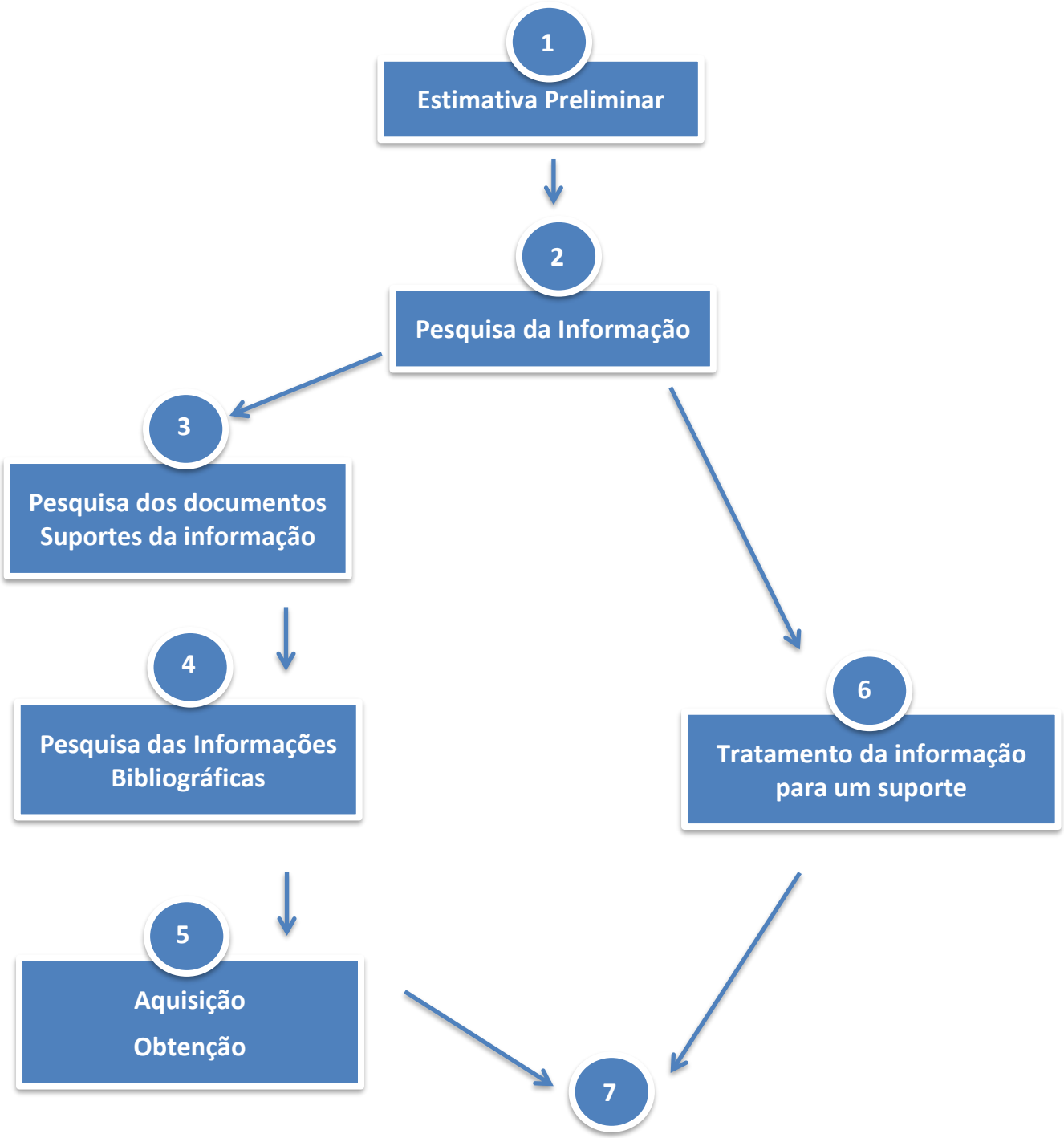
O objetivo da Federação Internacional de Documentação era **promover** a investigação e o **desenvolvimento** da **Documentação** internacional. Isto compreende organizar, ordenar, registrar e difundir a informação em **qualquer suporte** e em **qualquer** âmbito **científico**.

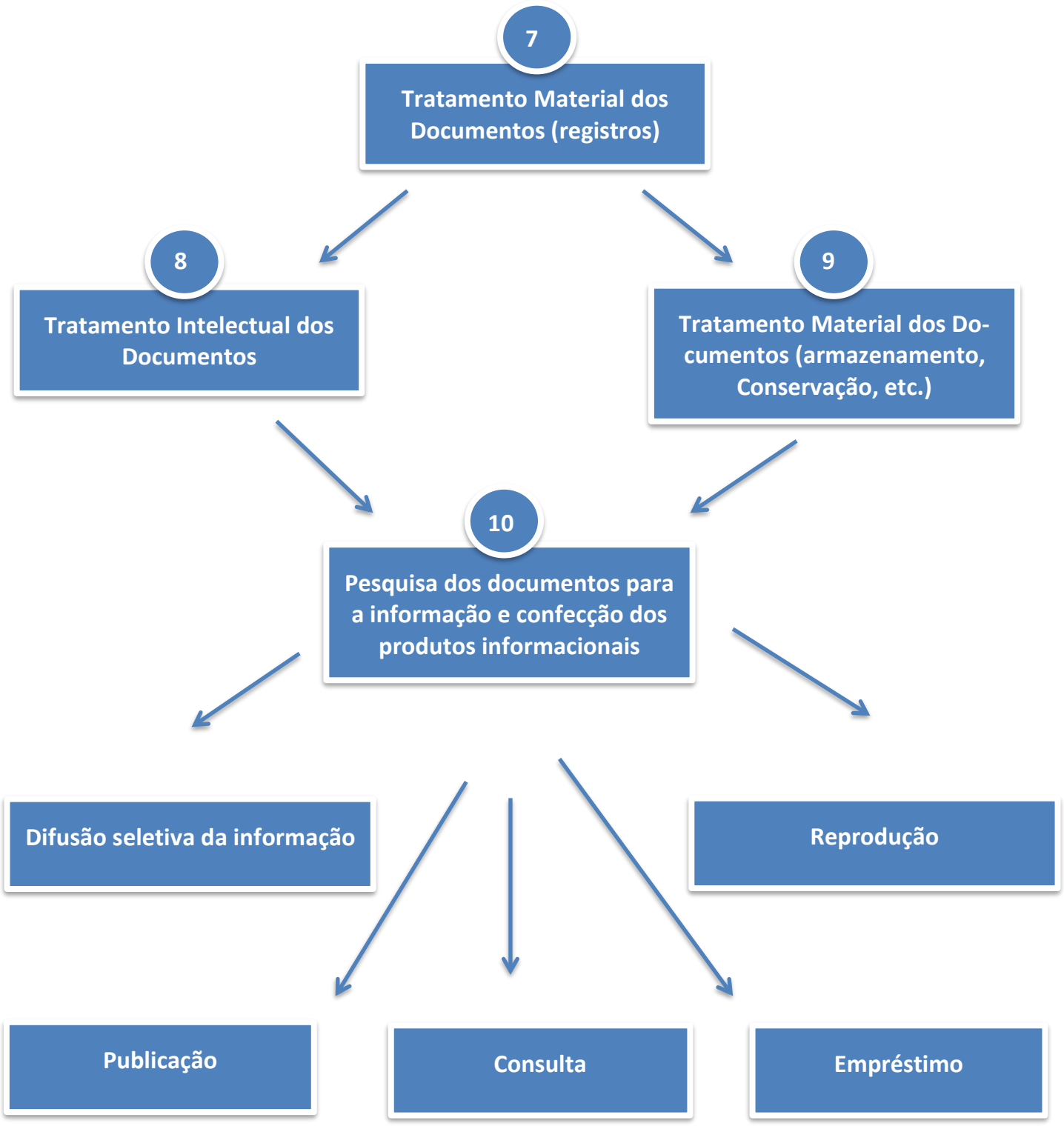
Décadas de 1950 e 1960: Merecem ainda ser lembrados vários apanhados históricos iniciais sobre a organização internacional da bibliografia e da Documentação . Nos anos de 1950 e 1960, nos Estados Unidos, **Jesse Shera** reconheceu a importância das ideias de Otlet sobre classificação e Documentação e ajudou a mantê-las vivas. Uma importante personalidade francesa, que escreveu extensamente sobre classificação e recuperação da informação nos anos de 1950 e nos trinta anos seguintes, foi Eric de Grolier. As críticas por ele feitas à CDU e os relatos sobre seu desenvolvimento formaram uma plataforma para trabalhos teóricos posteriores que contribuíram para avanços na Ciência da Informação. Uma bibliografia de seus trabalhos foi publicada em International Classification. Em 1968, um número da revista da Association Belge de Documentation foi dedicado como festschrift a Otlet por ocasião de seu centenário de nascimento. Durante muitos anos, o cabeçalho do papel de carta usado pelo American Documentation Institute (fundado em 1937) e hoje American Society for Information Science, levava impressa (sem dar crédito à autoria) uma definição de Documentação de Otlet, a qual também aparecia no cabeçalho de sua revista, American Documentation (atualmente Journal of the American Society for Information Science). No final dos anos de 1960 e 1970 o campo de estudo e prática profissional que era designado, em geral, pelo termo 'Documentação ', cunhado por Otlet, passou a ser rotulado cada vez mais como 'Ciência da Informação'. Mas, para mim e outros que estudam as mudanças representadas pela evolução terminológica, as ideias de Otlet sobre tecnologia, informação e comunicação eram muito mais relevantes e estimulantes do que hoje. Mostrei que o **Traité de documentation, de Otlet**, era de fato **um dos primeiros grandes tratados de Ciência da Informação**. (RAYWARD[7], 2018).

[7] Rayward, W. B. Organização do conhecimento e um novo sistema político mundial. In: OTLET, P. Tratado de Documentação . Brasília: Briquet de Lemos, 2018.

A 'Documentação tardia'.

A Documentação acompanha o documento desde o instante em que ele surge na da pena do autor até o momento em que impressiona o cérebro do leitor. == > **surgimento da noção de ciclo documentário.** Essa foi a principal contribuição deste período. Observe o diagrama abaixo:





GUINCHAT, C.; MENOU, M. **Introdução geral as ciências e técnicas da informação e Documentação .** 2. ed. rev. aum. Brasília: IBICT,1994.

A Documentação nos anos de 1980 e 1990: O interesse pelas contribuições de Otlet à Documentação e à história da Ciência da Informação tiveram continuidade nas décadas de 1980 e 1990. Na universidade de Amsterdã, Paul Schneiders defendeu tese de doutorado que trata essencialmente de Otlet. Um importante acontecimento para os estudiosos de Otlet ocorreu na Bélgica, nos anos de 1980, quando André Canonne passou a defender a ideia de ressuscitar o Mundaneum como museu e arquivo que seria instalado em Liège.3 Ele conseguiu com que o Traité de documentation de Otlet fosse reimpresso, em 1989, em reconhecimento a sua importância e raridade (RAYWARD, 2018). **Hipertexto e internet:** Assim que a revolução da informação teve início, a obra de Otlet podia ser vista em um novo tipo de contexto. Aquilo que parecera utópico, até mesmo mais parecido com ficção científica, em suas especulações sobre o que hoje denominamos tecnologia da informação, começou a parecer uma previsão deste mundo novo (RAYWARD, 2018).

O Mundaneum: Nas páginas finais de Monde, sua última obra importante, é como se Otlet destilasse as décadas de evolução de seu pensamento até chegar ao que se tornou agora uma noção intrincadamente multifacetada do Mundaneum. Ele apresenta, em dez páginas, uma suma das crenças e ideias que se encontram atrás da obra de sua vida. O Mundaneum, conta-nos ele, é uma ideia de universalismo. É uma instituição em que são reunidos “o museu para ver, o cinema para assistir, a biblioteca, enciclopédias e arquivos para ler, o catálogo para consultar, a palestra, o rádio e os discos para ouvir, e a conferência para debater (Ad mundum, vivendum et legendum, et audiendum et discutiendum)”. * O latim, com seus matizes clássicos e litúrgicos, talvez se preste para acentuar a importância dessa litania de funções. O Mundaneum, porém, é mais do que isso. É um método que implica, entre outras coisas, “pesquisa e previsão, unificação e padronização, ordenação e classificação, cooperação, planejamento e regulação, por fim, expressão, apresentação e reprodução”. É um edifício físico a ser realizado arquitetonicamente. É, afinal, uma rede. Idealmente, o Mundaneum existiria como um protótipo central com uma escala descendente de exemplos derivados: em nível nacional (o Mundaneum–França ou o Mundaneum–Itália) e níveis regionais e locais. Estaria representado em nível pessoal por um Studium–Mundaneum, um gabinete pessoal tecnologicamente sofisticado no qual as pessoas poderiam utilizar novos métodos de Documentação que antecipavam “possibilidades tecnicamente ilimitadas” de “repertórios analíticos e tabelas sintéticas que listassem e visualizassem fatos” [...] O novo imperativo global do Mundaneum, l’idée mondiale et universelle, que estimulará as tecnologias e sistemas documen-tários do Studium– Mundaneum de cada pessoa terá efeitos de amplo alcance. Otlet acredita que isso teria impacto na “própria vida, nas ocupações, no trabalho e nas relações pessoais, familiares e sociais (Otlet emprega a palavra ‘aspirations’).” Seria possível pensar nessa afirmação como um resumo das questões acerca da natureza dinâmica da comunidade, de práticas baseadas no trabalho e relações sociais que depertaram tantos comentários e pesquisas em relação com a internet e com a World Wide Web (RAYWARD, 2018).

(EBESERH/2018) A respeito de Documentação e Ciência da Informação, julgue os itens.

7. No âmbito da Documentação , "informação como coisa" refere-se a uma classe restrita de objetos que formam os sistemas de informações documentais ou bibliográficas, razão por que objetos da natureza, artefatos, imagens e sons são excluídos dessa classe.

Resposta: ERRADO.

8. A Documentação considera perfurações em série, sinais magnéticos, signos visuais e signos auditivos como documentos do tipo suporte de dados.

Resposta: CERTO.

9. Um dos princípios estabelecidos por Paul Otlet para a Documentação preconiza o registro do pensamento humano e da realidade exterior em elementos de natureza material, isto é, documentos que possibilitem o acesso à informação e ao conhecimento.

Resposta: CERTO.

10. A proposta terminológico-epistemológica do conceito da Ciência da Informação, feita de forma clara e simples, contribuiu para a aceitação e disseminação da identidade dessa disciplina.

Resposta: ERRADO.

No item 01 utilizamos Briet (2016) para perceber que a informação como suporte, ou "como coisa" refere-se a uma **classe ampla de objetos** que formam os sistemas de informação documentais ... Assim, objetos da natureza – vamos nos lembrar do antílope na lição da dama da Documentação -, artefatos, imagens e sons estão incluídos nesta categoria. Por isso, o item está incorreto.

No item 03 utilizamos Otlet (2018) o que explica a mudança de paradigma da Documentação para a possibilidade que o novo conhecimento traz para nós. A Documentação veio para solucionar problemas factíveis da explosão informacional e é um prenúncio da Ciência da Informação. A bifurcação inicial entre Biblioteconomia e Documentação é conciliada pelo surgimento da Ciência da Informação. Por isso, o item está correto.

Então, tome nota: a Documentação surge a partir de 1870, em decorrência do desenvolvimento da indústria gráfica (CUNHA, 20018). Crescimento este que insere também o contexto dos periódicos. Paul Otlet e Henri La Fontaine foram os grandes idealizadores. O documento, para Documentação , é lição e prova (BRIET, 2016). O conceito de documento é infinitamente ampliado.

DOCUMENTAÇÃO – processo que consiste na **criação, coleta, organização, armazenamento e disseminação de documentos ou informações.** A teoria da Documentação surgiu a partir de 1870, em decorrência do desenvolvimento da indústria gráfica. **Paul Otlet** e **Henri La Fontaine** foram seus grandes líderes. **DOCUMENTO** - A latinidade e sua herança sempre deram à palavra 'documento' o sentido de lição e prova. O dicionário Richelet e o Littré trazem dois testemunhos franceses. Uma bibliografia contemporânea, ciosa de clareza, lançou esta breve definição: **"um documento é uma prova em apoio a um fato".** Se aludirmos às definições 'oficiais' da Union Française des Organismes de Documentation (ufod), verifica-se que 'documento' é assim explicado: **"toda base de conhecimento fixada materialmente e suscetível de ser utilizada para consulta, estudo ou prova"** (...). Os documentos são reproduzidos (desenhos, aquarelas, pinturas, estátuas, fotos, filmes e microfilmes), depois selecionados, resumidos, descritos, traduzidos (produtos documentários). Os documentos relativos a esse fato são objeto de uma ordenação científica (fauna) e ideológica (classificação). Enfim, sua conservação e utilização são determinadas por técnicas gerais e métodos válidos para o conjunto dos documentos, métodos esses estudados em associações nacionais e congressos internacionais. O antílope catalogado é um documento primário e os demais são documentos secundários ou derivados (BRIET, 2016).

Fonte: Papirvm Biblioteconomia .

QUESTÕES DE FIXAÇÃO

(ABIN/2017) Acerca de Documentação e informação, julgue os próximos itens.

11. O Tratado de Documentação é um dos primeiros textos da Ciência da Informação (CI).

Resposta: CERTO.

12. O campo da Documentação e informação consiste em um conjunto de normativas que regulam a organização de acervos de bibliotecas segundo códigos de catalogação e classificação, além de outros instrumentos técnicos.

Resposta: CERTO.

13. O vocábulo Documentação é um neologismo criado por Paul Otlet.

Resposta: CERTO.

O surgimento da Documentação é marcado pelo Tratado de Documentação de Paul Otlet. Neste importante documento, traduzido e disponível gratuitamente pelo editor Briquet de Lemos, consta as minúcias da teoria e do neologismo 'Documentação '.

A CONCEPÇÃO OTLETIANA FUNDADORA DA DOCUMENTAÇÃO . Os advogados Paul Otlet (1868-1944) e Henri La Fontaine (1854-1943) foram os mentores do Instituto Internacional de Bibliografia IIB, criado em 1895 na Bélgica, e do Repertório Bibliográfico Universal RBU, cujo projeto foi proposto no mesmo ano e chegou a ter 16 milhões de fichas em 1934. O sonho de Otlet era o de oferecer um índice de assuntos por meio do RBU que permitiria ir (por assunto) ao coração do conhecimento.

ATENÇÃO! O IIB teve seu nome alterado para Instituto Internacional de Documentação IID em 1931, e para Federação Internacional de Documentação em 1937. A partir de 1986, recebeu a denominação Federação Internacional de Informação e Documentação , mantendo a sigla original. A FID foi dissolvida em 2002.

1.4 – LINHA DO TEMPO DO DESENVOLVIMENTO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO.

Existe uma vasta literatura a respeito da **fundamentação teórica** que sustenta a Ciência da Informação, e **quanto à origem desta**, a qual reflete as diversas tentativas da comunidade da área de trazer a luz seus entendimentos sobre o que, propriamente, vem a ser Ciência da Informação, **qual é o seu objeto de estudo (a informação)** e **quais as suas relações com outras disciplinas (interdisciplinaridade)** (Oliveira, 2005[8]).

1.4.1. Antecedentes Sociais.

Assim como outros campos interdisciplinares (Ciência da Computação, Comunicação Social, Ecologia), **a Ciência da Informação nasceu no bojo da revolução científica e técnica que se seguiu à Segunda Guerra Mundial.** Para alguns autores, a história da Ciência da Informação sofreu influências marcantes de duas disciplinas, que contribuíram não só para sua gênese, mas, também, para seu desenvolvimento:

1) **A Documentação ,** que trouxe novas conceituações; e,
2) **A Recuperação da Informação,** que viabilizou o surgimento de sistemas automatizados de recuperação de informações.

Alguns autores que consideram tais disciplinas como antecedentes da Ciência da Informação são Harmon (1971), Saracevic (1992) e Pinheiro (1997). A seguir, será apresentado um breve histórico ressaltando a importância de cada um desses pilares. Portanto, a partir de agora, iremos apresentar o contexto da Ciência da Informação na perspectiva da Documentação e da recuperação da informação:

Documentação e Ciência da Informação.

- Com a **Revolução Industrial deflagrada em toda Europa e nos Estados Unidos,** no final do século XIX, a quantidade de informações registradas cresceu de forma assustadora, e várias tentativas foram feitas para realizar um levantamento bibliográfico universal. **Então, Documentação é o contexto da revolução industrial.**
- A iniciativa mais importante foi assumida pelos advogados belgas **Paul Otlet e Henri La Fontaine,** que acreditavam poder solucionar o problema que era o de levar ao conhecimento de cientistas e interessados **toda a literatura científica e todos os produtos do conhecimento gerados no mundo.**

[8] Oliveira, Marlene de (Coord.). Ciência da Informação e Biblioteconomia : novos conteúdos e espaços de atuação. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

- Para isso, planejaram a criação de uma **biblioteca universal** a fim de divulgar, em fichas, os **dados bibliográficos relativos a todos os documentos indexados.** A biblioteca universal seria de referência dos produtos e não de reunião de acervos.
- Para coordenar tais atividades foi criado o **Instituto Internacional de Bibliografia (IIB),** que começou a criar ferramentas para registrar, de forma sistemática e padronizada, as referências dos documentos. **O controle dos registros é mecanizado.**
- Uma das primeiras preocupações do IIB era a de desenvolver um **sistema de classificação único,** a ser adotado por todos na indexação dos documentos, uma vez que a biblioteca universal seria uma biblioteca de referências. Assim surgiu a **Classificação Decimal Universal (CDU),** que oferecia a possibilidade de tratar outros tipos de documento além do livro e de outros produtos impressos.
- Outro fato relevante foi a elaboração, por Paul Otlet, do **conceito de documento,** que passou a ser **"o livro, a revista, o jornal, a peça de arquivo, a estampa, a fotografia, a medalha, a música, o disco, o filme e toda a parte documentária que precede ou sucede a emissão radiofônica. São amostras, espécimes, modelos fac-símiles e, de maneira geral, o que tenha caráter representativo, com três dimensões e, eventualmente, em movimento".**
- **Essa nova visão de registros de conhecimento modificou a atuação do IIB,** que foi transformado, em 1931, em **Instituto Internacional de Documentação (IID),** já com a preocupação de fornecer meios de controle para os novos tipos de suporte do conhecimento. Em 1938, esse instituto foi transformado em **Federação Internacional de Documentação - FID,** órgão máximo da área.

O **conceito de documento** ampliou o campo de atuação dos profissionais da área ao ultrapassar os limites do espaço da biblioteca e agregar novas práticas de organização e novos serviços de Documentação . Por isso, o **Instituto Internacional de Bibliografia** pode ser compreendido como acontecimento importante na gênese da Ciência da Informação, do qual brota **a ideia de bibliografia como registro**, **memória do conhecimento científico**, desvinculada dos organismos como arquivos e bibliotecas, e de acervos. A ideia de criação da Biblioteca Universal de Paul Otlet e Henri La Fontaine não foi implementada, mas a iniciativa deixou como legado, para os profissionais de informação, novos conceitos, como o de documento, de bibliografia e a Classificação Decimal Universal.

O Surgimento dos Sistemas de Recuperação da Informação.

Outro pilar, considerado sustentáculo para o surgimento da Ciência da Informação, é a Recuperação da Informação:

- A situação após a Segunda Guerra despertou, notadamente nos países desenvolvidos, um grande interesse pelas atividades de ciência e tecnologia, ocasionando um **aumento considerável de conhecimentos**. **O contexto é o da 2ª Guerra Mundial.**

- Este fenômeno, denominado como **"explosão de informação" ou explosão de documentos,** caracterizou-se por um crescimento exponencial de registros de conhecimento, **particularmente em ciência e tecnologia.**
- Tal fenômeno trazia em seu bojo um problema básico, que era a tarefa de tornar mais acessível um acervo crescente, proveniente daqueles registros. Novamente o problema de tornar acessíveis grandes massas de documentos.
- Em artigo publicado em 1945 um respeitado cientista do **MIT (Massachussets Institute of Tecnology - USA), Vanevar Bush,** chefe do esforço científico americano durante a Segunda Guerra Mundial, identificou e definiu o problema de tornar acessível o acervo crescente de conhecimentos e **propôs uma solução.**
- A proposta era a de usar as incipientes tecnologias de informação para combater tal problema. Ele chegou a propor uma máquina com capacidade de **"associar ideias",** que duplicaria os **"processos mentais artificialmente" [processo de indexação].**
- Na década de 1950, muitos cientistas, engenheiros e empreendedores começaram a trabalhar sobre **o problema e na solução apontada por Bush.** Com efeito, naquela época, o emprego do computador no tratamento e na recuperação da informação de maneira sistemática trouxe novas perspectivas para os serviços de biblioteca e de informação, notadamente, nas indústrias.

O termo **recuperação da informação** foi cunhado por Mooers (1951) como um termo que "engloba os aspectos intelectuais da descrição de informações e suas especificidades para a busca, além de quaisquer sistemas, técnicas ou máquinas empregados para o desempenho da operação". A concepção de recuperação proposta por Mooers contém três perguntas básicas:

- **Como descrever intelectualmente a informação?**
- **Como especificar intelectualmente a busca?**
- **Que sistemas, técnicas ou máquinas devem ser empregados?**

As atividades desenvolvidas no âmbito da temática **"recuperação da informação"** conduziram a estudos teóricos e conceituais sobre a natureza da informação; a estrutura do conhecimento e seus registros (incluindo a **bibliometria**); os estudos relativos ao uso e aos **usuários de informação**; **estudos do comportamento humano** frente à informação a **interação homem-computador**, dentre outros. Enfim, a recuperação da informação possibilitou o surgimento dos sistemas automatizados de informação.

A ênfase nessa atividade que veio a se denominar Ciência da Informação deve-se ao seu esforço para enfrentar os problemas de **organização, crescimento e disseminação do conhecimento registrado, que vem ocorrendo em proporções geométricas, desde logo após a Segunda Grande Guerra Mundial.** Nesse sentido, a Ciência da Informação nasceu para resolver um grande problema, que foi também a grande preocupação tanto da Documentação quanto da Recuperação da Informação, que é o de reunir, organizar e tornar acessível o conhecimento cultural, científico e tecnológico produzido em todo o mundo.

Um evento importante é apontado por Meadows (1991) para o desenvolvimento da área. Segundo ele, a disciplina passou por uma acentuada evolução após a Segunda Guerra Mundial, ocasionada pelo surgimento da **Teoria Matemática da Informação,** descrita por Shanon e Weaver no final dos anos 1940.

Essa teoria, adotada por muitas outras áreas, explica os problemas de transmissão de mensagens através de canais mecânicos de comunicação. O princípio de **toda comunicação implica na transmissão de uma mensagem entre uma fonte (emissor) e um destino (receptor) utilizando um canal.**

- **O emissor ou fonte pode ser um indivíduo, um grupo ou uma empresa.**
- **O receptor ou destinatário é quem recebe a mensagem.**

Esse modelo de comunicação, elaborado por engenheiros para comunicação entre máquinas, **não atendeu às necessidades teóricas da Ciência da Informação**, uma vez que, ao se tratar de pessoas, o receptor é submetido a um fluxo de mensagens que chegam de todos os lados, sendo necessária uma seleção para compreender aquelas que interessam particularmente a um indivíduo.

A contribuição da teoria para o desenvolvimento teórico da Ciência da Informação foi pequena, mas importante para a sua história, uma vez que atraiu a atenção para a necessidade de se definir claramente o caráter da informação com que os profissionais da área se preocupavam.

A data de 1958 é assinalada como um dos marcos na formalização da nova disciplina, quando foi fundado, no Reino Unido, **o Institute of Information Scientists (IIS).** Alguns autores descrevem a origem da nova disciplina a partir das bibliotecas especializadas (em indústrias e outras organizações) e especialmente pela ênfase dada por estas à ideia de Documentação . Na indústria moderna houve uma crescente demanda de informação para maior desempenho das organizações. Então, alguns cientistas qualificados se deslocaram para a área de pesquisa e desenvolvimento ou de produção com o intuito de estabelecer um serviço de informação ativo para seus colegas.

Eles se consideravam como **cientistas da informação, já que eram cientistas que pesquisavam para cientistas.** Como a atividade se expandiu e se formalizou, houve necessidade de treinamento para aqueles que optavam por essa atividade. **O conjunto desse treinamento passou a se chamar Ciência da Informação. O uso do termo cientista da informação pode ter tido a intenção de distinguir os cientistas da informação dos cientistas de laboratório,** uma vez que o interesse principal daqueles membros era a organização da informação científica e tecnológica (Ingwersen, 1992). **Os membros denominados cientistas da informação eram profissionais de várias disciplinas que se dedicavam às atividades de organizar e suprir de informação científica seus colegas pesquisadores de P & D** (Foskett, 1969; Meadows, 1991; Ingwersen, 1992).

Um ponto importante salientado por **Meadows (1991)** foi a **intensidade com que o computador afetou a estrutura dentro da qual a Ciência da Informação opera.** Como outros campos científicos de natureza semelhante, por exemplo, a Ciência da Computação, a Ciência da Informação tem sua origem na esteira da revolução científica e técnica que se seguiu à Segunda Guerra Mundial.

Segundo alguns autores, como **Saracevic (1992),** **as novas tecnologias projetam-se sobre a Ciência da Informação da mesma maneira que o fazem sobre muitos outros campos do conhecimento.**

No entanto, **há consenso entre estudiosos da Ciência da Informação de que ela está inexoravelmente conectada à tecnologia da informação.** A recuperação da informação, que teve papel importante no surgimento da área, guarda em sua evolução as associações da ciência com a tecnologia da informação.

Borko (1968) definiu a Ciência da Informação como **uma disciplina que investiga as propriedades e o comportamento da informação, as forças que governam seu fluxo e os meios de processamento para otimizar sua acessibilidade e utilização.** Relaciona-se com o **corpo de conhecimento relativo à produção, coleta, organização, armazenagem, recuperação, interpretação, transmissão, transformação e utilização da informação.**

As ideias de Borko, ao conceituar a nova disciplina, apontam a essência do problema que orienta o campo da Ciência da Informação: **organizar e disponibilizar para uso as informações sobre o que é produzido culturalmente.**

O problema básico da Ciência da Informação foi estudado por **Saracevic (1996)** quanto à sua evolução e ao enfoque contemporâneo. Ele a redefiniu como: (...) **um campo dedicado a questões científicas e à prática profissional, voltadas para os problemas da efetiva comunicação do conhecimento e de registros de conhecimento entre seres humanos, no contexto social, institucional ou individual do uso e das necessidades de informação. No tratamento destas questões são consideradas de particular interesse as vantagens das modernas tecnologias informacionais** (Saracevic, 1996, p. 47).

Ciência da Informação designa o campo mais amplo, de propósitos investigativos e analíticos, interdisciplinar por natureza, que tem por objetivo o estudo dos fenômenos ligados à produção, organização, difusão e utilização de informações em todos os campos do saber (CNPq. AVALIAÇÃO E PERSPECTIVA, 1983, p. 52).

No entendimento daqueles consultores, a Biblioteconomia e a arquivologia são disciplinas aplicadas, que tratam da coleta, da organização e da difusão de informações preservadas em diferentes tipos de suportes materiais. Diferenciam-se, basicamente, pelo fato de que as bibliotecas e outros órgãos assemelhados lidam com a necessidade de prover os usuários com informações substantivas sobre o universo dos conhecimentos, ou parte deles, enquanto que os arquivos lidam com aqueles documentos que foram produzidos como resultado das atividades desenvolvidas por uma pessoa física ou jurídica e que, portanto, documentam essas atividades. (CNPq. AVALIAÇÃO E PERSPECTIVA, 1983).

O CONCEITO DE INFORMAÇÃO.

Em primeiro lugar é preciso esclarecer que, na ótica da Ciência da Informação, **o objeto "informação" é uma representação.** Como é uma representação de conhecimento, que já é uma representação do real, ela se torna uma representação de representação. Por isso, a informação é um objeto complexo, flexível, mutável, de difícil apreensão, sendo que sua importância e relevância estão ligadas ao seu uso.

Grande parte dos autores analisados enxerga a informação como conhecimento. Ela é algo que ajuda na resolução de um problema ou completa uma lacuna no conhecimento da pessoa, conforme cada necessidade. Nessa linha, Brooks (1980) afirma que informação produz efeitos no usuário e propõe a seguinte equação como forma de sistematizar o processo de informação:

$$K(S) + \partial K = K\,(S + \partial S)$$

A equação exprime a passagem de um estado de conhecimento que é K(S) para outro de conhecimento expresso por K(S + S). s signos K si ficam a contribuição de um conhecimento extraído de uma informação que é expressa por I, entã o **efeito** dessa modificação é S. Mu s autores consideram a informação como um resultado da interpretação do indivíduo. Isto é, o usuário é quem lhe confere importância e confiabilidade, sendo que a apreensão do dado e/ou fato se relaciona a um conhecimento preexistente do indivíduo.

> A informação é um conhecimento inscrito (gravado) sob a forma escrita (impressa ou numérica), oral ou audiovisual. A informação comporta um elemento de sentido. É um significado transmitido a um ser consciente por meio de uma mensagem inscrita em um suporte espacial-temporal: impresso, sinal elétrico, onda sonora, etc. Essa inscrição é feita graças a um sistema de signos (a linguagem), signos estes que são elementos da linguagem que associa um significante a um significado: signo alfabético, palavra, sinal de pontuação (Le Coadic, 1996).

O objeto da área, a informação, conforme Pinheiro (2002) está imerso em um campo vasto e complexo de pesquisas que, por tradição, se relacionam a documentos impressos e a bibliotecas. **No entanto, a informação de que trata a Ciência da Informação não se restringe a documentos impressos, pode ser percebida em conversas entre cientistas e outros tipos de comunicação informal.**

Ela se apresenta também em uma **inovação para o setor produtivo, na forma de patente, fotografia ou objeto, no registro magnético de bases de dados, numa biblioteca virtual ou repositório na Internet.**

Para facilitar a tarefa sobre o entendimento do que venha a ser informação, Pinheiro (1997) extraiu dos escritos de vários autores os seguintes atributos de informação:

- **A informação tem o efeito de transformar ou reforçar o que é conhecido, ou julgado conhecido, por um ser humano;**
- **É utilizada como coadjuvante da decisão;**
- **É a liberdade de escolha que se tem ao selecionar uma mensagem;**
- **É algo necessário quando enfrentamos uma escolha (a quantidade de informação requerida depende da complexidade da decisão a tomar);**
- **É matéria-prima de que deriva o conhecimento;**
- **É trocada com o mundo exterior, e não meramente recebida;**
- **Pode ser definida em termos de seus efeitos no receptor.**

A informação é um fenômeno tão amplo que abrange todos os aspectos da vida em sociedade; pode ser abordado por diversas óticas, seja a comunicacional, a filosófica, a semiológica, a sociológica, a pragmática e outras. Essa multiplicidade de possibilidades de análise do fenômeno conduz a uma reflexão sobre a **natureza interdisciplinar**, ou até **transdisciplina**r, da área, uma vez que esta, se por um lado busca sua identidade científica, por outro, fragmenta-se ao abordar diferentes temáticas relacionadas ao binômio informação / comunicação.

CONEXÕES DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO.

Há unanimidade entre os praticantes e pesquisadores da Ciência da Informação sobre o fato de esta ser um **campo interdisciplinar**. Isso significa que os problemas da área, tanto os de natureza teórica quanto os técnicos, têm sido equacionados com a participação de outros ramos do conhecimento (OLIVEIRA, 2005). Na opinião de Saracevic (1992), **a interdisciplinaridade foi introduzida na Ciência da Informação pela variedade de antecedentes de todas as pessoas que se ocuparam com seus problemas** (já descritos). Entre os pioneiros havia **engenheiros, Bibliotecário s, químicos, linguistas, filósofos, psicólogos, matemáticos, cientistas da computação, homens de negócios e outros, oriundos de diferentes profissões ou ciências**. Nem todas as disciplinas das quais tais pessoas se originaram tiveram contribuição relevante, mas essa multiplicidade de visões na construção da área foi responsável pela introdução e pela permanência do objetivo interdisciplinar na Ciência da Informação.

A participação de outros campos do conhecimento na Ciência da Informação permanece em função da complexidade dos problemas a serem equacionados pela área, o que exige a contribuição de diferentes profissionais e/ou pesquisadores. Dentre as disciplinas com as quais a Ciência da Informação tem trabalhado distinguem-se: Biblioteconomia , Ciência da Computação, Comunicação Social. Administração, Linguística, Psicologia, Lógica, Matemática, Filosofia/Epistemologia. A aproximação dos praticantes da área com outros campos de conhecimento, segundo Ingwersen (1992), foi motivada pela necessidade de se resolverem problemas teóricos da Ciência da Informação. Na opinião do autor, contudo, houve um exagero na busca de aproximação com outras disciplinas por parte da Ciência da Informação.

Ao tentar resolver problemas teóricos, a comunidade tem trabalhado em demasia os espaços fronteiriços da Ciência da Informação. Dessa maneira, a busca da interdisciplinaridade, sem muita reflexão, pode estar tornando-a vulnerável em vez de resolver sua fragmentação.

ESTA CAI NA PROVA!

- **As primeiras disciplinas;**
- **As profissões da informação;**
- **A interdisciplinaridade;**
- **A multidisciplinaridade.**

AS PRIMEIRAS DISCIPLINAS.

Segundo Le Coadic (1996, p. 14) o que caracteriza **as quatro disciplinas que foram atuantes até o momento**, no campo da informação – **a Biblioteconomia , a museoconomia, a Documentação e o jornalismo** é que todas atribuíram interesse particularmente grande aos suportes da informação.

O livro na biblioteca e o objeto no museu foram durante muito tempo, recolhidos, armazenados e preservados por um conservador, com o fim único da preservação patrimonial (LE COADIC, 1996).

AS PROFISSÕES DA INFORMAÇÃO.

São profissões regulamentadas em Lei, no Brasil:

- **ARQUIVOLOGIA,**

Lei n. 6.546, de 04 de julho de 1978.

- **BIBLIOTECONOMIA ,**

Lei n. 9.674, de 25 de junho de 1998.

- **MUSEOLOGIA,**

Lei n. 7.287, de 18 de dezembro de 1984.

Em relação às profissões da informação, Araújo (2014) afirma que:

BIBLIOTECONOMIA	ARQUIVOLOGIA	MUSEOLOGIA
Funcionalista. **Século XVIII; Bibliotecas públicas; 5 leis da Biblioteconomia (Ranganathan); Dinâmica e uso de bibliotecas; Tipologias de bibliotecas; Suportes informacionais.**	**Funcionalista.** **Jenkinson, de 1922, e de Casanova, de 1928; Arquivos e eficácia organizacional; Schellenberg e Brooks; Valor primário/ secundário dos documentos; Destinação final.**	**Funcionalista.** **Museum Education; museologia "verbal" ou nominalista, exemplo: Museu do Louvre; Museu do imaginário.**
Crítico. **Processos de redemocratização; incentivo à leitura, biblioteca comunitária, "carro livro", ação cultural; Dinâmicas diferentes da funcionalista: contra a desinformação, alienação, etc.**	**Crítico.** **Bautier e os interesses ideológicos; Custódia documental; Políticas nacionais de informação, direito de acesso à informação e transparência do Estado; Arquivologia canadense; Terry Cook e poder, Estado e arquivos.**	**Crítico.** **Pensamento crítico de ensaístas Zola, Valery e manrinetti; "Mausoleu" estruturas de poder sobre outras culturas; Sociologia da cultura; Capital cultural; Construção ideológica; Museologia critica.**
Estudo de usuários. **"Estudos de Comunidade" Universidade de Chicago; Diagnostico de bibliotecas; Avaliação de coleções; Necessidades de informação; Biblioteca escolar e cognitivismo.**	**Estudo de usuários.** **Década de 1960; Acesso aos arquivos, reuniões do Conselho Nacional de Arquivos; Dinamização cultural; Cidadãos, história das famílias, ensino, etc.**	**Estudo de usuários.** **Mudança de paradigma: de depósitos de objetos para ambientes de aprendizagem; Estudo de visitantes; Medidas de aprendizagem e base cognitivista; Modelo contextual; Experiências.**

(ARAÚJO, 2014).

Representação. **Século XIX primeiras regras e princípios de catalogação; 1960 MARC; Conceito 'Metadados'; Sistemas de classificação bibliográfica 'Dewey, Otlet, Bliss e Brown'; Classificação facetada Ranganathan; 'Classification Research Group; Foskett, Vickery e Pendleton 'sistemas facetados'; Tesauros facetados, teoria do conceito de Dahlberg; Linguagens de indexação, Autin e Farradane.**	**Representação.** **1898 manuais holandeses; Schellenberg; 'record group'; Princípio da proveniência; Preservação digital; Indexação.**	**Representação.** **Problemática da representação do gênero; Museologia critica.**
Contemporâneo. **Mediação; "Information Literacy"; Bibliotecas eletrônicas e digitais.**	**Contemporâneo.** **"Pós-custodial"; Gestão documental; Fluxos organizacionais, processos, workflow.**	**Contemporâneo.** **Ecomuseus; 'musealização do patrimônio imaterial'; "Museum Informatics". Museu do amanhã.**

(Continuação ARAÚJO, 2014).

INTERDISCIPLINARIDADE.

"A **Biblioteconomia , a Documentação e a Ciência da Informação** têm objetivos diferentes. Dentre os da primeira, podemos salientar **a democratização da cultura** através das bibliotecas públicas, a preservação e a difusão do patrimônio bibliográfico de cada nação, tarefa das bibliotecas nacionais e das bibliografias nacionais correntes e retrospectivas, **o apoio documental ao ensino e a pesquisa** oferecido pelas bibliotecas universitárias; a Documentação compete fornecer resumos de pesquisas, em processo ou já concluídas, tanto quanto de artigos, comunicações a congressos, relatórios, teses, patentes, etc." (ROBREDO, 2003).

ATENÇÃO! O termo interdisciplinaridade aqui empregado trata da síntese de duas ou várias disciplinas, instaurando um novo nível de discurso, caracterizado por uma nova linguagem.

MULTIDISCIPLINARIDADE OU TRANSDISCIPLINARIDADE.

A **transdisciplinaridade** é o reconhecimento da interdependência de todos os aspectos da realidade, É consequência normal da síntese provocada pela interdisciplinaridade, quando esta for bem-sucedida (Weeil, 1993).

ATENÇÃO! O termo transdisciplinaridade aqui empregado trata da relação de duas ou várias interdisciplinas, instaurando um meta nível de discurso.

O PARADIGMA DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO.

O paradigma da Ciência da Informação compõe-se de um grupo de ideias relativas ao processo que envolve **o movimento da informação em um sistema de comunicação humana.** Este paradigma surgiu nos anos 1950, quando as ideias da engenharia de comunicações e teorias cibernéticas obtiveram êxito na representação das propriedades do sistema de transmissão de sinais em termos matemáticos. Tornou-se, então, a base das tentativas para caracterizar e modelar o processo de recuperação da informação e/ou do documento.

Este paradigma tem influenciado profundamente o campo da Biblioteconomia , contribuindo não só com a palavra "informação" para denominar o novo campo, mas, também, suprindo a área com um conjunto completamente novo de termos com os quais os praticantes caracterizaram suas atividades. O paradigma evidencia particularmente o fluxo de informação que ocorre em um sistema no qual objetos de representação do conhecimento (documentos) são buscados e recuperados em resposta à pergunta iniciada pelo usuário.

Isso pressupõe uma grande extensão de assuntos específicos envolvendo processos também específicos - por exemplo, a criação e o crescimento do volume de documentos na sociedade, a organização e a recuperação desses documentos e/ou da sua representação e também o seu uso. Esse modelo de sistema de informação tem origem em um contexto mais geral, que é a teoria matemática da comunicação. A teoria consiste em um ponto de origem (emissor), um canal pelo qual passa a informação e um ponto de destino (receptor), com possibilidade de codificação e decodificação para fins de retroalimentação.

Essa estrutura tem sido aplicada em bibliotecas como modelo de recuperação de documentos e para caracterizar agências que se dedicam às atividades tanto de Biblioteconomia quanto de Ciência da Informação. O modelo permitiu estudo sobre fluxos de informação em agências públicas e privadas, entre membros de uma disciplina, profissões, especialistas, etc.

A importância desse paradigma para a área, segundo Miksa (1992), se expressa em três ideias básicas:

1. Permitiu a formalização da ideia de que informação é algo que flui dentro de um sistema. A partir daí, surgiram os conceitos de entropia e incerteza, redundância, retroalimentação, sinal para taxas de ruídos;

2. A informação passou a ser entendida como algo divisível dentro de unidades feitas em partes, num sistema;

3. A ideia de movimento da informação tem intensificado a busca de entendimento da informação em si mesma.

A princípio tal movimento foi discutido como **fenômeno físico** - isto é, como a transmissão de sinais mensuráveis -, o que tornou flexível o conceito principal do paradigma. Depois foram acrescentados outros domínios do movimento da informação, por exemplo, aqueles relacionados ao fluxo de ideias, significados, ou mensagens cheias de significados envolvidos com a semiótica e a semântica.

No campo da Ciência da Informação e da Biblioteconomia , este paradigma tem, então, como **fenômeno central o movimento da informação em um sistema de comunicação.** O processo é modelado em termos de **fluxo da informação** entre dois pontos através de um canal, permitindo, para controle, a incorporação do feedback. Este paradigma também contém fragilidades que não puderam ser superadas. O fato de originar-se da Teoria Matemática da Comunicação, idealizada para transmissão de sinais, ao ser transposto para o ambiente da Ciência da Informação, **não permitiu considerar os aspectos cognitivos da informação e nem o desejo do usuário como componentes que alteram significativamente o processo de recuperação da informação dentro de um sistema.**

À luz dos estudos de Kuhn (1975) parece ser este um momento de transição da área, quando ela testa uma nova teoria na busca de solução para uma crise. Essa crise coincide com o surgimento das novas tecnologias de processamento, armazenamento e disseminação da informação, principalmente deslocando os catálogos de bibliotecas de seus locais de origem, levando-os para perto dos usuários através das bases de dados. **A unidade de análise da Biblioteconomia não é mais somente o livro, mas também a informação;** e suas atividades, agora automatizadas, ultrapassam o espaço da biblioteca.

Isso conduz à percepção de que as atividades profissionais de ensino e pesquisa, na área, estão sendo orientadas por paradigmas diferentes. A literatura produzida na Ciência da Informação e na Biblioteconomia não expressa conflitos existentes na comunidade profissional ou científica, apesar da formação nessas duas áreas ser oferecida em diferentes níveis. O perfil do Bibliotecário é formado em cursos de graduação, já os mestres e doutores em Ciência da Informação são titulados em cursos de pós-graduação stricto sensu.

Esse compartilhamento de paradigmas, conforme as ideias de Kuhn permanecerão até o fortalecimento de um dos dois e/ou o surgimento de um terceiro paradigma. Resumindo, esta é uma área em construção, uma vez que é um campo disciplinar muito recente. Suas teorias e conceituações para o crescimento de seu campo teórico e de suas práticas profissionais dependem de uma boa formação acadêmica e compromisso por parte dos profissionais.

HISTÓRIA DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO[9]

Uma cronologia de eventos foram decisivos para o surgimento da Ciência da Informação; o pensamento funcionalista da Biblioteconomia , como etapa de transição das ciências biblioteconômicas, deu lugar ao pensamento crítico, assumindo a interdisciplinaridade voltadas para a comunicação científica, como forma de pensar epistemologicamente uma metafísica da informação; e, por fim, a problemática da recuperação da informação, resgatada da idealização de Paul Otlet. (ROBREDO, 2003; LE COADIC, 2004; OLIVEIRA, 2005; FONSECA, 2007).

- Fase preliminar ou das ciências documentárias:

- Em 1930, John C. Dana formou, com um grupo de dissidentes da American Library Association (ALA), a Special Libraries Association, com a consequente criação da American Documentation Institute (ADI);
- Em 1931, Otlet e La Fontaine criam o Instituto Internacional de Documentação (IID); Em 1937, realizou-se o Congresso Mundial de Documentação ;
- Em 1938, como consequência dessa realização, o IID foi transformado em Federação Internacional de Documentação (FID);
- Em 1945 V. Bush publica ‘As we may think’; Término da 2 Guerra Mundial: surgimento da cibernética, pesquisa operacional, teoria dos jogos e Ciência da Informação;

- A partir de 1950 houve uma acentuada separação entre a Biblioteconomia e a Documentação ;

- Ranganathan havia publicado importantes obras: as cinco leis da Biblioteconomia (1931); Cólon Classification (1933) ; Prolegomena (1937) ; Headings and Canons (1955) e a escola de Chicago dedica-se a profissionalizar a Biblioteconomia .

[9] PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. Processo evolutivo e tendências contemporâneas da Ciência da Informação. **Informacao & Sociedade**, v. 15, n. 1, 2005.

- Biblioteconomia – movimento 1 – Estados Unidos e Inglaterra – democratização do acesso a informação; Biblioteconomia – movimento 2 – Europa e demais países – sofisticação, erudição e conservadorismo; continuam os estudos da Classificação Decimal Universal;
- Criação da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco) em 1946; Implantação do Sistemas Nacionais de Informação (**National Information Systems – NATIS)** pela Unesco;
- A partir de 1950, o uso sistemático do computador contribuiu para agilizar os trabalhos da bibliografia, Documentação e das bibliotecas especializadas; **Surgimento do termo 'information retrieval';**
- American Library Association (ALA) negou-se a usar o nome Documentação em sua nova divisão, chamando-a de 'Division of Information Science and Automarion';
- O American Documentation Institute (ADI) passou a chamar-se **American Society for Information Science (ASIS)**; No Brasil, em 1954, surge o **Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação – IBBD,** sendo extinto em 1976.
- '**Conferência de Paris'** sobre os princípios da descrição bibliográfica, regras ISAD(G), e outros aspectos das Classificações Decimais sendo reunidas e consolidadas em instrumentos as sociedades bibliotecarias, em 1974;
- Unisist e o Natis como catalizadores dos eventos na área.

- Fase conceitual e de reconhecimento interdisciplinar 1961/1969:

- 2a reunião no Georgia Institute of Technology, realizada no período de 12 e 13 de abril de 1962; foram indicados 5 perfis profissionais – Bibliotecário (Librarian); Bibliotecário especializado (Special Librarian); Bibliotecário especializado em ciência (Science Librarian); analista de publicações técnicas (Technical Literature Analyst) e o cientista da informação (Information Scientist);

Anos	Autores de estudos e pesquisas
1961/62	Wooster
1966	Mikhailov e Chernyi e Gilyarevski, Cuadra, Taylor, Gorn
1967	Weisman, Fairthorne, Weisman .
1968	Borko, Hoshovsky e Massey , Kitagawa, Shera, Slameka
1969	Merta, Menou, Foskett, Mikhailov, Mikhailov e Chernyi e Gilyarevski,Lasso de La Vega, Yovits

Quadro 2: Autores de Ciência da Informação no exterior, da década de 60

- Em 1966, passou a ser editado o **Annual Review of Information Science and Automation (ARIST)**; reunião de 1968, em Moscou, não realizada, e é fruto da FID-RI, Comitê instituído três anos antes, em 1965;
- Mikhailow publica 'fundamentos da informação cientifica'; A Library of Congress (LC) começa a vender suas fichas catalográficas, sendo considerado os 'rudimentos da catalogação cooperativa' e da elaboração de metadados; Nesta época nascem diversas consolidações neste sentido.

- Fase de delimitação do terreno epistemológico 1970/1989:

- Em 1970 foi consolidado o Sistema Nacional de Informações sobre Ciência e Tecnologia – SICT e criado o Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq);
- Em 1971 foi criado o programa UNISIST; Seminário Interamericano de Integração dos Serviços de Informação de Arquivos, Bibliotecas e Centros de Documentação organizado pela Unesco;
- Em Paris, no ano de 1974, a UNESCO organizou, junto com a Federação de Documentação (FID), Federação Internacional das Associações Bibliotecárias (IFLA/FIAD) e o Conselho Internacional de Arquivos (CIA), a Conferência Intergovernamental sobre o Planejamento de Infraestrutura Nacionais de Documentação , Bibliotecas e Arquivos;
- Em 1976, os programas Unisist e Natis foram fundidos no Programa Geral de Informação (PGI) da Unesco;
- Em 1976 é criado o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia – IBICT.
- Current Contents, do Science Citation Index e do Social Science Citation Index; Roger Summit, da Lockheed, considerado o "pai dos sistemas";
- A National Library of Medicine que desenvolveu o Medlar's (Medical Literature Analysis and Retrieval System);
- Coletânea de estudos do Massachusetts Institute of Technology (MIT), organizados por Machlup e Mansfield (1983); Os ensaios foram distribuídos por nove seções, algumas mais diretamente relacionadas à Ciência da Informação, nos seus diferentes aspectos interdisciplinares, em especial com a Informática, Ciência Cognitiva, e a linguística. Os ensaios [10] [11] [12] subsidiaram a organização da enciclopédia MITECS.

- Fase de consolidação/delimitação com outras áreas 1990-2000:

[10] Montanari, U. (1974). Networks of constraints: fundamental properties and applications to picture processing. *Information Sciences* 7(66): 95–132.

[11] Mann, W. C., and S. A. Thompson. (1987). Rhetorical Structure Theory: A Theory of Text Organization. Information Sciences Institute, University of Southern California.

[12] Mann, W. C., and S. A. Thompson. (1988). Rhetorical structure theory: Toward a functional theory of text organization. Text 8: 243–281. Also available as USC/Information Sciences Institute Research Report RR-87-190.

- Reunião alusiva ao vigésimo aniversário do Departamento de Estudos de Informação da Universidade de Tampere, em 1991;
- Nos Estados Unidos, também é adotada a denominação de Ciência da Informação e da Biblioteca (Library and Information Science), e não exatamente Biblioteconomia (Librarianship), da mesma forma que Ciência e Tecnologia da Informação (Information Science and Technology), denominação inclusive utilizada desde o seu início pelo ARIST.

Anos	Autores de estudos e pesquisas	Anos	Autores de estudos e pesquisas
1970	Goffman, Saracevic, Foskett, Otten e Debons	1980	Brookes, Farradane, Mikhailov e Chernyi e Gilyarevski
1971	Harmon, Saracevic	1981	Brookes, Zunde, Small
1973	Foskett, Artandi	1983	Machlup e Mansfield
1974	Otten	1984	Herner, Zunde, Keren, Schrader, McGarry, Kochen, Afsharpanah, Harris
1975	Mikhailov, Chernyi e Gilyarevski, Wersig e Nevelling, William e Kim, Goffman, Brookes	1985	Boyce e Kraft, Salton, Wersig e Windel
1976	Belkin e Robertson, Roberts	1986	Schrader, Paisley, Harris
1977	Dow, Shera e Cleveland, Dervin	1987	Chambaud e Le Coadic
1979	Zunde e Gehl, Farradane	1989	Heilprin, Borgman e Schement

Quadro 3: Autores de Ciência da Informação no exterior, de 1970-1989

A razão dessa reflexão está na "institucionalização social e cognitiva da disciplina, a primeira relacionada ao grau de organização interna e definição de fronteiras", manifestada em associações científicas e periódicos, e também no "grau de integração em estruturas sociais predominantes de legitimação e alocação de recursos".

Nos anos 1990 começam a discutir o termo **profissional da informação** como uma profissionalização da Ciência da Informação. Porém, o termo Bibliotecário continua.

Anos	Autores de estudos e pesquisas
1992	Brier, Capurro, Davenport, Frohmann, Hayes, Hoel, Khavam, Miksa, Rayward, Saracevic, Smit, Vakkari , Wersig
1993	Wersig
1995	Buckland, Menou
1998	Hann e Buckland, eds., Buckland, Rayward, Hahn, Williams, Buckland e Liu, Mizzaro Rieusset-Lemarié

Quadro 4: Autores de Ciência da Informação no exterior, no período 1991-1998

PRESTE MAIS ATENÇÃO!!

PRINCIPAIS MANUAIS E ACONTECIMENTOS Fonseca (2007):

- Mudança de denominação da American Society for Information Science ASIS para American Society for Information Science and Technology ASIS&T.
- Encyclopedia of Library and Information Science – ELIS;
- J. Shera – uma ponte entre a Biblioteconomia e a Ciência da Informação – declara: "*Há vinte anos, eu achava que aquilo que hoje se chama Ciência da Informação proporcionava as bases intelectuais e teóricas da Biblioteconomia agora, porém, estou convencido de que estava errado*".
- The foundations of the public library, primeiro livro de Jesse Shera;
- Em 1953, em colaboração com Margaret Egan, escreve a introdução da obra de S. C. Bradford, Documentation, J. Shera recrimina as bibliotecas públicas por terem negligenciado os problemas bibliográficos da ciência e tecnologia, para cuidar apenas da cultura popular;
- Em 1953, J. Shera deixa a cátedra da Graduate Library School da University of Chicago – uma escola de orientação tradicionalmente humanística – para dirigir a School of Library and Information Science.
- Center for Documentation and Communication Research;
- Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação IBBD;
- Eugene Garfield, Institute for Scientific Information;
- Em 1963, os produtos do Institute of Scientific Information: o Science Citation Index (1963--), o Social Science Citation Index (1973--) e o Arts and Humanities Citation Index (1978--).
- Manuais de Biblioteconomia – Naudé (1627) e Namur (1834); Petzholdt (1866) e Graesel (1863); e os atuais da mexicana Juana Manrique de Lara e da brasileira Heloísa de Almeida Prado.
- Introduções gerais à Biblioteconomia – Pierce Butler (1933); A. Broadfield (1949); e S. R. Ranganathan (1949); e, mais recentemente, A. K. Mukherjee (1966), Jesse H. Shera (1976) e Donald Urquhardt (1981).

PRESTE MAIS ATENÇÃO!!

A Ciência da Informação compõe-se de áreas interdisciplinares que estudam o comportamento informacional e as implicações do fluxo da informação por Vannevar Bush.

As disciplinas que originaram a Ciência da Informação foram a Documentação e a recuperação da informação. A Ciência da Informação tem aplicação nas profissões que lidam diretamente com a informação, mas em si, ela é um campo de pesquisa acadêmico.

ATENÇÃO! CAIU EM PROVA.

14. (TRT5/FCC/2013) Observe o quadro abaixo, que ilustra a noção de documento nos campos da Biblioteconomia , arquivologia e museologia.

	Biblioteconomia	Arquivologia	Museologia
Problema	Análise da literatura científica	Comprovação da origem	Sentido histórico e estético
Método	Ênfase no conteúdo/assunto	Ênfase na autenticidade/função	
Desenvolvimento	Técnico-científico	Jurídico-administrativo	Artístico-cultural

(Fonte: Tanus, G.F. *et al.*)

Em museologia, o método de abordagem do documento mostra ênfase

(A) Na cultura imaterial, que tem valor histórico e/ou artístico.
(B) No objeto, que encerra informações intrínsecas e extrínsecas.
(C) No suporte físico, que constitui elemento de prova ou informação.
(D) Na preservação, que mantém a integridade dos patrimônios humanos.
(E) No bem cultural, que é produzido no exercício da investigação histórica.

Resposta: alternativa B.

(DPU/2016) A respeito de Biblioteconomia , de Ciência da Informação e de gestão da informação, julgue os itens a seguir.

15.	**Os modelos de gestão da informação têm como ponto de partida a disponibilidade de acervo nas bibliotecas.**
16.	**A Ciência da Informação tem seu conteúdo apoiado na interdisciplinaridade: é uma área de conhecimento influenciada pelas ciências matemáticas, físicas, ciências sociais e humanas.**
17.	**Aquisição de conhecimentos e treinamento científico, que habilitam o pesquisador à produção de trabalhos científicos, é uma das possibilidades da Ciência da Informação.**
18.	**As finalidades da Ciência da Informação incluem o gerenciamento das informações registradas em documentos de arquivo.**
19.	**Sítios de redes sociais, além de possibilitarem às bibliotecas o desenvolvimento de redes de interação com os usuários, podem também servir de exemplos para modelos de gestão estratégica da informação.**

GABARITO: E-C-E-E-C

1.5 – QUESTÕES DE CONCURSO

01. **FBN/IDECAN/2014. Marlene de Oliveira (2005), ao abordar as origens e a evolução da Ciência da Informação, discute as relações entre esta disciplina e a Biblioteconomia . Assinale a alternativa que apresenta INCORRETAMENTE, na visão dessa autora, as relações entre Ciência da Informação e Biblioteconomia .**

(A) A Ciência da Informação é um conjunto de teorias e práticas e, como campo científico, faz intercâmbio com outras disciplinas, sendo uma delas a Biblioteconomia .
(B) Biblioteconomia e Ciência da Informação trabalham juntas na busca de solução para os problemas que orientam a área porque são campos científicos norteados pelos mesmos paradigmas.
(C) A literatura produzida na Ciência da Informação e na Biblioteconomia não expressa conflitos na comunidade profissional ou científica apesar da informação nessas duas áreas ser oferecida em níveis diferentes.
(D) A Biblioteconomia tem sido profundamente influenciada pela Ciência da Informação, que supre o campo com um conjunto completamente novo de termos, com os quais os praticantes realizam suas atividades.
(E) No Brasil, a Biblioteconomia e a Ciência da Informação atuam em parceria, desde a introdução desta, na década de 1950, por Bibliotecário s que trouxeram seus conceitos e técnicas para organizar e disseminar documentos existentes em bibliotecas e centros de Documentação brasileiros.

Resposta: alternativa B.

Comentários à Questão:

Vimos que a Ciência da Informação possui dois paradigmas: **a Documentação e a recuperação da informação.** Veja o trecho: *"Para alguns autores, a história da Ciência da Informação sofreu influências marcantes de duas disciplinas, que contribuíram não só para sua gênese, mas, também, para seu desenvolvimento: a Documentação , que trouxe novas conceituações; e a Recuperação da Informação, que viabilizou o surgimento de sistemas automatizados de recuperação de informações"* (OLIVEIRA, 2005). Em certo momento, a Documentação se distancia da Biblioteconomia e leva consigo a Ciência da Informação, pois aquela é a gênese desta. Existem três momentos da institucionalização da Documentação – **o IIB, o IID e a FID.** Quando do IIB, Documentação ainda está próxima e utiliza **técnicas da Biblioteconomia** , fala-se muito em **bibliografia.**

02. (Tribunal Regional Eleitoral – PR/FCC/2017) **Considere a afirmativa abaixo.**

Três são as características gerais que constituem a Ciência da Informação: interdisciplinaridade, ligação inexorável com a tecnologia de informação e uma participação ativa e deliberada na evolução da sociedade da informação. (T. Saracevic)

De acordo com os atributos citados, a Ciência da Informação:

I. Desenvolve relações com outros campos científicos.

II. É uma disciplina qualificada e plenamente evoluída.

III. Apresenta uma dimensão social.

IV. Segue o imperativo tecnológico.

V. Tem como campo de domínio a sociedade da informação.

Está correto o que se afirma APENAS em:

(A) I, III e IV.

(B) I, II e V.

(C) II, III e IV.

(D) I, IV e V.

(E) II, III e V.

Resposta: alternativa A.

COMENTÁRIOS À QUESTÃO:

Essa definição de Tefko Saracevic é importantíssima! Três são as características da CI:
- Interdisciplinaridade;
- Ligação inexorável com a tecnologia da informação;
- Participação na evolução da sociedade da informação.
Prova disso, aqui no Brasil, é o **Livro Verde** da Sociedade da Informação, do MCT&I.

Sabendo disso, pessoal, vamos resolver essa questão:
Interdisciplinaridade está associada com relações com outros campos científicos? SIM!
A CI é uma disciplina qualificada e plenamente evoluída? NÃO, ela não tem consensos.
A CI apresenta uma dimensão social? SIM, mas cuidado, a Biblioteconomia também.
A CI segue o imperativo tecnológico? SIM, está ligada a segunda afirmação do autor.
A CI tem como campo de domínio a Sociedade da Informação? NÃO, tem participação.

03. (Tribunal Regional Eleitoral – PR / FCC / 2012) Quanto à Biblioteconomia , Documentação e Ciência da Informação, é correto afirmar que:

(A) A Ciência da Informação está relacionada à geração, disseminação, coleta, organização, armazenamento, recuperação, interpretação e uso de documentos nos seus mais variados suportes.

(B) Os paradigmas que regem as atividades da Biblioteconomia , da Documentação e da Ciência da Informação são, respectivamente, o acervo, a recuperação da informação e o acesso à informação.

(C) Biblioteconomia é a ciência e a técnica de planejar, implementar, administrar e organizar bibliotecas e sistemas de acesso e recuperação de informação; é com ela que surge a preocupação com a indexação dos documentos.

(D) Uma boa parte dos objetivos da Ciência da Informação se origina na Biblioteconomia , embora a esta tenham sido agregadas as tecnologias da informação, modificando a guarda e a transmissão da informação.

(E) A Documentação investiga as propriedades e o comportamento das forças que regem o fluxo informacional e os meios de processamento da informação para a otimização do acesso e uso.

Resposta: alternativa B.

COMENTÁRIOS À QUESTÃO:

Os paradigmas que regem as atividades da Biblioteconomia , da Documentação e da Ciência da Informação são, respectivamente, o acervo, a recuperação da informação e o acesso à informação. **CUIDADO: a Biblioteconomia tem mudado seu paradigma do acervo para a informação. Assim, alguns autores de 1990 para cá, dentre eles Nice Figueiredo, afirmam que a Biblioteconomia mudou significativamente seu paradigma acompanhando a Ciência da Informação.**

Texto.

“Consideremos o eixo evolutivo que nasce na Biblioteconomia , passa pela Documentação e leva à Ciência da Informação. Nesse esquema, a Documentação representa uma transformação em relação ao paradigma do acervo: à informação estática sobrepõe-se o seu significado social, o acesso”.

04. (MPE-SE/FCC/2010) O trecho acima:

(A) É irrelevante: podemos vislumbrar um eixo evolutivo, contudo a mudança de paradigma somente ocorre com o advento da Ciência da Informação.
(B) Não tem valor: a Documentação não representa uma transformação, mas a sedimentação de procedimentos e componentes clássicos da Biblioteconomia .
(C) Parte de um pressuposto infundado: a concepção de eixo evolutivo é inadequada, porque a Documentação surge como disciplina integrante da Biblioteconomia .
(D) Parte de um pressuposto válido: a ideia de evolução entre as áreas é pertinente, mas a Documentação mantém como parâmetro o livro.
(E) Tem significância: a Documentação marca um deslocamento de ênfase do acervo para o acesso à informação, que representa uma abordagem dinâmica.

Resposta: alternativa E.

Instruções: Para responder às questões de números 05 e 06, considere o texto a seguir.

Texto.

Há um certo consenso entre os autores da área de que a Ciência da Informação, enquanto atividade disciplinar e profissional, surgiu como resultado da explosão da pesquisa científica verificada após a II Guerra Mundial e como produto do controle bibliográfico e do tratamento da Documentação desenvolvidos para organizar a literatura e dar apoio à pesquisa. Desde então, os seus grandes desafios têm sido compreender o que é informação e aperfeiçoar as formas de produção, organização e uso do conhecimento registrado, tarefa essa que divide com outras disciplinas – incluindo a ciência da computação, a linguística, a comunicação etc. – das quais toma emprestados conceitos, ideais, teorias e métodos. Nesse sentido, a Ciência da Informação, por um lado, tem enfrentado dificuldades em lidar com as diferenças terminológicas e as várias concepções atribuídas à informação pelas inúmeras disciplinas que fazem uso do termo e, por outro, tem experimentado algumas mudanças no que diz respeito às suas tendências e enfoques, que demonstram a sua relação com outras ciências. (Baseado em textos de Antônio Miranda e de Mônica Borges et al.)

05. (TJAP/FCC/2009) Em essência, o texto discute:

(A) O conceito de informação desenvolvido pela Ciência da Informação e suas diferenças terminológicas.
(B) A necessidade da Ciência da Informação mudar o seu enfoque em relação a outras ciências.
(C) Os métodos e técnicas empregados pela Ciência da Informação no tratamento da informação.
(D) O consenso de que a Ciência da Informação tem dificuldades em lidar com outras disciplinas.
(E) A Ciência da Informação como campo de conhecimento, sua natureza e desenvolvimento.

Resposta: alternativa E.

06. (TJAP/FCC/2009) De acordo com o texto, é certo concluir que a Ciência da Informação:

(A) Muda os seus princípios e práticas de acordo com as diferentes disciplinas com que se relaciona.
(B) É uma ciência e uma atividade interdisciplinar em constante construção.
(C) Carece, até hoje, de conceitos, técnicas e métodos permanentes e definidos com precisão.
(D) Constitui-se como uma disciplina transitória e dependente que ainda não solucionou seus problemas mais básicos.
(E) Tem os seus fundamentos pré-estabelecidos desde o seu aparecimento.

Resposta: alternativa B.

07. (TCE-AL/FCC/2008) Para Jaime Robredo, o objeto de estudo da Ciência da Informação é a:

(A) Mediação da informação, com ênfase nos momentos em que a informação é veiculada.
(B) Disseminação da informação, a partir de regras preestabelecidas.
(C) Informação, em todos os seus aspectos e todos os pontos de vista.
(D) Preservação da informação, como suporte para as ações do profissional da informação.
(E) Informação registrada, com base em processos de armazenamento e recuperação.

Resposta: alternativa C.

COMENTÁRIOS À QUESTÃO:

Observe que as obras de Robredo (2005), Araújo (2010) e Oliveira (2004) são bastante citadas pela Banca FCC, e, assim que um livro destes autores é lançado, a banca elabora questões dos mesmos.

INDO MAIS FUNDO!

ESTUDO DE CASO.

(Tribunal Regional Federal – 3ª Região / FCC / 2014) Suponha que uma biblioteca está enfrentando, nos últimos tempos, **problemas** quanto à **frequência do público,** que vem **diminuindo** ano a ano. Preocupada com esse declínio de interesse, o gerente da unidade de informação decide desenvolver, emergencialmente, uma série de atividades de **promoção da biblioteca** junto ao público.

Nesse sentido, **a primeira decisão** que ele deve enfrentar diz respeito ao desenvolvimento de atividades de **promoção** tradicionais e aquelas realizadas na Internet. Considerando essa situação, responda:

a. **Quais as vantagens da promoção realizada na Internet? Apresente e comente brevemente cada uma delas.**
b. **Que recursos promocionais podem ser utilizados nas ações de promoção realizadas na Internet? Apresente, exemplifique e comente os eventuais benefícios de, pelo menos, três deles.**

Espaço de 30 linhas.

Observe que há algumas informações no cabeçalho da questão para respondê-la:

- *A biblioteca enfrenta problemas de frequência de público que vem diminuindo ano a ano;*
- *O Bibliotecário resolve empreender atividades de promoção da biblioteca como solução;*
- *A primeira decisão se refere ao tipo de atividade de promoção – tradicional ou pela Internet;*

O referencial teórico para responder esta questão se situa na linha de marketing e promoção de serviços de informação, temos a autora Sueli Angélica do Amaral como referência principal.

Assim, o ideal é introduzir o assunto para ambientar a resposta, fazer um breve comentário ou introdução ao marketing e promoção de serviços de informação. Estima-se o uso de cinco linhas.

A questão pede: as vantagens da promoção realizada na Internet e um breve comentário de cada uma delas, então, observe que temos 30 linhas! Descrever e comentar cada uma deve ocupar de 02 a 05 linhas dependendo da quantidade de vantagens enumeradas na literatura.

A questão também solicita: os recursos promocionais podem ser utilizados nas ações de promoção realizadas na Internet? Apresente, exemplifique e comente os eventuais benefícios de pelo menos três deles – ou seja, utilize ao menos 09 linhas para responder essa segunda parte.

A resposta estruturada:

01	
02	
03	
04	
05	
06	
07	
08	
09	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	

27	
28	
29	
30	

2 – GESTÃO DA INFORMAÇÃO E DO CONHECIMENTO.

2.1. – INFORMAÇÃO, CONHECIMENTO E INTELIGÊNCIA ORGANIZACIONAL.

O CONCEITO DE INFORMAÇÃO. Informação é **'dar forma',** ação humana **'informar'** e **registrar**. É um conceito que perpassa todo esse processo. Tem origem na produção de registros materiais e se prolonga nas atividades humanas (arquivísticas, biblioteconômicas, museológicas) sobre os registros. Como objeto de estudo, a **INFORMAÇÃO** está presente em diversas áreas do conhecimento, dentre as quais a Biblioteconomia , a arquivologia, a Documentação , a museologia e a sua ciência. No contexto da Ciência da Informação, são identificadas diferentes abordagens para a informação. "A **informação** é um componente intrínseco de quase tudo que uma organização faz. Sem uma clara compreensão dos processos organizacionais e humanos pelos quais a informação se transforma em percepção, conhecimento e ação, as empresas não são capazes de perceber a importância de suas fontes e tecnologias de informação" (CHOO, 2006, p. 27).

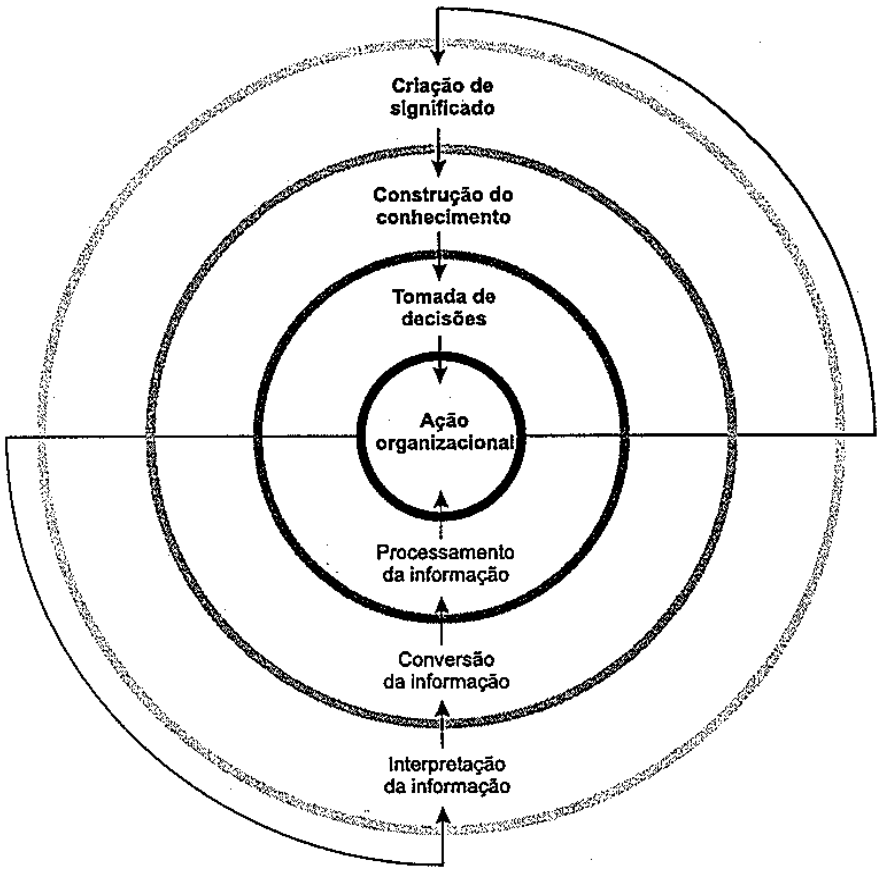
> ***"É por várias razões que defendo uma abordagem ecológica para o gerenciamento da informação. Para começar, é difícil definir informação. Tome-se a velha distinção entre dado, informação e conhecimento. Resisto em fazer esta distinção, porque ela é nitidamente imprecisa (DAVENPORT, 1998).***

A conceituação dos termos **DADO, INFORMAÇÃO e CONHECIMENTO** merece grande reflexão dos estudiosos das áreas de Biblioteconomia e Ciência da Informação, visto que seus significados não são tão distintos e, por vezes, se confundem pela proximidade de sua aplicação em um determinado contexto. Eles formam, ainda, um sistema hierárquico de difícil delimitação, pois algumas vezes, o que é dado para um indivíduo pode ser informação ou conhecimento para outro. Além disso, estes termos se constituem em elementos básicos nas organizações e, ainda, são imprescindíveis para fundamentar as discussões de outros tópicos das referidas áreas.

DADO	INFORMAÇÃO	CONHECIMENTO
Simples observações sobre o estado do mundo.	Dados dotados de relevância e propósito.	Informação valiosa da mente humana. Inclui reflexão, síntese e contexto.
Facilmente estruturado.	Requer unidade de análise.	De difícil estruturação.
Facilmente obtido por máquina Quantificado com frequência.	Exige consenso em relação ao significado.	De difícil captura em máquina.
Facilmente transferível.	Exige necessariamente a mediação humana.	Frequentemente tácito; de difícil transferência.

"A concepção atual de administração e teoria organizacional estaca **três arenas distintas** onde a criação e o uso da informação desempenham um papel estratégico no crescimento e na capacidade de adaptação da empresa". [...] Embora sejam quase sempre tratadas como processos independentes de informação organizacional, as três arenas de uso da informação – **criar significado, construir conhecimento e tomar decisões** – são de fato processos interligados, de modo que, analisando como essas três atividades se alimentam mutuamente, teremos uma visão holística do uso da informação (CHOO, 2006, p. 27-30).

"Os três modos de uso da informação – **interpretação, conversão e processamento** – são processos sociais dinâmicos, que continuamente constituem e reconstituem significados, conhecimentos e ações. A organização que for capaz de integrar eficientemente os processos de criação de significado, construção do conhecimento e tomada de decisões pode ser considerada uma organização do conhecimento" – p.30

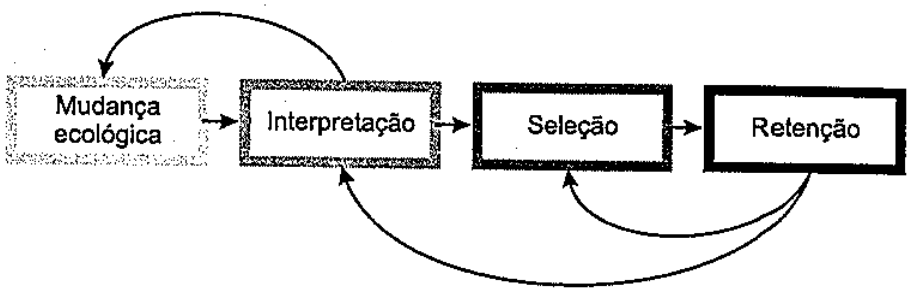


Esquema 1-1. A organização do conhecimento

"Administrando os recursos e processos de informação, a organização do conhecimento é capaz de:

- Adaptar-se às mudanças do ambiente no momento adequado e de maneira eficaz;
- Empenhar-se na aprendizagem constante, o que inclui desaprender pressupostos, normas e crenças que perderam validade;
- Mobilizar o conhecimento e a experiência de seus membros para gerar inovação e criatividade;
- Focalizar seu conhecimento em ações racionais e decisivas" – p.31-32

"Uma organização dá sentido a seu ambiente por meio de quatro processos interligados: mudança ecológica, interpretação, seleção e retenção" – p.33.



Esquema 1-2. Processos de criação de significado numa organização
Fonte: K. E. Weick, *The Social Psychology of Organizing*, 2ª ed. Nova York, Random House, 1979.

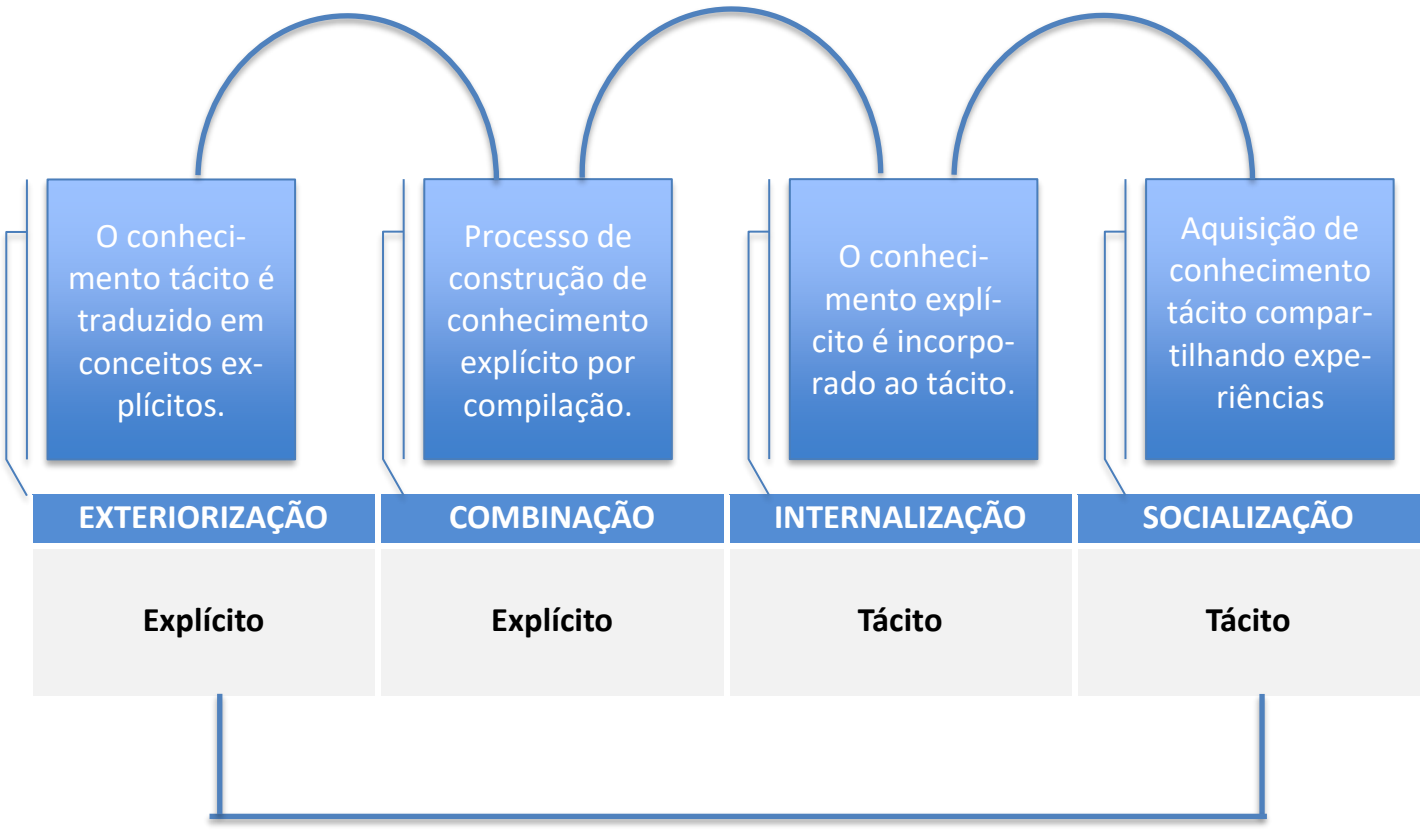
A **criação de significado** começa quando ocorre alguma mudança no ambiente da organização, provocando perturbações ou variações nos fluxos de experiência e afetando os participantes da empresa. Essa mudança ecológica exige que os membros da organização tentem entender essas diferenças e determinar seu significado.

"A **construção do conhecimento** é conseguida quando se reconhece o relacionamento sinérgico entre o **conhecimento tácito** e o **conhecimento explícito** dentro de uma organização, e quando são elaborados processos sociais capazes de criar novos conhecimentos por meio da conversão do conhecimento tácito em conhecimento explícito [...]

Esquema 1-3. Os processos de conversão do conhecimento organizacional
Fonte: I. Nonaka & H. Takeuchi, *The Knowledge-Creating Company: how Japanese Companies Create the Dynamics of Innovation*, Nova York, Oxford University Press, 1995.

"**Socialização** é o processo pelo qual se adquire conhecimento tácito partilhando experiências [...] **Exteriorização** é o processo pelo qual o conhecimento tácito é traduzido em conceitos explícitos por meio da utilização de metáforas, analogias e modelos. A exteriorização é a atividade fundamental para a construção de conhecimento [...] **Combinação** é o processo pelo qual se constrói conhecimento explícito reunindo conhecimentos explícitos provenientes de várias fontes. Assim, os indivíduos trocam e combinam seus conhecimentos em conversas telefônicas, reuniões, memorandos, etc. [...] Finalmente, **internalização** é o processo pelo qual o conhecimento explícito é incorporado ao conhecimento tácito".

As experiências adquiridas em outros modos de construção de conhecimento são internalizadas pelos indivíduos na forma de modelos mentais ou rotinas de trabalho comuns [...] as quatro maneiras de conversão do conhecimento se retroalimentam, numa **espiral contínua** de construção do conhecimento organizacional. A construção do conhecimento começa sempre com os indivíduos que têm algum insight ou intuição para realizar melhor suas tarefas" – p.39-40.



"Herbert Simon sugeriu que a **tomada de decisões** numa organização é limitada pelo princípio da racionalidade limitada: 'A capacidade da mente humana de formular e solucionar problemas complexos é muito pequena, comparada com o tamanho dos problemas cuja solução requer um comportamento objetivamente racional no mundo real – ou mesmo uma aproximação razoável a essa racionalidade objetiva' [...] Simon identifica três categorias de limites: o indivíduo é limitado por sua capacidade mental, seus hábitos e reflexos; pela extensão do conhecimento e das informações que possui; e por valores e conceitos que podem divergir dos objetivos da organização " – p.41.

Tabela 1-1. Os três modelos de uso da informação organizacional

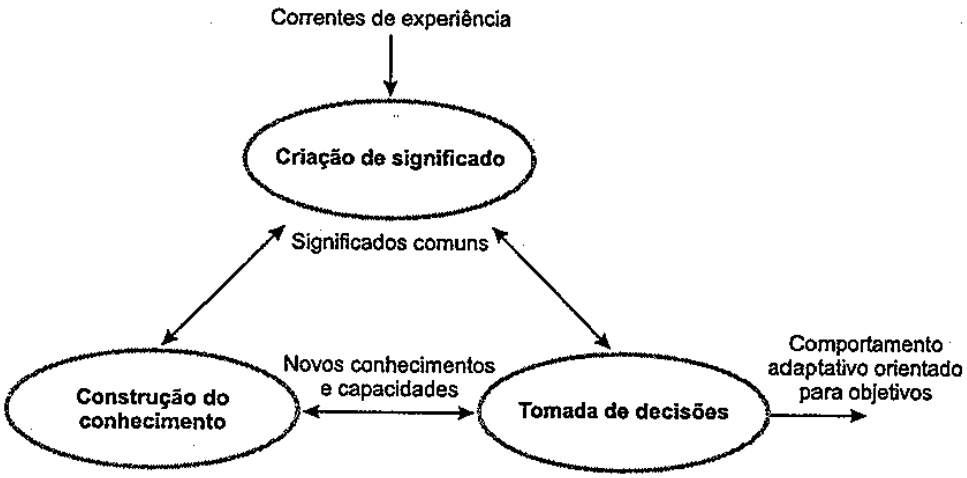
Modo	Idéia central	Resultados	Principais conceitos
Criação de significado	Organização interpretativa: Mudança ambiental → Dar sentido aos dados ambíguos por meio de interpretações. A informação é interpretada.	Ambientes interpretados e interpretações partilhadas para criar significado.	Interpretação, seleção, retenção.
Construção do conhecimento	Organização aprendiz: Conhecimento existente → Criar novos conhecimentos por meio da conversão e da partilha dos conhecimentos. A informação é convertida.	Novos conhecimentos explícitos e tácitos para a inovação.	Conhecimento tácito. Conhecimento explícito. Conversão do conhecimento.
Tomada de decisões	Organização racional: Problema → Buscar e selecionar alternativas de acordo com os objetivos e preferências. A informação é analisada.	Decisões levam a um comportamento racional e orientado para os objetivos.	Racionalidade limitada. Premissas decisórias. Regras e rotinas.

O modelo tem uma característica **linear de troca de energia**, com foco no fluxo de informações nos processos decisórios da organização [...] Infelizmente, o comportamento dos indivíduos é limitado por sua capacidade cognitiva, seu nível de informação e seus valores. Uma maneira de superar essa distância entre a racionalidade da organização e a racionalidade limitada dos indivíduos é criar premissas que orientem as decisões e rotinas, que guiem o comportamento individual na tomada de decisões" – p.43-44.

"As pessoas coletam informações ostensivamente para tomar decisões, mas não as utilizam. Pedem relatórios, mas não os leem. Lutam para participar dos processos decisórios, mas depois não exercem esse direito. As políticas são vigorosamente debatidas, mas sua implementação é realizada com indiferença. Os executivos parecem gastar pouco tempo para tomar decisões, mas na verdade vivem envolvidos em reuniões e conversas" [...]

Em outras palavras, a vida numa organização não envolve apenas escolha, mas também interpretação, e o processo decisório deve abranger o processo de criação de significado mesmo enquanto analisa os comportamentos decisórios [...] "A principal preocupação da criação de significado é entender como as pessoas da organização criam **significado e realidade**, e depois explorar como essa realidade interpretada fornece um contexto para a ação organizacional, inclusive para a tomada de decisões e para a construção do conhecimento" – p 46-48.

"Partindo do alto do diagrama, **as correntes de experiência** no ambiente da organização são isoladas, rotuladas e unidas em mapas mentais, de modo a dar sentido a informações ambíguas. Em consequência da criação de significado, os membros interpretam o ambiente e desenvolvem interpretações comuns do que está acontecendo a eles e à organização. O que emerge é um conjunto de significados compartilhados e modelos mentais que a organização utiliza para planejar e tomar decisões. As interpretações comuns também ajudam a organização a definir os novos conhecimentos e capacidades que ela precisa desenvolver" – p.51.



Esquema1-5. O ciclo do conhecimento

"[...] que a informação e o **insight** nascem no coração e na mente dos indivíduos, e que a busca e o uso da informação são um processo dinâmico e socialmente desordenado que se desdobra em camadas de contingências cognitivas, emocionais e situacionais [...] A busca e o processamento da informação são fundamentais em muitos sistemas sociais e atividades humanas, e a análise das necessidades e dos uso da informação vem se tornando um componente cada vez mais importante da pesquisa em áreas como a psicologia cognitiva, estudo da comunicação, difusão de inovações, recuperação da informação, sistemas de informação, tomada de decisões e aprendizagem organizacional" – p.66-67.

"O **valor da informação**, reside no relacionamento que o usuário constrói entre si mesmo e determinada informação. Assim, a informação só é útil quando o usuário infunde-lhe significado, e a mesma informação objetiva pode receber diferentes significados subjetivos de diferentes indivíduos" – p.70. "Ao contrário da pesquisa orientada para tarefas, que focaliza determinadas atividades de informação, a pesquisa integrativa abrange todo o processo de busca e utilização da informação. Seus objetivos incluem entender a situação ou o contexto que levou ao reconhecimento da necessidade de informação, examinar as atividades de busca e armazenamento da informação e analisar como a informação é utilizada para resolver problemas, tomar decisões e criar significado" – p.70.

A informação, no âmbito das organizações, pode ser classificada, ainda:

- **Estruturada;**
- **Não-estruturada.**
- **FORMAIS;**
- **INFORMAIS.**

Segundo autores da área, a informação apresenta um comportamento voltado às estruturas de poder e às políticas de acesso à informação. Podendo ser dos tipos:

FEDERALIZADA	FEUDOS INFORMACIONAIS	ANARQUIA
Os fluxos são democraticamente distribuídos na organização; a comunicação organizacional funciona em harmonia.	Os fluxos são inexistentes entre os departamentos e setores; a comunicação informal é predominante.	A informação não-estruturada é predominante; a comunicação informal sobrepuja os elos formais.

OBJETIVOS DO ESTUDO:

- Entender os processos de interação entre dado, informação e conhecimento;

- Analisar o âmbito da informação organizacional para tomada de decisões;

- Identificar, segundo o autor Choo (2006), quais os processos do conhecimento;

- Identificar as tipologias básicas da informação segundo Davenport e Prusak;

- Identificar a informação em relação às estruturas de poder e políticas de acesso.

FIQUE ATENTO!

2.2. – MANTENHA O FOCO!

A origem do termo **information (resource) management** é geralmente creditada ao Paperwork Reduct Act de 1980, o qual demandou a adoção de práticas de **gestão da informação** nas agências federais norte-americanas como resposta ao crescente volume documental (ou seja, de processos e de regras e normas) que caracterizam a "burocracia" de um determinado departamento do governo (SOUTO, 2013, p. 27). Para os autores, mesmo que não se alcance um consenso sobre suas origens, os estudos e investigações sobre o tópico "**gestão da informação**" ocuparam significativo espaço na literatura entre os anos 1980 e 1990, favorecendo as discussões que se seguiram sobre **gestão do conhecimento**.

Terminologias emergentes são comumente recebidas com certo ceticismo pelas comunidades de potencial interesse. Em 1985, Cronin argumentou que a Gestão da Informação se configurava como um novo campo interdisciplinar e não como um nome "moderno" para a Biblioteconomia , admitindo – no entanto – a existência de problemas conceituais relativos às inúmeras definições de informação e de gestão/administração (SOUTO, 2013, p. 30).

GESTÃO DA INFORMAÇÃO.

Foco no Negócio da Organização.

GESTÃO DO CONHECIMENTO.

Foco no Capital Intelectual da Organização.

INTELIGÊNCIA COMPETITIVA.

Foco nas Estratégias da Organização.

Como contribuição a problemática, Wilson (1989) contextualizou e sugeriu, com base na análise de artigos em periódicos (então) líderes na área de informação, uma classificação para o campo emergente de Gestão da Informação. O estudo resultou em dez subdivisões, a saber:

a) **áreas de aplicação**, tais como: o mercado financeiro, negócios, governo, serviços de saúde, entre outros;

b) **inteligência artificial**, representada por sistemas especialistas e sistemas baseados em conhecimento;

c) **economia da informação**, com enfoque em serviços pagos, processos de valor agregado e análise de custo-benefício;

d) **treinamento formal para a gestão da informação**;

e) **gestão da informação propriamente dita** como, por exemplo, mapeamento de informação, gestão documental, sistemas de informação on-line, e monitoramento estratégico;

f) **políticas e informação**;

g) **uso e usuários de informação**, incluindo a computação pelo usuário final e as necessidades de informação;

h) **teoria de sistemas**;

i) **sistemas de informação**, especialmente bases de dados, design de interfaces, gestão de projetos, aspectos legais e implementação; e

j) **tecnologia de informação**, nos seus aspectos de gestão (marketing, fluxos, vantagem competitiva, etc.) e nos aspectos próprios da tecnologia, tais como: a publicação eletrônica, telecomunicações, reconhecimento ótico de caracteres, computadores pessoais, etc.

Em 1996, Choo apresenta um modelo processual de gestão da informação composto das seguintes etapas (SOUTO, 2013):

1) identificação de necessidades de informação;

2) coleta de informação;

3) organização e armazenagem;

4) distribuição;

5) uso de informação.

(Choo, 2006)

Tais processos, segundo o autor, dependem de **cuidadoso planejamento**, estruturação, coordenação e controle de atividades intensivas em tecnologia e devem estar voltados aos diferentes recursos informativos disponíveis (CHOO, 1996 APUD SOUTO, 2013).

Além disto, registros/artefatos de informação **percorrem um fluxo** caracterizado por um período inicial de uso intenso – que ocorre logo após sua **criação/disponibilidade** – para um **período de uso ocasional**, seguido de um **período de inatividade**. Decisões relativas a preservação, migração de formatos (ou descarte/destruição) são, em regra, baseadas no reconhecimento do valor administrativo, histórico ou de pesquisa e de exigências legais e fiscais.

A arquitetura da informação é um componente crítico da governança informacional.

Movimentos cíclicos e persistentes de **(re)publicação de dados e informações** implicam em constante reorganização e reindexação dos artefatos informacionais com o objetivo de localizá-los e utilizá-los para "novos fins" e, potencialmente, aumentar o grau de apropriação como ativo organizacional. Atividades, tais como: a coleta e análise de dados e **metadados de "transações informacionais"** e o uso de estratégias de **armazenagem, captura e integração/cruzamento de dados (data warehousing)** tem o objetivo de apoiar decisões estratégicas, auxiliar no desenvolvimento de novos produtos, monitorar ações de clientes e outros terceiros, e sustentar sessões de treinamento (p. ex. análises práticas de cases) (BORGMAN, 1996).

O potencial uso das informações armazenadas para propósitos futuros de análise e interpretação de padrões é, atualmente, um componente na equação de custo-benefício nas organizações, justificando não só a manutenção de bases de dados, como também o cruzamento com outros conjuntos de dados complementares. Neste contexto, profissionais envolvidos com gestão da informação são instados a agregar conhecimento técnico e estratégico em áreas da **inteligência artificial** (técnicas de aprendizagem de máquina/machine learning techniques), econometria, estatística e visualização de dados (DEMPSEY, 2012 APUD SOUTO, 2013).

Mesmo assim, na atual configuração tecnológica, as recentes repercussões de estudos sobre **big data**, e a crescente ampliação do acesso à informação acarretam desafios situados na esfera de atenção do indivíduo, como consequência da diluição de fronteiras entre a gestão da informação no mundo do trabalho e a que ocorre na prática da vida privada. O crescente uso de dispositivos digitais de uso pessoal, por exemplo, é marcado pela individualização de **ambientes** de criação, aquisição, organização, armazenagem, distribuição e uso de informação relativa a entretenimento, família, amigos e negócios particulares (DETLOR, 2010 APUD SOUTO, 2013).

PERSONAL INFORMATION MANAGEMENT

Um segundo patamar de desafios para os gestores da informação e demais profissionais da informação pode ser identificado na área de gestor da informação pessoal / **per-sonal information management** (PIM). Percebido ou não como um chavão, o termo encapsula conceitos relativos a responsabilidade do indivíduo na criação, coleta, organização, armazenagem e recuperação de itens de informação – notadamente em formato digital – para o desempenho de tarefas relativas aos seus distintos papéis sociais (SOUTO, 2013).

INTELIGÊNCIA COMPETITIVA ORGANIZACIONAL ICO

Valentim (2002) explica que as organizações possuem dois ambientes, o primeiro é formal e está vinculado ao próprio organograma, ou seja, as inter-relações entre as distintas unidades de trabalho como diretorias, gerencias, divisões, departamentos, setores, seções, etc., sustentado por meio de fluxos formais; o segundo é informal e está vinculado as pessoas, isto é, as inter-relações entre os stakeholders da organização e é sustentado por meio de fluxos informais.

A **inteligência competitiva organizacional (ICO)** atua com ambos os **fluxos de informação** – **formais e informais** -, por meio de diferentes ações, visando subsidiar o processo decisório. Na perspectiva do conceito **inteligência competitiva organizacional** como um processo contínuo que investiga o **ambiente externo a organização**, bem como diagnostica o ambiente interno organizacional, com o propósito de descobrir oportunidades e reduzir riscos, visando o estabelecimento de estratégias de ação no curto, médio e longo prazo (VALENTIM et al, 2003).

Na perspectiva dos dados, informações e conhecimento, eles constituem na matéria-prima da **ICO** que, por sua vez, deve enfocar: relevância, confiabilidade e consistência. Essas características são essenciais para o processo, pois é a partir disso que dados, informações e conhecimento ganham de fato valor para a tomada de decisão (SOUTO, 2013).

Defendo que fazem parte do processo de inteligência organizacional: ambientes e fluxos de informação; cultura organizacional e cultura informacional; comunicação organizacional e comunicação informacional; prospecção e monitoramento informacional; **gestão da informação (GI)**; **gestão do conhecimento (GC)**; redes de relacionamento; inovação; tecnologias de informação e comunicação; e stakeholders (SOUTO, 2013, p. 57).

O processo de inteligência competitiva organizacional deve obrigatoriamente trabalhar a cultura organizacional/informacional, visando das pessoas da organização um comportamento positivo em relação a **geração/criação**, **compartilhamento/socialização** e **uso/aplicação** da informação e do conhecimento (SOUTO, 2013, p. 28).

PRESTE MAIS ATENÇÃO!!

GESTÃO DE DOCUMENTOS	GESTÃO DA INFORMAÇÃO
- A gestão de documentos está contida na gestão de informações.	- A gestão da informação engloba a gestão de documentos.
- É a atividade do arquivista.	- É a atividade comum a Bibliotecário s e arquivistas.
- Somente os documentos organizacionais e os expedientes relativos com a organização.	- Feita a gestão de documentos é realizado o gerenciamento da informação estratégica.
- Informação por acumulação orgânica.	- Informação externa e por acumulação artificial.

A gestão de documentos é, portanto, necessária para a gestão da informação (ALVARES, 2012). A partir da gestão da informação se lança à gestão do conhecimento. E, por conseguinte, aos outros métodos de inteligência estratégica, competitiva e organizacional.

COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL

A comunicação organizacional/informacional também deve ser objeto de atenção do processo de inteligência competitiva organizacional, pois é por meio dos fluxos formais e informais que as informações e o conhecimento circulam no ambiente organizacional. Dessa forma, evidencio que a cultura e a comunicação se constituem no alicerce da inteligência competitiva organizacional. Deve ser uma tarefa integrada a demais profissionais.

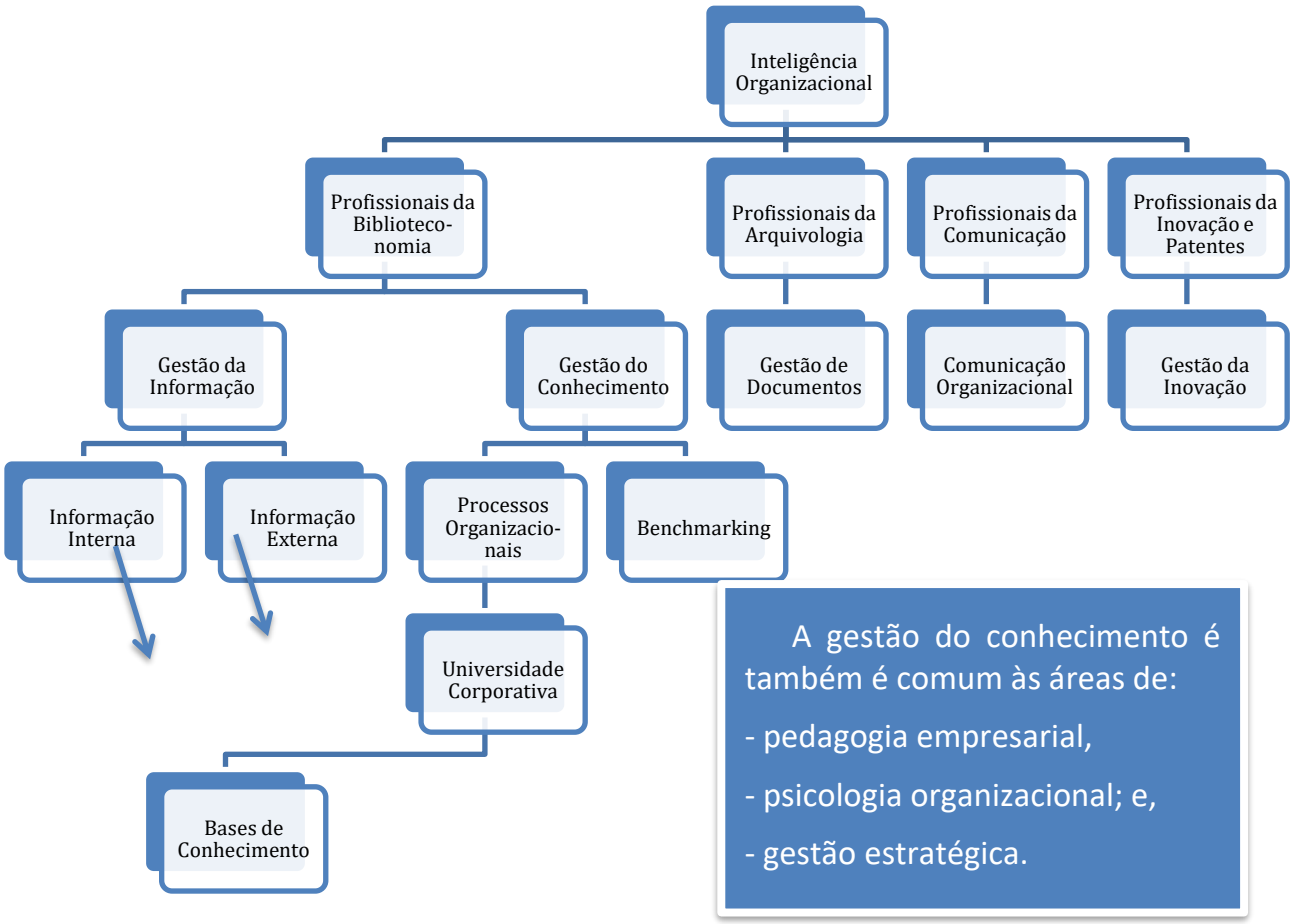
A comunicação organizacional é tarefa dos relações públicas e jornalistas.

A GESTÃO DA INFORMAÇÃO E A ICO

A gestão da informação é fundamental para a ICO, pois trabalha os fluxos formais do ambiente interno e externo a organização, ou seja, trabalha no âmbito do conhecimento explícito (material). A gestão do conhecimento tão fundamental quanto a gestão da informação, trabalha os fluxos informacionais do ambiente interno e externo a organização, isto é, trabalha no âmbito do conhecimento tácito (imaterial).

AGC é mais difícil de ser realizada, mas para isso utiliza-se de métodos e técnicas que auxiliam na elaboração de um conjunto de estratégias para criar, adquirir, compartilhar e utilizar ativos do conhecimento, bem como estabelecer fluxos que garantam a informação necessária no tempo e formato adequados, a fim de auxiliar na geração de ideias, solução de problemas e tomada de decisão (VALENTIM et alii, 2003). Nessa perspectiva, considero que a gestão da informação e a gestão do conhecimento são os pilares da inteligência competitiva organizacional, sem elas não é possível realizar a ICO (SOUTO, 2013).

O processo de **inteligência competitiva organizacional** alimenta a inovação no ambiente organizacional, assim como a inovação alimenta o processo de ICO, portanto existe uma troca nos dois sentidos, ou seja, essa dinâmica é muito produtiva para a organização inovativa e que atua em mercados competitivos.



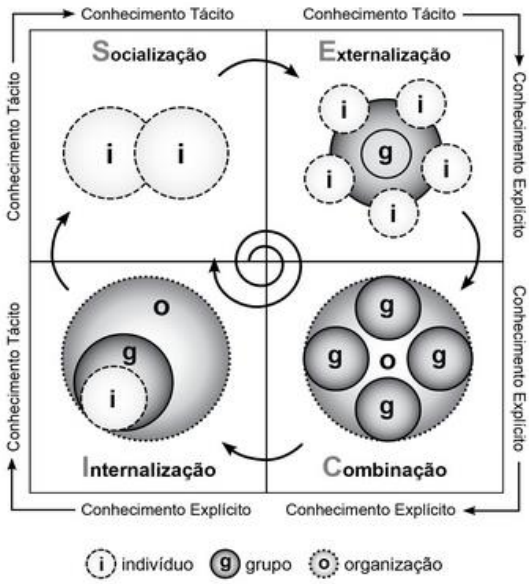
As redes de relacionamento são essenciais para o processo de inteligência competitiva, pois é a partir dos contatos com os stakeholders, tanto internos quanto externos a organização que dados, informação e conhecimento circulam e são compartilhados. Nesse sentido, faz-se necessário diferenciar distribuição, disseminação e transferência de dados, informação e conhecimento (SOUTO, 2013, p. 58-59).

DISTRIBUIÇÃO	DISSEMINAÇÃO	TRANSFERÊNCIA
Requer seleção, mas não requer análise; Não existe preocupação com a linguagem utilizada; Não existe preocupação com o público que irá acessar; Não existe preocupação se o público irá usar.	Requer seleção, filtragem e análise; Existe preocupação com a linguagem utilizada; Existe preocupação com o formato utilizado; Existe preocupação com o público que irá acessar; Existe preocupação se o público irá usar.	Requer seleção, filtragem e análise, contextualização e agregação de valor; É necessário conhecer e interagir com o público constantemente; O público usuário é acompanhado quanto ao acesso e uso, bem como quanto a geração de novos conhecimentos.

Recapitulando:

- Distribuição (Simples envio de dados);
- Disseminação (Informação com relevância e propósito);
- Transferência (Informação com relevância, propósito e valor agregado).

GESTÃO DA INFORMAÇÃO	GESTÃO DO CONHECIMENTO
Parte do pressuposto de que a informação é um estágio inicial do conhecimento. Pode lançar mão de diversas técnicas e tecnologias para seu gerenciamento. Um exemplo de produto da gestão da informação são os **repositórios institucionais**. A gestão da informação pode lidar com dados estruturados e não-estruturados.	O conhecimento é um estágio avançado da informação e pode apresentar-se de forma tácita ou explícita. A gestão do conhecimento cria condições que favorecem os **processos de conhecimento** (NONAKA; TAKEUCHI, 1998). Um exemplo de produto da gestão do conhecimento é a **Universidade Corporativa** (TARAPANOFF, 2006).

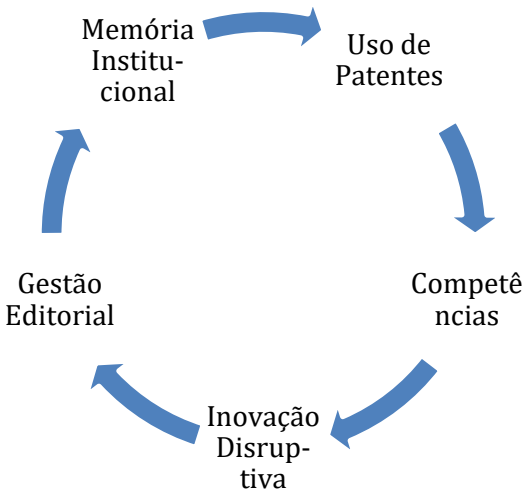


As tecnologias de informação e comunicação são fundamentais para a eficiência do processo de inteligência competitiva organizacional. É possível trabalhar a ICO sem o uso de ferramentas tecnológicas, entretanto a prospecção, o monitoramento, o armazenamento, a disseminação entre outras atividades serão sensivelmente prejudicadas, por essa razão as TIC são elementos constitutivos do processo de ICO, visando a resultados mais eficazes.

Os stakeholders, conforme mencionado anteriormente, são as pessoas que atuam tanto internamente quanto externamente a organização, com interesses diretos ou indiretos no desempenho organizacional, assim, são essenciais para a efetividade do processo de ICO (SOUTO, 2013).

Davenport e Prusak (1998) destacam que muitos gestores acreditam que implantar a gestão da informação ou a gestão do conhecimento resume-se a aplicação de uma tecnologia ou de várias tecnologias que proporcionam agilidade às questões de informação e de conhecimento, não observando outros elementos fundamentais como, por exemplo, a cultura, a comunicação, a estrutura (formal e informal), a racionalização (fluxos e processos), as redes de relacionamento, etc. (SOUTO, 2013, p. 62).

Aplicações descritas por Souto (2013):



2.3. – O CICLO INFORMACIONAL.

O **ciclo informacional** é iniciado quando se detecta uma **necessidade informacional**, um problema a ser resolvido, uma área ou assunto a ser analisado. É um processo que se inicia com a busca da solução a um problema, da necessidade de se obter informações sobre algo, e passa pela identificação de quem gera o tipo de informação necessária, as formas de acesso, a seleção e aquisição, registro, representação, recuperação, análise e disseminação da informação, que, quando usada, aumenta o conhecimento individual e coletivo (TARAPANOFF, 2006, p. 23).

A expressão inteligência competitiva pode ser definida, segundo Queyras e Quoniam (2006), como um processo de aprendizagem motivado pela competição, fundada sobre a informação que permite a otimização da estratégia da organização a curto e longo prazo. Conforme Kahaner (1997), a inteligência competitiva (IC) tem se tornado a última arma na guerra mundial da economia, que coloca nação contra nação, deslocando o eixo de poder das armas de destruição tradicionais em direção a armas econômicas baseadas no uso da inteligência nas organizações. Esse autor observa que a inteligência competitiva há muito integra a política industrial japonesa e está se tornando um componente oficial das políticas industriais de vários países europeus e dos EUA, ressaltando que apesar de o número de empresas americanas praticando inteligência competitiva ainda ser relativamente pequeno, ela é a disciplina corporativa de crescimento mais rápido atualmente (CAPUANO, et. al., 2015).

De um ponto de vista mais conceitual de interesse da Ciência da Informação (CI), Tarapanoff (2001) esclarece que a inteligência competitiva representa uma nova síntese teórica no tratamento da informação para a tomada de decisão nas organizações, uma metodologia que permite o monitoramento informacional da ambiência e, quando sistematizada e analisada, a tomada de decisão. A inteligência competitiva, para a autora, é composta de diversos tipos de informação - tecnológica, ambiental e sobre o usuário, competidores, mercados e produtos, conceito complementado com a visão de um processo sistemático que transforma pedaços esparsos de dados em conhecimento estratégico.

Entretanto, uma versão simplificada do conceito de inteligência competitiva mais próximo do senso comum seria, ainda, apresentada por Tarapanoff (2001, p. 45 apud CAPUANO, et. al., 2015).

> **Inteligência Competitiva: é informação sobre produtos específicos e tecnologia. Também é monitoramento de informação externa que afeta o mercado da organização, como, por exemplo, a informação econômica, regulatória, política e demográfica.**

Caplan et al. investigaram o **uso da informação** proveniente de pesquisas no campo das ciências sociais na formulação de políticas governamentais [...] A natureza e a extensão do uso da informação também eram influenciadas pelo estilo cognitivo dos participantes. Três estilos foram identificados. Aqueles que tinham um estilo clínico conseguiam analisar a lógica interna objetiva ou científica de uma questão, assim como suas implicações ideológicas. Aqueles que possuíam um estilo acadêmico concentravam-se na lógica interna das questões. Aqueles que tinham um estilo advocatício tendiam a ignorar a lógica interna e a privilegiar as considerações políticas" (CHOO, 2006).

A informação é um fator determinante para a **melhoria de processos, produtos e serviços,** tendo valor estratégico em organizações. A ideia da informação como ferramenta estratégica evoluiu depois que a gestão da informação mudou, de seu foco inicial de gestão de documentos e dados, para recursos informacionais, mostrando resultados em relação à eficiência operacional, evitando desperdício e automatizando processos. A nova visão se espalhou por grandes corporações privadas, que passaram a instituir uma estrutura formal, em geral ligada ao alto escalão hierárquico, para cuidar da gestão dos recursos informacionais (TARAPANOFF, 2006).

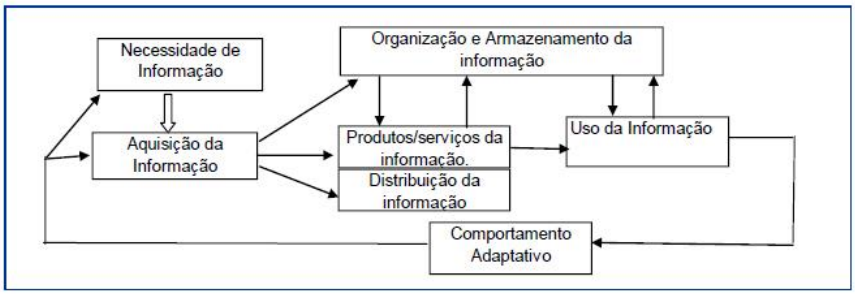
Como vimos, a **gestão de informação** define-se como a aplicação de princípios administrativos à aquisição, organização, controle, disseminação e uso da informação para a operacionalização efetiva de organizações de todos os tipos (WILSON, 1997), ou como o gerenciamento de todo o ambiente informacional de uma organização (DAVENPORT, 1994, p. 84).

> A Gestão da Informação "[...] busca explorar os recursos de informação para que a organização seja capaz de se adaptar às mudanças do ambiente interno e externo." (CHOO[13], 2003, p. 40).

A partir da década de 1980 a GI inicia uma trajetória de crescente importância na vida das organizações; importância que a coloca no mesmo patamar dos demais trabalhos e processos, como a gestão de RH, gestão de processos, gestão de negócios. Assim, a GI passou a ser considerada mais uma atividade essencial, como qualquer outro tipo de trabalho desenvolvido nas organizações.

Figura 2

Ciclos da gestão da informação



Fonte: Choo (2003). Adaptado pela autora.

[13] CHOO, Chun Wei. ***Gestão de informação para a organização inteligente:*** a arte de explorar o meio ambiente. Lisboa: Caminho, 2003.

3 – DICAS FINAIS.

3.1. – CHECK LIST.

Biblioteconomia , Documentação e Ciência da Informação: teoria e finalidades. Gestão da informação e do conhecimento: conceitos básicos.

Teorias e finalidades da Biblioteconomia .

Fizemos uma rápida revisão das teorias e finalidades da Biblioteconomia em seu tripé – bibliotecas, Bibliotecário s e a Biblioteconomia em si. A institucionalização das entidades de classe da Biblioteconomia é o que mais chama a atenção em relação à banca, bem como a legislação profissional.

Teorias e finalidades da Documentação .

Fizemos um estudo da Documentação em seus três tempos – a concepção Otletiana da Documentação ; a Documentação madura, de S. Briet; e a Documentação tardia, na qual o principal construtor teórico é o ciclo documentário, o que distingue do ciclo informacional. A banca cobra o assunto no que se refere às suas relações em comparação: Biblioteconomia , Documentação e Ciência da Informação.

Teorias e finalidades da Ciência da Informação.

No que se refere à Ciência da Informação, trouxemos uma importante questão do Tribunal Regional Eleitoral da banca FCC em 2017, o que reflete nos principais paradigmas da Ciência da Informação – a interdisciplinaridade, a dependência com a tecnologia e a participação na sociedade da informação.

Conceitos básicos da gestão da informação e do conhecimento.

Vimos os conceitos básicos da gestão da informação e do conhecimento, que serão continuados na próxima aula.

E, por fim, simulamos questões de estudo de caso.

3.2. – BIBLIOGRAFIA.

BIBLIOGRAFIA UTILIZADA.

ARAUJO, C. A. A. **Arquivologia, Biblioteconomia , museologia e Ciência da Informação:** o diálogo possível. Brasília, DF: Briquet de Lemos; São Paulo: ABRAINFO, 2014.

CASTRO, C. **História da Biblioteconomia brasileira.** Brasília: Thesaurus, 2000. ISBN 85-7062-239-2

CHOO, C. W. **A organização do conhecimento.** São Paulo: SENAC, 2006.

DAVENPORT, T. **Ecologia da informação.** São Paulo: Futura, 1998.

FIGUEIREDO, N. Bibliotecas universitárias e especializadas: paralelos e contrastes. **R. Bibliotecon. Brasília** 7 (1) jan./jun. 1979.

FONSECA, E. N. **Introdução à Biblioteconomia .** Brasília: Briquet de Lemos, 2007.

LE COADIC, Y- F. **A Ciência da Informação.** Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

LIMA, C. de B. **O Bibliotecário como mediador cultural:** concepções e desafios à sua formação. Tese de doutorado apresentada à Universidade de São Paulo para obtensão do título de doutor. São Paulo, 2016.

MCGEE, J; PRUSAK, L. **Gerenciamento estratégico da informação.** São Paulo: Campus, 1993.

MILANESI, L. **O que é biblioteca.** São Paulo: Brasiliense, 1983. (Coleção Primeiros Passos ; 94).

NONAKA, I.; TAKEUCHI, H. **Criação de conhecimento na empresa.** Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

_____. **Gestão do conhecimento.** Porto Alegre: Bookman, 2008.

PRADO, H. A. **Organização e administração de bibliotecas.** 2. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1992.

SOUZA, J. Perspectiva histórica de concepção da Lei 12.244/10. **Biblos:** Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, v. 31, n. 2, p. 99-129, jun./dez. 2017.

SOUTO, L. F. **Gestão da informação e do conhecimento:** práticas e reflexões. São Paulo: Interciência, 2013.

VALENTIM, M. L. **Formação do profissional da informação.** São Paulo: Polis, 2002. (Coleção Palavra-Chave ; 13).

VALENTIM, M. **Gestão, mediação e uso da informação.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

3.3. – HORA DE PRATICAR.

(IPHAN/CESPE/2018) Acerca da gestão da informação e do conhecimento, julgue os itens a seguir.

01. Enquanto a gestão da informação tem foco no capital intelectual da organização, como o mapeamento e a compreensão dos fluxos de informação, a gestão do conhecimento concentra-se no negócio da organização, especialmente quanto ao tratamento, à análise e à agregação de valor às informações.

02. Na gestão do conhecimento, a complexidade de ação encontra-se na inserção do conhecimento tácito dos empregados da organização.

03. A gestão do conhecimento alinha-se aos fluxos formais de informação à medida que acessa informações internas particionadas, as reestrutura e lhes dá novo significado, transformando-as em conhecimento tácito.

04. A gestão do conhecimento formaliza-se nas ações de consultar, compartilhar e colaborar, conhecidas como 3 Cs.

Resposta: E-C-E-C.

05. Enquanto a gestão da informação ocupa-se do mapeamento dos fluxos formais, ou seja, das inter-relações entre os diferentes setores da unidade de informação, como diretorias, departamentos etc., a gestão da informação faz o mapeamento dos fluxos informais, representados pelas relações entre empregados de diferentes setores.

06. A gestão da informação atua na perspectiva do conhecimento tácito, ou seja, com base em dados e informações armazenados em veículos de comunicação, como, por exemplo, livros, impressos ou digitais.

07. A gestão da informação atua no âmbito do conhecimento explícito, visando a ações como a seleção e o mapeamento dos fluxos, além do tratamento, do armazenamento, da disseminação e da mediação da informação e do uso de recursos tecnológicos.

Resposta: C-E-C.

Comentários:

01. O foco da gestão do conhecimento é que está no capital intelectual da organização. Além da gestão da informação enfocar na análise gerencial do negócio.
02. A complexidade de ação da gestão do conhecimento está em elicitar o conhecimento tácito dentro da cabeça das pessoas e torna-lo ativo organizacional.
03. A ordem dos “tratores” está trocada e altera o viaduto. Melhor seria ... alinha-se aos fluxos formais (...) e lhes dá novo significado, transformando-as em conhecimento explícito.
04. Sugiro a leitura do seguinte exemplar - SOUTO, L. F. Gestão da informação e do conhe-cimento. Disponível na Saraiva e indicado pela Sociedade Brasileira de Gestão do Conhecimento.
05. É uma questão passível de recurso. Não tem lógica nenhuma! Enquanto a gestão da informação ocupa-se (...), a gestão da informação faz (...). O item é construído para fazer uma comparação entre uma coisa diferente da outra. Eu deixei em branco.
06. Gestão da informação é igual a conhecimento explícito. A gestão da informação se relaciona a gestão do conhecimento como uma agenda preliminar desta. O item ainda reforça o erro quando associa conhecimento tácito a livros impressos ou digitais.
07. Conforme dito, a gestão da informação está para o conhecimento explícito. Muita atenção que a gestão da informação também pode lidar com informação informal ou não-estruturada, e não ouse confundir essas categorizações de Davenport com Nonaka & Takeuchi quando se trata de compará-las ao conhecimento tácito.

3.4. – GABARITO.

01. ERRADO.

02. CERTO.

03. ERRADO.

04. CERTO.

05. CERTO.

06. ERRADO.

07. CERTO.

BIBLIOTECONOMIA

ESTRATÉGIA CONCURSOS!

ESSA LEI TODO MUNDO CONHECE:
PIRATARIA É CRIME.

Mas é sempre bom revisar o porquê e como você pode ser prejudicado com essa prática.

1.

Professor investe seu tempo para elaborar os cursos e o site os coloca à venda.

2.

Pirata divulga ilicitamente (grupos de rateio), utilizando-se do anonimato, nomes falsos ou laranjas (geralmente o pirata se anuncia como formador de "grupos solidários" de rateio que não visam lucro).

3.

Pirata cria alunos fake praticando falsidade ideológica, comprando cursos do site em nome de pessoas aleatórias (usando nome, CPF, endereço e telefone de terceiros sem autorização).

4.

Pirata compra, muitas vezes, clonando cartões de crédito (por vezes o sistema anti-fraude não consegue identificar o golpe a tempo).

5.

Pirata fere os Termos de Uso, adultera as aulas e retira a identificação dos arquivos PDF (justamente porque a atividade é ilegal e ele não quer que seus fakes sejam identificados).

6.

Pirata revende as aulas protegidas por direitos autorais, praticando concorrência desleal e em flagrante desrespeito à Lei de Direitos Autorais (Lei 9.610/98).

7.

Concurseiro(a) desinformado participa de rateio, achando que nada disso está acontecendo e esperando se tornar servidor público para exigir o cumprimento das leis.

8.

O professor que elaborou o curso não ganha nada, o site não recebe nada, e a pessoa que praticou todos os ilícitos anteriores (pirata) fica com o lucro.

Deixando de lado esse mar de sujeira, aproveitamos para agradecer a todos que adquirem os cursos honestamente e permitem que o site continue existindo.